

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Quesler Fagundes Camargos

**Aplicativização, causativização e nominalização: uma análise unificada  
de estruturas argumentais em Tenetehára-Guajajara  
(Família Tupí-Guaraní)**

Belo Horizonte  
2017

Quesler Fagundes Camargos

**Aplicativização, causativização e nominalização: uma análise unificada  
de estruturas argumentais em Tenetehára-Guajajara  
(Família Tupí-Guaraní)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Sintaxe formal.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte.

Belo Horizonte

2017

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

C172a Camargos, Quesler Fagundes.  
Aplicativização, causativização e nominalização [manuscrito] :  
uma análise unificada de estruturas argumentais em Tenetehára-  
Guajajara (Família Tupí-Guaraní) / Quesler Fagundes Camargos. –  
2017.  
255 f., enc. : il.  
Orientador: Fábio Bonfim Duarte.  
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.  
Linha de Pesquisa: Sintaxe Formal.  
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas  
Gerais, Faculdade de Letras.  
Bibliografia: f. 241-255.

1. Índios – Línguas – Teses. 2. Língua tenetehara – Gramática –  
Teses. 3. Língua tenetehara – Sintaxe – Teses. 4. Língua tenetehara –  
Verbos – Teses. 5. Língua tenetehara – Morfologia – Teses. 6. Índios  
tenetehara – Teses. 7. Índios da América do Sul – Brasil – Línguas –  
Teses. I. Duarte, Fábio Bonfim. II. Universidade Federal de Minas  
Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 498.3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



## FOLHA DE APROVAÇÃO

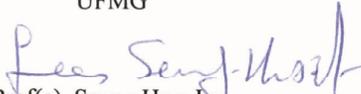
**APLICATIVIZAÇÃO, CAUSATIVIZAÇÃO E NOMINALIZAÇÃO: UMA ANÁLISE UNIFICADA DE ESTRUTURAS ARGUMENTAIS EM TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA (FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ)**

### QUÉSLER FAGUNDES CAMARGOS

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos em Sintaxe Formal.

Aprovada em 15 de março de 2017, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Fabio Bonfim Duarte - Orientador  
UFMG

  
Prof(a). Seung Hwa Lee  
UFMG

  
Prof(a). Maria José de Oliveira  
SEED-MG

  
Prof(a). Cilene Aparecida Nunes Rodrigues  
PUC-RJ

  
Prof(a). Marília Lopes da Costa Facó Soares  
UFRJ

Belo Horizonte, 15 de março de 2017.

**Para Lidiane**

## AGRADECIMENTOS

Tenho certeza que o presente trabalho não é o resultado exclusivo de meus esforços e comprometimentos. É por esse reconhecimento que externalizo meus sinceros agradecimentos àqueles que contribuíram com minhas pesquisas, estudos e reflexões. Agradeço ainda àqueles que, devido à minha dedicação a esse trabalho, privei de minha presença.

Por serem os mais importantes na minha vida, quero agradecer especialmente aos meus pais, Ivoni e Jeson, que mesmo não possuindo nenhuma experiência acadêmica sempre me proveram de total apoio e tranquilidade para que eu pudesse concluir essa trajetória. Conseguimos juntos! Aos meus amados irmãos, Tavane e Roger, agradeço por terem sido fortes e pacientes. Ao lado deles, minha amada esposa Lidiane, cuja paciência, força, atenção e carinho me alimentaram com estímulo para tudo que conseguimos e temos conseguido realizar.

Na academia, desde minhas aulas da graduação na Faculdade de Letras da UFMG, na época cursando a disciplina Introdução aos Estudos Linguísticos II, encontrei no professor Fábio Bonfim Duarte a inspiração para levar adiante a tarefa gratificante, e quase sempre altruísta, de trabalhar com os povos indígenas. A presente tese, sem dúvida, só foi possível devido à sua dedicação, confiança e fé na pesquisa científica. Obrigado por ter me proporcionado essa imensa experiência de aprendizagem e crescimento acadêmico e de amizade! Desejo que nossa parceria, que já dura uma década, continue por muitas outras mais.

Agradeço de forma muito carinhosa ao povo indígena Guajajára, o qual me ensinou a enxergar o mundo de uma maneira singular. Entre muitos, agradeço em especial à Maria Santana Kariamor Guajajára e Cíntia Haizumor Guajajára. Vocês duas, sem dúvida, estarão sempre em meus pensamentos e coração. Obrigado por terem me aceito como da família! *Penemiapo kwer ikatuahy ihewe!*

Aos componentes da banca examinadora: professoras Maria José de Oliveira, Jânia Martins Ramos, Cilene Aparecida Nunes Rodrigues, Marília Lopes da Costa Facó

Soares e professor Seung Hwa Lee; agradeço pela gentileza, atenção e seriedade que demonstraram na leitura de meu trabalho e na ocasião da arguição, tanto nos momentos em que foi possível aceitar as observações sem reservas, quanto naqueles em que discordei de algumas delas. Vocês foram de extrema importância, não só para melhorar a versão final desta tese, mas também para abrir caminho a novas investigações.

Ao longo dessa caminhada, os professores da Faculdade de Letras e principalmente os professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN) foram essenciais para que eu pudesse continuamente construir as bases da minha formação acadêmica e profissional. Muito obrigado!

Também não me esqueço do meu amigo e irmão Ricardo Campos de Castro, o Hikar, que foi um grande parceiro de pesquisa, tanto de gabinete quanto de trabalho de campo. Nossa amizade certamente jamais se findará. Agradeço também aos integrantes do nosso Laboratório de Línguas Indígenas da UFMG que se tornaram amigos, Maria José de Oliveira, Nasle Maria Cabana, Guilherme Lourenço de Souza, Selmo Azevedo Apontes, Bárbara Rocha, Ronaldo Rodrigues de Paula e Christiane Miranda Butters, os quais me acompanharam durante esses seis anos de Pós-Graduação.

Agradeço à Fundação Nacional do Índio (FUNAI), principalmente à Coordenação Regional do Maranhão – Imperatriz, que foi e tem sido muito bem representada por Raimunda Passos Almeida, Maria José Lopes Barros e Daniel Cunha de Carvalho. Muito obrigado por terem viabilizado minhas visitas às terras indígenas do povo Guajajára.

Agradeço ainda à Universidade Federal de Minas Gerais, por ter me aberto as portas para que eu pudesse cumprir o percurso da graduação ao doutorado. Foi neste local que tomei gosto por tudo o que faço hoje!

Por fim, agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cuja bolsa de pesquisa foi de grande valia durante toda a realização deste doutorado.

## RESUMO

Esta tese de doutorado tem por objetivo investigar as funções das projeções VoiceP e  $vP_{\text{CAUSE}}$ . Para isso, utilizo como ponto de partida principalmente os dados da língua Tenetehára-Guajajára (Família Linguística Tupí-Guaraní), os quais são o resultado de trabalhos de campo realizados no período de 2012 a 2015 nas Terras Indígenas Arariboia e Caru (localizadas no Estado do Maranhão, Brasil). Será proposta uma análise teórica que unifica os fenômenos gramaticais de aplicativização, causativização e nominalização na língua Tenetehára-Guajajára. De acordo com Pykkänen (2002, 2008), muitas das funções tradicionalmente associadas ao  $vP$  (CHOMSKY, 1995) estão distribuídas entre duas projeções independentes: VoiceP e  $vP_{\text{CAUSE}}$ . Neste trabalho, apresentarei uma visão geral da arguição a respeito dos papéis atribuídos à projeção VoiceP. Dentre os quais, destaco: introdução de um argumento externo (agente) e checagem de Caso abstrato do argumento interno. A projeção  $vP_{\text{CAUSE}}$ , por sua vez, tem a propriedade de codificar a semântica causativa. Investigarei as implicações que a língua Tenetehára traz para a hipótese segundo a qual algumas línguas projetam os núcleos de VoiceP e  $vP_{\text{CAUSE}}$  independentemente. Por exemplo, estruturas com verbos transitivos com morfologia causativa não projetam VoiceP se a morfologia aplicativa {*eru-*} participa da derivação. A evidência de que essa análise está correta é que as sentenças com tais características possuem o morfema causativo {*mu-*} fonologicamente realizado e nenhum argumento externo agente é introduzido. O mesmo resultado é encontrado quando um verbo transitivo causativo é submetido à nominalização. Portanto, a língua Tenetehára-Guajajára projeta VoiceP e  $vP_{\text{CAUSE}}$  independentemente, e a introdução do argumento externo está dissociada sintaticamente da introdução do significado causativo.

**Palavras-chave:** Línguas indígenas; Família linguística Tupí-Guaraní; Língua Tenetehára-Guajajára; Sintaxe; Morfologia; Teoria Gerativa.

## ABSTRACT

This doctoral dissertation aims to investigate the functions of VoiceP and  $vP_{\text{CAUSE}}$ . The main source of data is the Tenetehára-Guajajára language (Tupí-Guaraní Linguistic Family), with the data collected during fieldwork conducted between 2012 and 2015 in the Arariboia and Caru Indigenous Lands (located in the State of Maranhão, Brazil). A theoretical proposal will be presented to unify the grammatical phenomena of applicativization, causativization and nominalization in the Tenetehára-Guajajára language. According to Pylkkänen (2002, 2008), many of the original functions of the  $vP$  (CHOMSKY, 1995) have been divided between two independent projections: VoiceP and  $vP_{\text{CAUSE}}$ . In this work, I will provide an overview of the argumentation concerning the roles ascribed to the VoiceP projection. These include: introduction of the external argument (agent argument) and checking of the abstract Case of the internal argument. The  $vP_{\text{CAUSE}}$  projection, in turn, has the function of introducing causative meaning. I will investigate the implications for the Tenetehára-Guajajára language of the hypothesis that some languages project VoiceP and  $vP_{\text{CAUSE}}$  independently. For example, derived causative transitive verbs do not project VoiceP if the applicative morphology {*eru-*} participates in the derivation. The best evidence comes from sentences with no external argument, although the causative morphology {*mu-*} is present. The same holds for causative transitive verbs when they are nominalized. Therefore, the Tenetehára-Guajajára language projects VoiceP and  $vP_{\text{CAUSE}}$  independently, and the introduction of the external argument is syntactically disassociated from the introduction of causative meaning.

**Keywords:** Amerindian languages; Tupí-Guaraní Linguistic Family; Tenetehára-Guajajára language; Syntax; Morphology; Generative Theory.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Trabalhos de campo realizados durante a pesquisa.....	20
Quadro 2 – Trabalhos de linguística publicados sobre o Guajajára e o Tembé .....	24
Quadro 3 – Tipologia de núcleos de evento.....	45
Quadro 4 – Tronco Tupí.....	89
Quadro 5 – Família Tupí-Guaraní.....	90
Quadro 6 – Estrutura morfológica do verbo em Tenetehára-Guajajára .....	92
Quadro 7 – Primeiro e segundo paradigma de concordância.....	96
Quadro 8 – Terceiro paradigma de concordância .....	100
Quadro 9 – Prefixos relacionais .....	108
Quadro 10 – Nominalizadores em Tenetehára-Guajajára .....	114
Quadro 11 – Tipologia dos causativos nas línguas naturais.....	129
Quadro 12 – Propriedades do morfema causativo {-kar} .....	144
Quadro 13 – Tipologia dos aplicativos nas línguas naturais.....	169
Quadro 14 – Propriedades de nominalizações e orações relativas.....	209
Quadro 15 – Propriedades de nominalizações de resultado e evento.....	235

## LISTA DE GLOSAS E SÍMBOLOS

-	Fronteira de morfema
*	Construção agramatical
~	Fronteira de morfema reduplicado
<CL>	Consoante latente
=	Fronteira de clítico
1	Primeira pessoa
2	Segunda pessoa
3	Terceira pessoa
A	Sujeito de verbo transitivo
AC	Anti-causativo
ACC	Caso acusativo
ACT	Voz ativa
ADJ.SUP	Adjetivo superfície
APASS	Antipassiva
APPL	Morfema aplicativo
ASP	Morfema de aspecto gramatical
ATT	Modalidade epistêmica: atestado pelo falante
BEN	Benefactivo
C	Prefixo relacional marcando adjacência do complemento
CAUS	Morfema causativo
CERT	Partícula de modalidade epistêmica: valor de certeza
COMPL	Completiva
CONC	Concordância de não primeira pessoa do singular
COND	Condicional
CONT	Continuativo
CORR	Prefixo correferencial
CT	Consoante temática
DAT	Caso dativo
DEM	Demonstrativo
DEMS	Demonstrativo
DESID	Prefixo indicador de humor desiderativo
DET	Determinante
DIM	Sufixo diminutivo
DTR	Detransitivizador
DUV	Partícula de modalidade epistêmica: valor de dúvida
ENF	Enfático
EP	Epêntese
ERG	Caso ergativo
EXORT	Exortativo

F	Feminino
FEM	Feminino
FUT	Partícula marcadora de tempo futuro
IMP	Imperativo (ordem para ação rápida)
INDEF	Pronome indefinido
INFIN	Morfema de infinitivo
INT	Modalidade: valor intencional
INTER	Interrogativo
INTRANS	Morfema intransitivizador
INTS	Intensificador
ITER	Aspecto iterativo
LOC	Locativo
M	Masculino
MASC	Masculino
MOD	Modo verbal
MS	Marca de sujeito
N	Neutro
NATT	Modalidade epistêmica: não atestado pelo falante
NC	Prefixo relacional marcando não adjacência do complemento
NEG	Morfema de negação
NOM	Caso nominativo
NOML	Sufixo de nominalização
O	Objeto de verbo transitivo
OBJ	Sufixo marcador de objeto
OBL	Caso oblíquo
P	Pessoa
PART	Caso partitivo
PASS	Morfema de voz passiva
PAST	Morfema de tempo passado
PAST.DIST	Morfema de tempo passado distante
PAST.REC	Morfema de tempo passado recente
PERF	Perfectivo
PL	Marca de plural
PNCT	Pontual
PO	Morfema de plural na função de objeto
POL	Polido
PROG	Aspecto progressivo
PROJ	Aspecto projetivo
PRT	Partícula
PS	Morfema de plural na função de sujeito
PSP	Posposição
RADIC	Radical verbal (morfema pertencente ao radical verbal)

REC	Morfema recíproco
RED	Reduplicação morfológica
REFL	Morfema reflexivo
REL	Relacional
RFL	Reflexivo
RLZ	Aspecto realizado
S	Sujeito de verbo intransitivo
SG	Singular
SO	Morfema de singular na função de objeto
SS	Morfema de singular na função de sujeito
STAT	Estativo
SUJ	Sujeito
TH	Sufixo temático
TOP	Posição de tópico
TRANSL	Caso translativo
UNPOSS	Não possuído
VBLZ	Verbalizador
VERD	Aspecto de intensidade (verdadeiro)
VF	Vogal final

# SUMÁRIO

<b>Capítulo 1 - <i>Introdução</i></b>	<b>16</b>
1.1 Objetivos da tese de doutorado .....	17
1.2 Trabalho de campo e organização dos dados .....	19
1.3 Metodologia de coleta de dados .....	21
1.4 Estudos linguísticos anteriores a respeito da língua Tenetehára-Guajajára .....	24
1.5 Estrutura da tese .....	27
<b>Capítulo 2 - <i>Quadro teórico</i></b>	<b>33</b>
2.1 Morfologia Distribuída.....	35
2.2 Introdução de argumento externo.....	40
2.3 As propriedades de $vP$ .....	44
2.4 A separação de $v^0_{CAUSE}$ e $Voice^0$ .....	46
2.4.1 Parâmetro: Agregação de Voice	56
2.4.2 Funções de $vP$	59
2.5 O caso dos núcleos sincréticos.....	61
2.5.1 Língua Kuikuro (Karib)	62
2.5.2 Língua Wari' (Txapakura)	69
2.6 O caso dos núcleos cindidos .....	73
2.6.1 Língua Paresi-Haliti (Arawak)	73
2.6.2 Língua Ticuna (isolada)	80
2.7 Resumo do capítulo.....	85
<b>Capítulo 3 - <i>Morfossintaxe da língua Tenetehára-Guajajára</i></b>	<b>87</b>
3.1 O Tenetehára-Guajajára e a família linguística Tupí-Guaraní .....	88
3.2 A estrutura do verbo.....	91
3.2.1 Tipos de verbos e sistema de concordância verbal	93
3.2.2 Mecanismos de mudança de valência	101
3.3 A estrutura do nome .....	106
3.3.1 A categoria de posse	107
3.3.2 Tempo nominal	111
3.3.3 Nominalização de verbal	113
3.4 Resumo do capítulo.....	118

<b>Capítulo 4 - <i>Causativização</i></b>	<b>119</b>
4.1 Causativos nas línguas naturais.....	120
4.2 Causativos morfológicos em Tenetehára-Guajajára .....	129
4.2.1 Aspectos morfosintáticos	130
4.2.2 Aspectos semânticos	133
4.3 Causativo produtivo e lexical em Tenetehára-Guajajára .....	139
4.3.1 Causativo produtivo	139
4.3.2 Causativo lexical	145
4.4 O autoencaixamento de vP.....	156
4.5 Resumo do capítulo.....	161
<b>Capítulo 5 - <i>Aplicativização</i></b>	<b>163</b>
5.1 Tipologia dos aplicativos .....	165
5.2 Aplicativo alto.....	169
5.2.1 Aplicativo alto em Tenetehára-Guajajára	172
5.2.2 Propriedades dos objetos aplicados	175
5.3 Aplicativo alto na função de sujeito.....	179
5.4 Resumo do capítulo.....	183
<b>Capítulo 6 - <i>Nominalização agentiva</i></b>	<b>185</b>
6.1 A sintaxe e a morfologia das nominalizações .....	186
6.2 Nominalização agentiva em Tenetehára-Guajajára.....	191
6.2.1 Morfologia causativa	192
6.2.2 Morfologia de aplicativo alto	194
6.2.3 Advérbios de modo	195
6.2.4 Morfologia de VoiceP	197
6.2.5 Advérbios de agente	201
6.2.6 Negação verbal	203
6.2.7 Morfologia de tempo	204
6.3 Proposta teórica.....	207
6.4 Resumo do capítulo.....	210
<b>Capítulo 7 - <i>Nominalização resultativa e eventiva</i></b>	<b>212</b>
7.1 Nomes deverbais que denotam resultado .....	214
7.1.1 Estrutura interna do nomes deverbais	215
7.1.2 Orações relativas	220

7.2 Nomes deverbais que denotam evento .....	222
7.2.1 Morfologia causativa	223
7.2.2 Morfologia de aplicativo alto	224
7.2.3 Advérbios de modo	225
7.2.4 Morfologia de VoiceP	227
7.2.5 Advérbios de agente	229
7.2.6 Negação verbal	231
7.2.7 Morfologia de tempo	232
7.3 Proposta teórica.....	234
7.4 Resumo do capítulo.....	236
<b><i>Considerações finais</i></b>	<b>237</b>
<b><i>Referências</i></b>	<b>241</b>

# Capítulo 1

## *Introdução*

Nesta tese de doutorado, tenho por objetivo investigar as construções que envolvem os processos de causativização, aplicativização e nominalização do ponto de vista morfológico e sintático, a fim de examinar quais são as implicações dessas construções para a projeção de *vP*, no âmbito da teoria gerativa. A partir desse objetivo, surge a avaliação das hipóteses descritivas, explicativas e teóricas de aspectos morfossintáticos da língua Tenetehára-Guajajára, a qual, conforme Rodrigues (1985, 1986, 1999) e Rodrigues & Cabral (2002), pertence ao Ramo IV da família linguística Tupí-Guaraní, tronco Tupí.

Este capítulo introdutório está dividido em cinco seções. Na seção 1.1, apresento o objetivo geral e os objetivos específicos que norteiam esta pesquisa. Na seção 1.2, exponho os trabalhos de campo que foram necessários para o levantamento de dados e verificação de hipóteses. Na seção 1.3, discuto os métodos e as metodologias utilizadas para satisfazer os objetivos desta tese. Na seção 1.4, faço uma breve exposição dos

trabalhos que já foram realizados sobre a língua Tenetehára-Guajajára. E, por fim, na seção 1.5, finalizo com uma descrição da estrutura da tese.

## 1.1 Objetivos da tese de doutorado

Este trabalho tem por objetivo investigar a morfologia e a sintaxe de algumas construções que envolvem a projeção de  $vP$ . Em termos empíricos, utilizo como principal ponto de partida a língua indígena Tenetehára-Guajajára. Uma das propostas centrais deste trabalho é que as funções gramaticais tradicionalmente atribuídas à  $vP$ , conforme Chomsky (1995), estão, na verdade, sintaticamente distribuídas em, pelo menos, duas projeções distintas, como afirma Pylkkänen (2002, 2008). VoiceP é a mais alta dessas duas projeções e está associada às seguintes funções: (i) licencia um argumento externo e lhe atribui papel temático; (ii) atribui Caso abstrato ao argumento interno; e, finalmente, (iii) é o domínio responsável pela voz verbal (voz ativa vs. voz reflexiva, por exemplo). A outra projeção, mais baixa, é  $vP_{CAUSE}$ , cuja função é introduzir a semântica causativa e verbalizar uma raiz indeterminada (se for aplicável).

Em consonância com Pylkkänen (2002, 2008), em termos gerais, corroboro a proposta segundo a qual há separação da projeção que introduz argumento externo da projeção que codifica a semântica causativa. Como será apresentada nos capítulos seguintes, tal proposta é particularmente evidenciada nos contextos que envolvem, principalmente, morfologia de aplicativo e de nominalizações em Tenetehára-Guajajára. De modo geral, a hipótese é que essas estruturas apresentam uma configuração sintática

que, por um lado, contém uma morfologia causativa e, por outro, não exibe a projeção de VoiceP. Portanto, ainda que apresente uma interpretação causativa, não há nenhum argumento externo agente expreso nas sentenças.

Por conseguinte, o objetivo geral desta tese consiste em demonstrar que a língua Tenetehára-Guajajára projeta os núcleos de VoiceP e  $vP_{CAUSE}$  de forma cindida.

Já os objetivos específicos são os seguintes:

- i. Investigar as propriedades morfossintáticas e semânticas dos morfemas causativos  $\{mu-\}$  e  $\{-kar\}$ , com o intuito de conferir se apresentam características de causativos lexicais ou causativos produtivos<sup>1</sup>.
- ii. Verificar se os causativos  $\{mu-\}$  e  $\{-kar\}$  apresentam restrições semânticas e sintáticas. Ademais, constatar a possibilidade de coocorrência de morfologias causativas, a fim de examinar a possibilidade de haver autoencaixamento de  $vP$  nessa língua.
- iii. Aprofundar os estudos acerca das propriedades gramaticais envolvidas nas construções aplicativas, com a finalidade de averiguar se essas estruturas apresentam evidências de que VoiceP e  $vP_{CAUSE}$  podem ser projetados de forma cindida em Tenetehára-Guajajára.
- iv. Pesquisar as construções que envolvem o nominalizador de agente  $\{-har\}$ , com o desígnio de verificar se essas construções exibem evidências de que a projeção de  $vP_{CAUSE}$  pode ser projetada sem que um

---

<sup>1</sup> Os causativos produtivos seguem um paradigma e são totalmente previsíveis, ao passo que os causativos lexicais são imprevisíveis e idiossincráticos.

argumento externo agente emerja na construção, demonstrando, destarte, que VoiceP não é projetado.

- v. Analisar as nominalizações de evento e de resultado, que em Tenetehára-Guajajara são derivadas por meio do nominalizador  $\{-haw\}$ . A intenção é mostrar que, conquanto não haja na estrutura a projeção de VoiceP, o núcleo de  $vP_{CAUSE}$  pode ser instanciado por meio de morfologia causativa.

Pode-se afirmar que as questões que serão analisadas neste trabalho são de interesse gerativista, uma vez que foram formuladas a partir dos pressupostos básicos da Teoria Gerativa e das propostas teóricas que têm sido, desde então, desenvolvidas por inúmeros linguistas, tais como: Larson (1988), Hale & Keyser (1993, 2002), Chomsky (1995, 2000, 2001), Kratzer (1996), Miyagawa (1998), Pytkänen (2002, 2008), Harley (1995, 2008, 2013ab), Baker & Vinokurova (2009), Key (2013), entre muitos outros.

## **1.2 Trabalho de campo e organização dos dados**

Os dados analisados nesta tese foram coletados principalmente durante a realização de cinco trabalhos de campo, os quais ocorreram nas Terras Indígenas Araribóia e Caru, durante o período de dezembro de 2012 a dezembro de 2015. Apresento, a seguir, o Quadro 1, no qual especifico as aldeias visitadas, os períodos de viagens, os temas investigados e a quantidade de consultores indígenas, da etnia Guajajara, envolvidos em cada trabalho.

Quadro 1 – Trabalhos de campo realizados durante a pesquisa

<b>Aldeia</b>	<b>Período</b>	<b>Investigação</b>	<b>Quantidade de consultores</b>
Aldeias Lagoa Quieta, Chapadinha e Juçaral (Terra Indígena Araribóia)	Dezembro de 2012 (15 dias)	i. Causativização de verbos intransitivos ativos e inativos ii. Causativização de verbos transitivos	4 (Chapadinha) 1 (Lagoa Quieta) 2 (Juçaral)
Aldeias Lagoa Quieta, Lagoa Comprida e Chapadinha (Terra Indígena Araribóia)	Setembro e outubro de 2013 (45 dias)	i. Construções aplicativas ii. Estruturas reflexivas iii. Construções antipassivas iv. Nominalizações deverbais v. Construções causativas	2 (Lagoa Quieta) 2 (Chapadinha) 2 (Lagoa Comprida)
Aldeia Zutiwa (Terra Indígena Araribóia)	Dezembro de 2014 (15 dias)	i. Nominalizações deverbais ii. Construções aplicativas	5 (Zutiwa)
Aldeia Maçaranduba (Terra Indígena Caru)	Junho de 2015 (15 dias)	i. Construções aplicativas ii. Estruturas reflexivas iii. Construções antipassivas iv. Nominalizações deverbais v. Construções causativas	2 (Maçaranduba)
Aldeia Zutiwa e Barreirinha (Terra Indígena Araribóia)	Dezembro de 2015 (15 dias)	i. Causativização de transitivos ii. Nominalizações deverbais	5 (Zutiwa) 2 (Barreirinha)

É importante ressaltar que os consultores indígenas envolvidos na presente pesquisa são professores ou sabedores indígenas, com idade entre 30 e 50 anos, tanto do sexo masculino, quanto do sexo feminino. Foram escolhidos indivíduos bilíngues, em que a primeira língua fosse necessariamente o Tenetehára-Guajajara. Todas as

elicitações de sentenças e todos os textos orais (histórias e narrativas tradicionais) foram gravados e armazenados em um banco de dados único. Além de gravados, os dados foram posteriormente transcritos, quase sempre com o auxílio de professores indígenas.

### 1.3 Metodologia de coleta de dados

Nesta seção, exponho a metodologia empregada nos trabalhos de campo que foram realizados no desenvolvimento da pesquisa de doutorado com os colaboradores Tenetehára-Guajajára. De modo geral, utilizei pelos menos quatro métodos, a saber:

- i. **Produção de narrativas:** solicitei aos colaboradores indígenas que narrassem histórias reais e/ou tradicionais, a fim de formar um banco de dados de uso menos controlado da língua Tenetehára-Guajajára. Essas narrativas foram posteriormente transcritas e traduzidas. O intuito era investigar vários fenômenos gramaticais e conhecer melhor o funcionamento da língua.
- ii. **Produção de sentenças em Tenetehára-Guajajára:** pedi aos colaboradores que traduzissem para a língua Tenetehára-Guajajára algumas sentenças formuladas em português. O objetivo era estudar fenômenos gramaticais específicos. Para garantir a interpretação adequada das sentenças em português, quase sempre eram apresentados

contextos situacionais<sup>2</sup>, a fim de que eventuais barreiras linguísticas pudessem ser superadas.

- iii. **Produção de sentenças em português (retrotradução):** requisitei aos colaboradores que traduzissem para a língua portuguesa as sentenças que tinham sido formuladas anteriormente em Tenetehára-Guajajára, com a intenção de certificar se as sentenças produzidas na língua indígena de fato correspondiam ao que tinha sido solicitado. Quando era o caso, era requerido aos professores indígenas que apresentassem os contextos situacionais em que as sentenças pudessem ser utilizadas.
- iv. **Teste de gramaticalidade:** foi solicitado ainda aos colaboradores que julgassem sentenças em Tenetehára-Guajajára, as quais eram apresentadas oralmente ou por escrito, a fim de que eles pudessem me

---

<sup>2</sup> Entendo que trabalhar com o sentido de um determinado enunciado, sem levar em consideração as circunstâncias possíveis de suas ocorrências (i.e. sem considerar o contexto e a situação envolvida), pode resultar em um trabalho eivado de equívocos e carente de demonstração. A partir da definição de Costa Val (1999), que afirma que “texto é uma ocorrência lingüística, falada ou escrita, de qualquer extensão, dotado de unidades sócio-comunicativa semântica e formal”, vou exemplificar a seguir o uso do contexto situacional para a realização da pesquisa que originou esta tese de doutorado. Considere a seguinte situação: “Um menino entrou em uma casa e provocou acidentalmente um incêndio. Incapaz de se retirar da casa, acabou ficando inconsciente devido à quantidade de fumaça. Um homem, passando pelo local e compreendendo a situação, adentrou a casa e retirou o menino em segurança”. Apresentado esse contexto situacional ao professor indígena, foi solicitado que ele escolhesse a sentença em Tenetehára-Guajajára que melhor traduzisse a ação realizada pelo homem. Dentre as duas opções abaixo, o falante afirmou que a sentença em (i) é adequada a esse contexto e que a sentença em (ii) não poderia ser utilizada para essa situação específica. Diante disso, foi solicitado ao mesmo falante que construísse um contexto situacional que melhor exemplificaria o uso da sentença (ii). Note que a tradução para o português nestas duas sentenças não captura uma propriedade presente na gramática da língua Tenetehára-Guajajára, que é a distinção entre causação direta e causação indireta, as quais são codificadas por meio dos morfemas {*mu-*} {-*kar*}. Esse fenômeno gramatical será tratado no Capítulo 4.

- (i) *u-mu-hem awa kwarer t-àpuz ø-wi a'e*  
 3-CAUS-sair homem menino 3INDEF-casa c-de 3  
 “O homem fez o menino sair de casa”
- (ii) *u-mu-hem-kar awa kwarer t-àpuz ø-wi a'e*  
 3-CAUS-sair-CAUS homem menino 3INDEF-casa c-de 3  
 “O homem fez o menino sair de casa”

informar se eram boas e bem formadas (gramaticais) ou ruins e mal formadas (agramaticais). Em algumas situações, era proposta uma escala de gramaticalidade, em que o colaborador avaliava as sentenças, atribuindo as seguintes notas: 10 para gramatical, 5 para estranha e 0 para inaceitável.

O primeiro método de trabalho tinha por objetivo formar um banco de dados, cujo objetivo era servir como fonte de informações acerca dos mecanismos morfossintáticos da língua Tenetehára-Guajajára. O intento era compreender os mais diversos processos de formação de palavras e de sentenças nessa língua, de modo a termos conhecimento das diversas estruturas.

O segundo e terceiro método de trabalho eram necessários para se formar um banco de dados específico para cada fenômeno linguístico investigado. Com a finalidade de garantir a qualidade das informações, tive o cuidado de sempre contextualizar cada sentença, tanto na tradução para a língua indígena, quanto na tradução para a língua portuguesa. Em alguns contextos, principalmente quando o colaborador indígena demonstrava dúvida quanto ao uso da língua portuguesa, a interpretação e a contextualização apresentada por ele eram mais relevantes do que uma possível tentativa de tradução.

O quarto método foi imprescindível para que se pudesse avaliar e verificar hipóteses descritivas e explicativas a respeito dos aspectos morfossintáticos da língua Tenetehára-Guajajára. Esse método foi necessário principalmente para a testagem de hipóteses teóricas de dados relativos aos fenômenos em investigação: se os exemplos na

língua em análise eram possíveis ou não. Compreendo que as construções possíveis em Tenetehára-Guajajára são aquelas efetivamente produzidas ou compreendidas pelos falantes.

## 1.4 Estudos linguísticos anteriores a respeito da língua Tenetehára-Guajajára

A língua Tenetehára tem sido objeto de investigação de linguistas principalmente a partir dos anos 2000, ocasião em que as pesquisas linguísticas começaram a se intensificar significativamente. Alguns dos mais importantes trabalhos publicados sobre o Tenetehára, em seus dialetos Guajajára e Tembé, estão resumidos no Quadro 2. Para a redação final desta tese de doutorado, estes trabalhos foram consultados e, em alguns casos, foram discutidos e diretamente referenciados. Para não tornar a lista tão exaustiva, omiti os trabalhos não publicados e publicados em Anais de Evento. Há ainda alguns outros trabalhos publicados sobre os Tenetehára que, por tratarem de assuntos externos à temática linguística, não incluí no Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 – Trabalhos de linguística publicados sobre o Guajajára e o Tembé

<b>Dialeto</b>	<b>Natureza</b>	<b>Trabalho</b>	<b>Descrição</b>
Guajajára	Livro	Bendor-Samuel (1963)	Análise da fonologia.
Guajajára	Livro	Bendor-Samuel (1969)	Esboço de gramática.
Tembé	Livro	Boudin (1978)	Dicionário.

<b>Dialeto</b>	<b>Natureza</b>	<b>Trabalho</b>	<b>Descrição</b>
Tembé	Livro	Duarte (2007a)	Estudos sobre alguns aspectos da morfologia e sintaxe.
Tembé	Livro	Duarte (2008)	Coletânea de narrativas.
Guajajára	Livro	Harrison & Harrison (2013)	Dicionário.
Tembé	Tese de Doutorado	Duarte (2003)	Análise das ordens dos constituintes.
Guajajára & Tembé	Tese de Doutorado	Silva (2010)	Estudos histórico-comparativos sobre a diversificação das línguas Tupí-Guaraní.
Guajajára	Tese de Doutorado	Castro (2017)	Estudos morfossintáticos: incorporação e alçamento de objetos, estruturas causativas, antipassivas, reflexivas, recíprocas e anticausativas, nominalização de agente e circunstância.
Tembé	Dissertação de Mestrado	Duarte (1997)	Análise gramatical das orações.
Tembé	Dissertação de Mestrado	Carvalho (2001)	Mudanças estruturais devido ao contato com outras línguas.
Guajajára	Dissertação de Mestrado	Castro (2007)	Estudos sobre a interface morfologia e sintaxe.
Guajajára & Tembé	Dissertação de Mestrado	Carreira (2008)	Análise dos parâmetros e macroparâmetros.
Guajajára	Dissertação de Mestrado	Camargos (2013a)	Estudo das construções causativas.
Guajajára	Trabalho de Conclusão de Curso	Camargos (2010)	Análise das construções de natureza adjetival.
Guajajára	Capítulo de livro	Harrison (1986)	Estudos de ergatividade, desarmonia tipológica e ordem de palavras.
Guajajára	Artigo em periódico	Harrison (1995)	Investigação das construções causativas e desiderativas.
Tembé	Artigo em periódico	Duarte (1998)	Ordem dos constituintes.

<b>Dialeto</b>	<b>Natureza</b>	<b>Trabalho</b>	<b>Descrição</b>
Tembé	Artigo em periódico	Duarte (2000)	Análise dos movimentos de constituinte.
Tembé	Artigo em periódico	Duarte (2002)	Estudos das construções de gerúndio.
Tembé	Artigo em periódico	Duarte (2004)	Estudo sobre as construções negativas.
Tembé	Artigo em periódico	Duarte (2005)	Análise dos prefixos relacionais.
Tembé	Artigo em periódico	Duarte (2006)	Codificação dos argumentos nucleares e análise da ergatividade cindida.
Tembé e Guajajára	Artigo em periódico	Silva & Cabral (2006)	Estudo sobre a partícula <i>pà</i> .
Tembé	Capítulo de livro	Carvalho (2007)	Mudanças estruturais.
Tembé	Capítulo de livro	Duarte (2007b)	Investigação dos sistemas de quantificação nominal.
Guajajára	Capítulo de livro	Duarte & Castro (2010)	Análise da inegatividade, causativização e incorporação nominal.
Guajajára	Capítulo de livro	Duarte & Camargos (2011)	Investigação das construções causativas.
Guajajára	Artigo em periódico	Duarte (2012)	Estudo sobre o movimento de núcleo e de constituintes.
Guajajára	Artigo em periódico	Camargos (2013b)	Estudos da causativização morfológica.
Guajajára	Artigo em periódico	Castro (2013)	Investigação do epifenômeno da alternância de valência.
Guajajára	Artigo em periódico	Camargos & Castro (2013)	Investigação da estrutura interna dos sintagmas nominais.
Guajajára	Capítulo de livro	Camargos & Duarte (2013)	Estudos das construções de base adjetival.
Guajajára	Artigo em periódico	Silva, T. (2013)	Análise do indicativo II.
Guajajára	Capítulo de livro	Duarte, Castro & Camargos (2014)	Análise dos processos gramaticais de quantificação.

<b>Dialeto</b>	<b>Natureza</b>	<b>Trabalho</b>	<b>Descrição</b>
Guajajára	Artigo em periódico	Duarte, Camargos & Castro (2014)	Análise das estruturas antipassivas.
Guajajára	Artigo em periódico	Camargos (2014)	Análise do morfema causativo {-kar}.
Guajajára	Artigo em periódico	Castro & Camargos (2015)	Investigação das propriedades verbais em estruturas nominalizadas.
Guajajára	Artigo em periódico	Camargos (2016)	Investigação das nominalizações.
Guajajára	Artigo em periódico	Duarte, Camargos & Castro (2016)	Investigação do fenômeno da antipassiva.
Guajajára	Artigo em periódico	Camargos (2017)	Análise do sistema de concordância verbal.

## 1.5 Estrutura da tese

Esta tese está organizada da seguinte maneira. **No capítulo 2**, apresento os pressupostos teóricos que servem como fundamento para a análise e investigação da língua Tenetehára-Guajajára. Discuto a proposta teórica de Pylkkänen (2002, 2008), segundo a qual as funções originais de  $vP$  estão divididas em duas projeções independentes, a saber: VoiceP e  $vP_{CAUSE}$ . Com base no japonês e no finlandês, essa autora propõe um parâmetro chamado “Agregação de Voice”, segundo o qual: (i) algumas línguas projetam os núcleos de VoiceP e  $vP_{CAUSE}$  de forma sincrética; dessa forma, todas as funções de  $vP$  estão unificadas em uma única projeção; e (ii) outras

línguas projetam os núcleos de VoiceP e  $vP_{CAUSE}$  de forma cindida; destarte, as funções estão distribuídas entre essas duas projeções. Considero ainda que a cisão de  $vP$  proposta por Pylkkänen (2002, 2008) é, na verdade, o resultado da projeção dos traços subjacentes do núcleo de  $vP$  em, pelo menos, dois outros núcleos sintáticos distintos, Voice<sup>o</sup> e  $v^o_{CAUSE}$ . Por essa razão, o núcleo de VoiceP tem o traço-D, o qual é responsável pelo licenciamento do argumento externo, ao passo que o núcleo de  $vP_{CAUSE}$  tem o traço abstrato [CAUSA], o qual permite interpretação semântica de causação. Com base nessa delimitação teórica, antes de analisar a língua Tenetehára-Guajajára, vou investigar ainda no capítulo 2 quais são as implicações que os trabalhos recentes a respeito das línguas Kuikuro (Karib), Wari' (Txapakura), Paresi-Haliti (Arawak) e Ticuna (isolada) trazem para a hipótese de Pylkkänen (2002, 2008).

**No capítulo 3**, tenho por objetivo apresentar alguns aspectos gramaticais da língua Tenetehára-Guajajára. Considero essas informações como essenciais para a compreensão das generalizações teóricas a respeito da interação entre a sintaxe e a morfologia, as quais serão discutidas nesta tese. Em suma, será apresentada a estrutura morfológica do verbo, que permite a afixação de morfemas de concordância de sujeito e objeto, de aumento de valência (causativos e aplicativos), de diminuição de valência (reflexivo e voz anticausativa), de aspecto, de negação, além de permitir incorporação nominal. Outrossim, serão apresentados os mecanismos de nominalização verbal. Há em Tenetehára-Guajajára pelo menos cinco nominalizadores, a saber: (i) o nominalizador {-haw} de evento e resultado; (ii) o nominalizador {-ma'e} de sujeito de verbos intransitivos; (iii) o nominalizador {-har} de sujeito agente de verbo transitivo; e, por fim (iv) dois nominalizadores {emi-} e {-pyr} de objeto paciente/tema. Além da

estrutura do verbo, examino a estrutura morfológica do nome, a qual apresenta, entre outros morfemas, um sistema morfológico de codificação de posse e um sistema temporal específico dos sintagmas nominais.

**No capítulo 4**, pesquiso as construções causativas na língua Tenetehára-Guajajara, as quais apresentam dois morfemas causativos. Descritivamente, o prefixo {*mu-*} afixa-se a verbos intransitivos, ao passo que o sufixo {-*kar*} se junta a verbos transitivos. Além dessa diferença, esses dois morfemas se distinguem ainda em várias outras propriedades, as quais são exibidas abaixo, mas não se limitam a elas.

- i. O causativo {*mu-*} introduz uma semântica de causação direta e o causativo {-*kar*} exibe uma semântica de causação indireta.
- ii. O causativo {*mu-*} pode produzir predicados com interpretação idiomática, ao passo que isso é impossível com o causativo {-*kar*}.
- iii. O causativo {*mu-*} resulta em mono-orações, enquanto o causativo {-*kar*} gera sentenças mono-oracionais que apresentam algumas propriedades bioracionais.

Uma pergunta que deverá ser respondida é de quais maneiras esses dois tipos de causativos podem ser introduzidos na derivação sintática. Eles envolvem os mesmos traços subjacentes? A fim de responder essa questão, investigarei o que exatamente é adicionado sintaticamente em construções causativas e quais são os efeitos semânticos desse processo. Por fim, considerando que os causativos lexicais e produtivos instanciam o núcleo *v* (MIYAGAWA, 1998; HARLEY, 1995, 2008, 2013ab), examinarei os

contextos em que a língua Tenetehára-Guajajára exhibe dupla causativização. Pode-se afirmar que isso só é possível porque a língua Tenetehára-Guajajára permite que um núcleo *v* selecione como complemento outro *v* causativo.

**No capítulo 5**, verifico as contribuições que as construções aplicativas em Tenetehára-Guajajára trazem para um estudo da projeção *v*P. Será mostrado que, em uma construção aplicada, o predicado verbal passa a selecionar um argumento adicional na sua estrutura argumental. Nessa língua, o núcleo aplicativo instanciado pelo morfema {*eru-*} denota uma relação de um objeto aplicado com o evento descrito pelo verbo<sup>3</sup>. Logo, esse argumento aplicado deve se combinar sintaticamente com *v*. Com base nessas considerações, analisarei as propriedades gramaticais desse morfema aplicativo. Em termos descritivos, o prefixo {*eru-*} se junta a verbos intransitivos a fim de introduzir um objeto sintático com a função semântica de comitativo (VIEIRA, 2001, 2010a, CASTRO, 2013). O curioso é que, quando o prefixo {*eru-*} se junta a verbos transitivos, aparentemente nenhum argumento adicional é licenciado na estrutura argumental. Isto porque o verbo transitivo inicial mantém aparente e superficialmente a mesma quantidade de argumentos nucleares. Será mostrado que a adição dessa morfologia faz com que o sujeito inicialmente agentivo passe a exercer a função semântica de comitativo, conforme o exemplo em (1).

---

<sup>3</sup> Deve-se ressaltar que o primeiro trabalho a respeito de uma língua Tupí-Guaraní que tratou o prefixo {*eru-*} como morfema aplicativo foi o de Vieira (2001), a qual analisou a língua Mbya-Guaraní. A respeito desse prefixo, Vieira (2001, p. 82) afirma que “em Mbya-Guarani, assim como em várias outras línguas da família Tupí-Guaraní, existe um morfema, denominado na literatura de causativo comitativo, que indica que tanto o sujeito quanto o objeto participam juntos da ação verbal.”

- (1) a. *a-mo-nohok kyhàhàm ihe*  
 1SG-CAUS-partir corda 1SG  
 “Eu parti a corda”
- b. *a-ru-mo-nohok kyhàhàm ihe*  
 1SG-APPL-CAUS-partir corda 1SG  
 “Partiu-se a corda comigo”

Observe que as duas sentenças acima introduzem o evento da causação<sup>4</sup>, o qual é particularmente evidenciado pela morfologia causativa {*mu-*}. Contudo, apesar de o exemplo (1b) ser morfologicamente causativizado, nenhum argumento externo agente/causador é introduzido na estrutura argumental. Veja que o sujeito de primeira pessoa é, na verdade, um argumento aplicado com a função semântica de comitativo. Será proposto, portanto, que isso só é possível devido aos parâmetros selecionados pela língua Tenetehára-Guajajára, de forma que o núcleo de  $vP_{\text{CAUSE}}$  pode ser projetado sem que se introduza um argumento externo agente. Essa construção se configura como um forte argumento a favor da cisão do núcleo de  $vP$  em dois outros núcleos, a saber:  $\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$ .

No capítulo 6, estudo as nominalizações de agente em Tenetehára-Guajajára, que são realizadas pelo morfema {-*har*}. O objetivo é mostrar que esse tipo de nominalização exhibe uma configuração que não permite a introdução de argumento externo, apesar de admitir a morfologia causativa. Desse modo, a projeção  $vP_{\text{CAUSE}}$  pode estar presente, apesar de não haver nenhum VoiceP interno à nominalização. Isso se revela como outro forte diagnóstico a favor da separação entre os núcleos de VoiceP e

<sup>4</sup> De acordo com Parsons (1990), a causativização corresponde a um evento complexo, em que um evento inicial acarreta um evento resultativo. Pykkänen (2002, 2008), no entanto, assume a existência de dois eventos, a saber: o evento da causação (causa) e o evento causado (resultado da causa).

$vP_{CAUSE}$ , corroborando mais uma vez a proposta que será defendida na presente tese. Adicionalmente, as nominalizações de agente em Tenetehára-Guajajára servem como evidência para um aprimoramento da proposta de Baker & Vinokurova (2009). Para esses autores, as nominalizações de agente envolvem apenas uma raiz verbal, o que não se comprova em Tenetehára-Guajajára, por haver morfologia de causativo e de aplicativo entre o nominalizador {-har} e a raiz verbal.

**No capítulo 7**, o objetivo é analisar as nominalizações de resultado e de evento em Tenetehára-Guajajára, que se manifestam por meio do morfema {-haw}. Para Grimshaw (1990), as nominalizações de resultado nas línguas naturais são formadas a partir de raízes verbais. Por esse motivo, a autora afirma que não pode haver, por exemplo, morfologias verbais que intervenham entre o nominalizador e a raiz verbal. A língua Tenetehára-Guajajára, no entanto, figura como um contraexemplo a essa proposta, uma vez que há morfologia causativa e reflexiva que podem ocorrer abaixo do nominalizador. A consequência imediata é que tais nominalizações, por serem morfologicamente complexas, podem sofrer decomposição. Nesse sentido, a língua Tenetehára-Guajajára tem um comportamento muito semelhante ao da língua Ojibwe (MATHIEU, 2014).

Finalizo esta introdução afirmando que uma das principais razões de se trabalhar com a língua Tenetehára-Guajajára a partir de uma perspectiva formal se deve ao fato de essa língua apresentar inúmeros fenômenos linguísticos ainda pouco investigados em uma perspectiva da teoria gerativa, por exemplo. Dessa maneira, as diferenças tipológicas entre essa língua e as demais línguas amplamente investigadas servem como fundamento empírico para se repensar pressupostos teóricos já consolidados.

# Capítulo 2

## *Quadro teórico*

Como foi apresentado no capítulo 1, o objetivo desta tese é apresentar evidências empíricas da língua Tenetehára-Guajajára que sustentam a proposta de Pylkkänen (2002, 2008), segundo a qual as funções tradicionalmente associadas ao  $vP$  estão distribuídas em duas projeções distintas, a saber: VoiceP e  $vP_{\text{CAUSE}}$ . A fim de atingir tal objetivo, este capítulo tem o propósito de apresentar os pressupostos teóricos básicos que fundamentam a presente pesquisa.

Este capítulo está subdividido em sete seções. Na seção 2.1, são apresentados os fundamentos da Morfologia Distribuída, a qual é um dos desenvolvimentos mais recentes da Teoria Gerativa. Um dos grandes ganhos com esse modelo teórico é que as mesmas operações gramaticais responsáveis pela formação de sentenças são capazes de formar palavras, constituindo-se, por conseguinte, como um modelo não lexicalista. Na seção 2.2, mostro que o argumento externo não é um argumento verdadeiro do verbo. Na verdade, é introduzido por um núcleo externo à concha  $v$ -VP, uma vez que, conforme Kratzer (1996), exibe semânticas diferentes devido à maneira como é introduzido na

sintaxe. Logo, diferentemente dos argumentos internos ao VP, os argumentos externos são introduzidos por uma projeção funcional distinta, a saber: VoiceP. Na seção 2.3, com base em Cuervo (2003), é mostrado que as raízes, além de se combinarem com um núcleo causativo, como é o caso de  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , podem ainda se juntar a outros tipos de  $v$ , os quais definem os tipos de predicados, a saber: (i)  $v_{\text{DO}}$  para predicados cujo evento seja de atividade; (ii)  $v_{\text{GO}}$  para predicados com eventos de mudança de estado; e, por fim, (iii)  $v_{\text{BE}}$  para predicados essencialmente estativos. Na seção 2.4, discuto a proposta de Pykkänen (2002, 2008) de que as funções de  $v\text{P}$  estão sintaticamente distribuídas em outras duas projeções, a saber: VoiceP e  $v\text{P}_{\text{CAUSE}}$ . Essa proposta, para a autora, surge, em termos empíricos, a partir de línguas tais como o japonês e o finlandês, em que há construções que, embora envolvam morfologia causativa, não introduzem argumento externo agente. Na seção 2.5, analiso duas línguas indígenas brasileiras, Kuikuro (Karib) e Wari' (Txapakura), a fim de apresentar evidências adicionais que sustentam a proposta de que os núcleos Voice<sup>o</sup> e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  podem ser projetados de forma sincrética. Na seção 2.6, investigo outras duas línguas indígenas brasileiras, Paresi-Haliti (Arawak) e Ticuna (isolada), com o intuito de demonstrar que essas línguas projetam os núcleos Voice<sup>o</sup> e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  de forma cindida. Por fim, na seção 2.7, encerro com o resumo do capítulo.

## 2.1 Morfologia Distribuída

No âmbito do quadro teórico da Morfologia Distribuída, conforme Halle & Marantz (1993), Harley & Noyer (1997, 1999), entre outros, as formações de palavras e de sentenças são vistas como o produto de um mesmo mecanismo derivacional sintático, constituindo-se, por consequência, como uma proposta derivacional não lexicalista<sup>5</sup>. Dessa forma, a sintaxe é o único componente gerativo no sistema, ao passo que a morfologia é distribuída por meio de vários componentes da gramática. Acompanhando essa linha de raciocínio, assume-se que a formação de palavras pode ocorrer em qualquer nível derivacional no ponto da computação sintática em que o movimento de núcleo ocorre ou quando um núcleo adicional é juntado na derivação, gerando núcleos complexos<sup>6</sup>, como afirmam Embick & Noyer (2007).

Note que a principal vantagem desse modelo teórico reside no fato de que as mesmas operações formais que geram as sentenças são aquelas capazes de formar palavras. É importante ressaltar nesse momento que essas operações são as mesmas operações propostas no Programa Minimalista, a saber: Mover e Juntar. Por esse motivo, todo o processo de formação de sentenças e de palavras ocorre no componente sintático, embora sejam possíveis algumas alterações no componente morfológico ou pós-sintático.

---

<sup>5</sup> De forma geral, as hipóteses lexicalistas estão centradas na pressuposição da existência de um repositório que contém o léxico de cada língua. Esse repositório contém as palavras já formadas (que carregam traços fonológicos, semânticos e formais) e prontas para serem inseridas na sintaxe. Para mais detalhes acerca dessa vertente teórica, vejam Chomsky (1970), Aronoff (1976), Kiparsky (1982), Hale & Keyser (1993, 2002), Rappaport-Hovav & Levin (1998), Svenonius (2004), entre muitos outros.

<sup>6</sup> De acordo com Embick & Noyer (2007, p. 302) “complex heads are created by the syntactic process of head movement.”

Pode-se afirmar ainda que os nós terminais na sintaxe, da qual as palavras são formadas, sejam raízes<sup>7</sup> e/ou traços morfossintáticos (tempo, número, etc.), não exibem nenhum traço fonológico. Na verdade, os traços fonológicos só são obtidos no nível da estrutura morfológica<sup>8</sup> por meio da inserção de vocabulário, que consiste nas regras que ligam conteúdos fonológicos a contextos sintáticos. Para a inserção de vocabulário ocorrer, é imprescindível que os traços dos itens de vocabulário não entrem em conflito com os traços do nó terminal. É possível ainda que alguns itens de vocabulário entrem em competição para a inserção no mesmo nó terminal no nível da estrutura morfológica. O item de vocabulário que combinar mais traços do nó será inserido. Note ainda que há na Morfologia Distribuída a hipótese de que não existe necessidade de que as expressões fonológicas tenham todos os traços presentes nos nós terminais. A consequência é que pode haver especificações ausentes no item de vocabulário, mesmo que esse item de vocabulário possa ser inserido. O oposto, no entanto, não é verdade. Logo, o item de vocabulário não pode ter traços morfossintáticos que não estejam presentes na derivação.

Portanto, deve-se considerar que a palavra é formada por diversos processos que estão distribuídos entre diferentes componentes da gramática, por meio de algumas operações sintáticas e pós-sintáticas. Nesse sentido, o que era antes atribuído somente ao léxico foi distribuído para diferentes lugares na arquitetura da gramática.

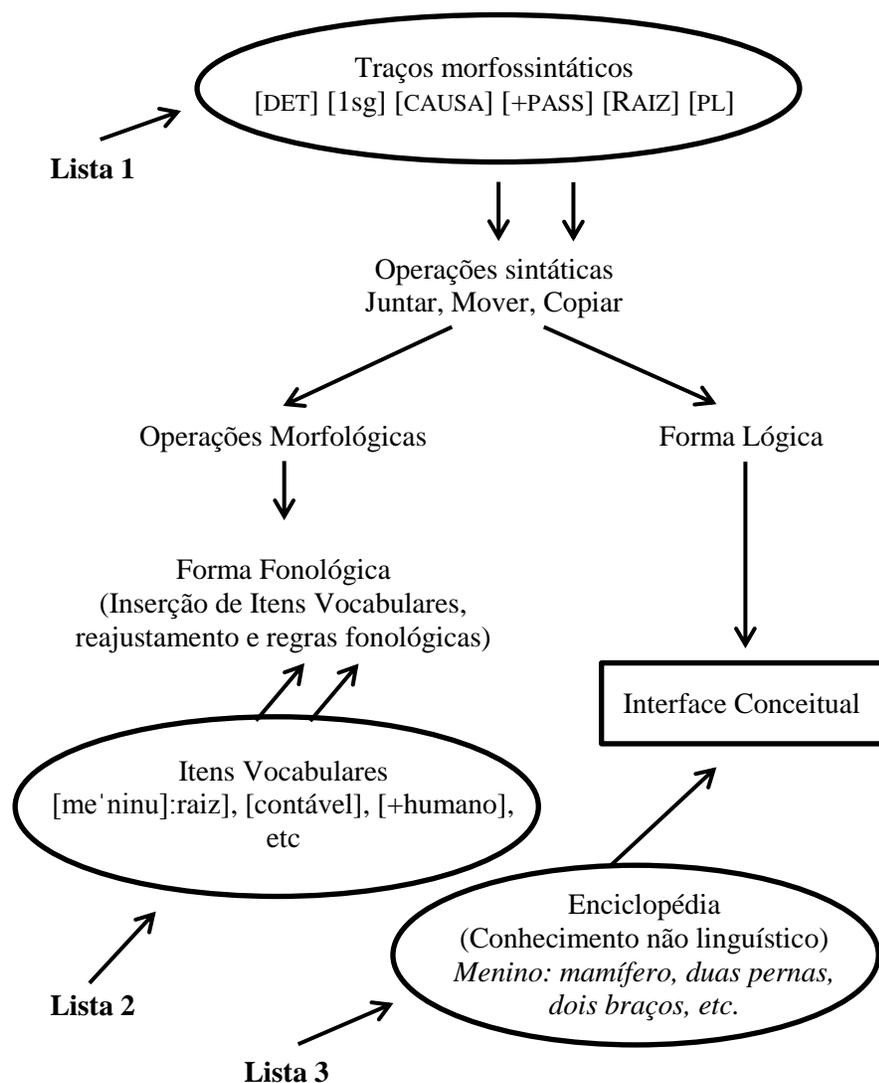
---

<sup>7</sup> Vale ressaltar que é ainda grande a discussão a respeito da presença ou ausência de fonologia nas raízes.

<sup>8</sup> Para Embick & Noyer (2007), a estrutura morfológica pertence à Forma Fonológica. Portanto, enquanto alguns aspectos da formação de palavras surgem de operações sintáticas, outros pertencem a componentes posteriores à sintaxe.

A Morfologia Distribuída conta com três listas, a saber: Lista 1, que exibe os morfemas abstratos; Lista 2, que contém os itens de vocabulário; e, por fim, Lista 3, que exibe as entradas enciclopédicas. Uma das propostas acerca da arquitetura da gramática na Morfologia Distribuída pode ser vista em (2), a qual foi adaptada de Harley & Noyer (1999).

(2) Arquitetura da gramática



A Lista 1 pode ser concebida como um léxico reduzido, o qual contém os primitivos sintáticos, a saber: raízes e traços morfossintáticos (categorizadores e traços de tempo, número, concordância, etc). Esses traços são puramente abstratos e sem informação fonológica. Tanto as raízes quanto os morfemas abstratos são nós terminais. A Lista 2 corresponde ao vocabulário<sup>9</sup>, o qual é responsável pelas regras que associam os contextos sintáticos aos materiais fonológicos. Por conseguinte, apresenta os expoentes fonológicos que especificam o contexto de inserção vocabular. São também chamados de itens de vocabulário. A Lista 3 exhibe as entradas enciclopédicas, as quais relacionam os itens de vocabulário a significados, permitindo, para isso, informações extralinguísticas.

Nesse modelo, assume-se que as raízes são elementos primitivos não derivados nas derivações sintáticas. Logo, são itens atômicos e não composicionais. Por isso, a sintaxe manipula apenas os espaços reservados dos morfemas funcionais ou raízes. Por fim, esses elementos abstratos recebem o conteúdo fonológico apenas quando a inserção de vocabulário se aplica. Uma categoria sintática, nesse sistema, é derivada a partir de uma posição sintática. As raízes, por sua vez, são elementos lexicais subespecificados por meio de uma categoria lexical, conforme Arad (2003, 2005) e Embick (1997, 1998), e, além de serem marcadas com o símbolo  $\surd$ , são combinadas com um núcleo categorizador, tais como um núcleo adjetival, nominal, verbal, entre outros.

---

<sup>9</sup> De acordo com Marantz (1997, p. 204), “the Vocabulary includes the connections between sets of grammatical features and phonological features, and thus determines the connections between terminal nodes from the syntax and their phonological realization. The Vocabulary is non-generative but expandable. The Vocabulary items are underspecified with respect to the features of the terminal nodes from the syntax; they compete for insertion at the terminal nodes, with the most highly specified item that doesn’t conflict in features with the terminal node winning the competition.”

É importante ressaltar ainda que, no âmbito da Morfologia Distribuída, a ordem dos constituintes internos à palavra e a linearização de palavras na sentença não obedecem ao mesmo princípio. A consequência é que as diferentes ordens envolvendo raízes com seus afixos em várias línguas têm muito pouco a dizer a respeito das posições de derivação desses elementos na sintaxe. Com isso, os afixos são arbitrários e seus estatutos como prefixo, sufixo ou infixos são independentes de seus papéis sintáticos. Apesar de que, em situações não marcadas, espera-se que a estrutura morfológica hierárquica espelhe a hierarquia sintática, a qual é derivada de acordo com o Princípio de Espelho, conforme Baker (1988).

Uma das questões tratadas no âmbito da Morfologia Distribuída é a linearização dos morfemas de uma palavra fonológica bem formada no nível de estrutura morfológica. A linearização é uma propriedade da estrutura fonológica e núcleos não são linearizados na sintaxe, como propõe, por exemplo, Halle & Marantz (1993) e Noyer (1997). Além disso, Noyer (1997, p. 38) argumenta que “linearização aplica-se na primeira fase da estrutura morfológica, fornecendo relações de adjacência para todos os constituintes”<sup>10</sup>.

Acerca da linearização, de acordo com Noyer (1997), na Estrutura Morfológica, há duas exigências que determinam o mapeamento dos núcleos funcionais e suas representações morfossintáticas para cadeias fonológicas, a saber: (i) condições morfológicas de boa formação em palavras morfológicas; e (ii) dois tipos de regras:

---

<sup>10</sup> “Linearization applies in the first phase of Morphological Structure, supplying adjacency relations to all constituents” (NOYER, 1997, p. 38)

regras de reajustamento, que mudam apenas o material fonológico, e regras que fornecem material fonológico (afixos).

Na próxima seção, apresento a proposta de Kratzer (1996), acerca da introdução de argumento externo agente por meio da projeção VoiceP.

## 2.2 Introdução de argumento externo

A partir de Kratzer (1996), tem sido assumido que o argumento externo não é um argumento verdadeiro do verbo, mas é introduzido por um núcleo externo à concha *v*-VP. Utilizando os métodos associados ao modelo neo-davidsoniano, a autora argumenta que os argumentos externos apresentam semânticas diferentes devido à maneira como são introduzidos na sintaxe de verbos. Por consequência, a proposta de Kratzer (1994, 1996) sustenta-se no fato de que, diferentemente dos argumentos internos ao VP, os argumentos externos são introduzidos por uma projeção funcional distinta, a saber: VoiceP. Para tal, a autora fundamenta sua proposta nos dados do malgaxe<sup>11</sup>, em que o prefixo {-*an*-} realiza fonologicamente a morfologia de voz ativa, conforme o exemplo (3).

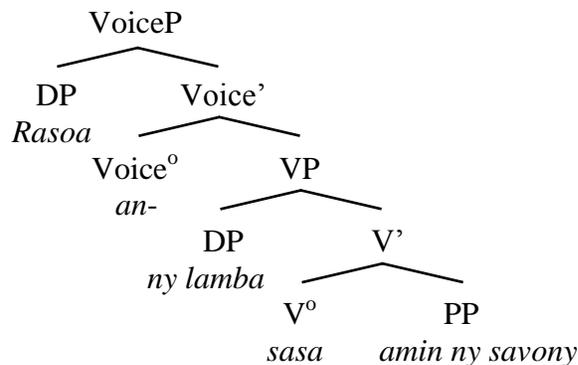
- (3) *m-an-sasa ny lamba (amin ny savony) Raso*  
 ?-ACT-lavar as roupas com o sabão Raso  
 “Raso lava as roupas (com sabão)” (HUNG, 1988)

---

<sup>11</sup> Segundo Campbell (2006), malgaxe é uma língua malaio-polinésia falada pela população de Madagascar.

A autora propõe que esse sufixo {-an-} é a realização do núcleo Voice<sup>o</sup>, cuja função é introduzir o argumento externo agente. A configuração em (4) mostra a estrutura verbal complexa em que a projeção mais alta exhibe o núcleo de VoiceP fonologicamente preenchido pelo morfema {-an-}. Esse afixo corresponde ao que Kratzer (1994, 1996) denomina de núcleo funcional introdutor de argumento externo, a saber: o núcleo<sup>12</sup> Voice<sup>o</sup>, conforme se vê pela estrutura a seguir:

(4) Estrutura verbal complexa proposta por Kratzer (1994, 1996)



Além do mais, Kratzer (1994, 1996) ancora-se na proposta de Marantz (1984), segundo a qual (i) os argumentos externos têm um estatuto especial quando comparados com argumentos internos e (ii) os argumentos internos exibem uma função crucial na

<sup>12</sup> Para Kratzer (1994, 1996), o núcleo de VoiceP é o responsável pela introdução do argumento externo agente. Dentro do modelo teórico de Chomsky (1995), a projeção responsável por esse licenciamento é  $\nu$ P, cujo núcleo ainda denota uma leitura causativa nos contextos de verbos transitivos causativos. Além de assumir, neste trabalho, a terminologia VoiceP, adoto a projeção de  $\nu$ P nos termos de Marantz (1984). Para esse autor, o núcleo de  $\nu$ P tem a função de verbalizar raízes (por meio de morfemas derivacionais, por exemplo). Veja que o  $\nu$ P de Marantz (1984) se difere substancialmente do  $\nu$ P de Chomsky (1995), uma vez que esse núcleo não tem a função de introduzir uma leitura causativa. Assumiremos, posteriormente, que o núcleo responsável pela leitura causativa é  $\nu_{\text{CAUSE}}^o$ , o qual foi inserido por Pylkkänen (2002, 2008) no modelo teórico de Kratzer (1996).

composição semântica dos verbos (em oposição aos argumentos externos, os quais não desempenham tais funções).

Para Marantz (1984), os argumentos externos são argumentos de predicados complexos e não apenas de núcleos verbais simples. A principal evidência a favor dessa hipótese advém das expressões idiomáticas. Note que, nas construções abaixo, os argumentos internos estão intimamente ligados ao significado dos verbos (i.e. os objetos engatilham interpretações particulares nos predicados). Os argumentos externos, por sua vez, não contribuem em nada para a interpretação idiomática.

#### Expressões idiomáticas em inglês

- (5)
- a. *kill a cockroach*
  - b. *kill a conversation*
  - c. *kill an evening watching TV*
  - d. *kill a bottle* (i.e. *empty it*)
  - e. *kill an audience* (i.e. *wow them*) (MARANTZ, 1984, p. 25)

#### Expressões idiomáticas em português

- (6)
- a. *quebrar o vaso*
  - b. *quebrar o braço*
  - c. *quebrar a cabeça*
  - d. *quebrar a empresa*
  - e. *quebrar a regra*

As expressões idiomáticas em (5) e (6) estão estritamente condicionadas à presença dos argumentos internos. Para os exemplos em português, o verbo *quebrar* em (6e) impõe uma série de restrições semânticas ao seu argumento interno (i.e. ele tem que

ser um elemento passível de descumprimento e inadimplemento). Se o argumento interno tem propriedades físicas, por exemplo, então a leitura (6a) ou (6b) será a mais proeminente, em detrimento de (6e). Os argumentos externos, no entanto, não formam expressões idiomáticas. Veja que um possível DP *João* não é capaz de causar mudança de significado nos verbos se se combinar com os verbos em (6). Foram essas evidências empíricas que levaram Marantz a propor que somente argumentos internos, de fato, participam da interpretação semântica dos verbos. Logo, fazem parte da grade temática dos predicados verbos.

Em suma, com base na proposta de Marantz (1984) e Kratzer (1994, 1996), assumirei, doravante, que Voice<sup>o</sup> é o único núcleo responsável por introduzir argumentos externos nas sentenças. Nesse sentido, VoiceP deve ser sintática e semanticamente independente de VP. Pode-se afirmar que o argumento externo agente deve se combinar com um verbo leve (ou Voice), de maneira que essa projeção se junta ao predicado mais baixo por meio de um processo denominado como Identificação de Evento. Este processo é basicamente a operação de combinação que se aplica a funções separadas, seguidas por uma coindexação de variáveis de eventos. A coindexação acontece devido ao compartilhamento das funções do tipo  $\langle s, t \rangle$  dentro das funções de entrada, conforme (7). Como resultado da Identificação de Evento, a denotação do tipo  $\langle e, \langle s, t \rangle \rangle$ , que inclui Voice com o argumento externo, compõe com a denotação do tipo  $\langle s, t \rangle$  (incluindo VP com o argumento interno) para produzir uma função do tipo  $\langle e, \langle s, t \rangle \rangle$  que é Voice.

## (7) Identificação de Evento (EI)

$\langle e, \langle s, t \rangle \rangle$	$\langle s, t \rangle$	$\Rightarrow$	$\langle e, \langle s, t \rangle \rangle$
entrada1	entrada2		saída

Na computação de eventos complexos, a Identificação de Evento permite que o mesmo operador existencial se ligue aos dois argumentos eventivos. É assumido que esse tipo de Identificação de Evento está presente em construções causativas e aplicativas, em que o núcleo Voice<sup>o</sup> também introduz tanto um evento variável quanto o argumento externo na estrutura eventiva desses predicados. Por conseguinte, a composicionalidade do argumento externo com o VP é esperada devido a esse processo.

Na próxima seção, serão explorados os tipos de núcleos e as propriedades de vP, nas perspectivas de Marantz (1991), Harley (1995), Kratzer (1996), Levin (1999) e Cuervo (2003).

### 2.3 As propriedades de vP

De acordo com Cuervo (2003), há pelo menos três tipos de núcleos disponíveis na sintaxe, os quais podem ser eles mesmos complementos de núcleos funcionais ou ainda ter como complemento outras projeções. São eles:

## (8) Tipos de núcleos

- a. Introdutores de evento: v<sup>o</sup>.
- b. Introdutores de argumento: Voice<sup>o</sup> e Appl<sup>o</sup>.
- c. Raiz

Esses três tipos de núcleos podem introduzir argumentos na sintaxe por meio da combinação da raiz lexical e do núcleo verbalizador (a saber:  $\nu$ ). As raízes se combinam com diferentes tipos de  $\nu$ , conforme Marantz (1991) e Harley (1995), a fim de construir predicados de eventos, os quais têm significados distintos, dependendo do tipo de  $\nu$ . Cuervo (2003) afirma ainda que os argumentos são licenciados por um predicado eventivo ou por um núcleo introdutor de argumento, a saber: Voice<sup>o</sup> ou Appl<sup>o</sup>. Com base nos trabalhos de Levin (1999) e Kratzer (1996), Cuervo (2003) assume ainda que as raízes também podem, semanticamente, introduzir argumentos como seus complementos.

Diante dessas suposições a respeito de como a estrutura argumental é composta na sintaxe, Cuervo (2003, p. 7) identifica os seguintes tipos de  $\nu$  os quais definem o significado dos predicados:

Quadro 3 – Tipologia de núcleos de evento

<b>Tipos de <math>\nu</math></b>	<b>Tipos de evento</b>	<b>Exemplos</b>
$\nu_{DO}$	atividades	dançar, correr
$\nu_{GO}$	mudanças	cair, ir, morrer
$\nu_{BE}$	estados	gostar, admirar

Para Cuervo (2003), com base na tipologia de núcleos de evento,  $\nu_{DO}$  e  $\nu_{GO}$  introduzem eventos dinâmicos, enquanto  $\nu_{BE}$  introduz eventualidades estativas. Esse último é representado, principalmente, pelos predicados psicológicos e verbos que não envolvem atividades. Com base em Kratzer (1994), Cuervo (2003) assume que  $\nu_{DO}$  normalmente introduz estruturas ativas e combina-se com Voice<sup>o</sup>, que, por sua vez,

introduz um argumento externo. Pode-se supor que os vários verbos de atividade, tanto transitivos quanto intransitivos (inergativos), são formados com  $v_{DO}$ . Predicados de mudança são derivados com  $v_{GO}$  e incluem os verbos de movimento. Esse tipo de evento não licencia um argumento externo por meio de  $\text{Voice}^0$ . Com isso, quando  $v_{GO}$  se combina com raízes de inacusativos, resultará em uma interpretação de mudança de estado para o argumento com papel temático de tema. Em contraste com os dois tipos de verbos dinâmicos,  $v_{BE}$  se combina com raízes para expressar estados. Predicados psicológicos estativos são formados por esse tipo de  $v_{BE}$ .

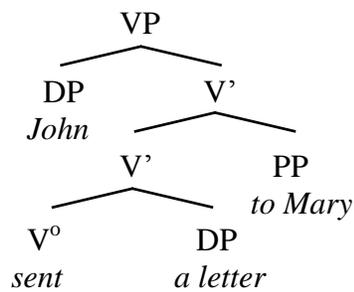
Na seção seguinte, é apresentada a tipologia proposta por Pylkkänen (2002, 2008) de que as línguas parametrizam a projeção dos núcleos de  $\text{VoiceP}$  e  $vP_{\text{CAUSE}}$ , os quais podem ser projetados na sintaxe de forma cindida ou sincrética.

## 2.4 A separação de $v^0_{\text{CAUSE}}$ e $\text{Voice}^0$

Os primeiros argumentos a favor de uma estrutura verbal bipartida podem ser vistos no trabalho de Larson (1988), segundo o qual há necessidade de se propor uma estrutura argumental complexa visto que o modelo estrutural do VP simples não suporta coerentemente as configurações de verbos bitransitivos. Verbos, constituídos por um argumento externo e dois argumentos internos, são um problema tanto teórico quanto empírico. A razão é que a estrutura do VP simples dispõe de apenas duas posições argumentais nucleares. Assim, os verbos bitransitivos teriam um terceiro argumento nuclear não alocado na estrutura argumental. Diante disso, Barss & Lasnik (1986) e Larson (1988) inicialmente apresentam uma série de problemas ao se propor que esse

terceiro argumento nuclear fosse adjungido ao nível intermediário V', como em (9), por exemplo.

(9) Adjunção de argumento nuclear



Larson (1988) observa que há uma assimetria no comportamento dos dois objetos em construções de objeto duplo<sup>13</sup>, de modo que a estrutura em (9), conforme Barss & Lasnik (1986), resultaria em uma relação errada de c-comando. Pode-se afirmar que, em exemplos com um dos objetos representado por uma anáfora pronominal, esta não pode c-comandar o segundo objeto, conforme sinaliza a agramaticalidade abaixo:

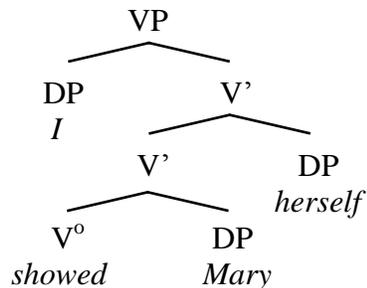
- (10) a. *I showed Mary herself*  
 b. \**I showed herself Mary*

O exemplo (10b) é agramatical justamente porque o pronome reflexivo anafórico *herself* “ela mesma” deve ser c-comandado pelo seu antecedente *Mary*, como acontece no exemplo em (10a). Portanto, a estrutura em (9) seria inadequada para exprimir essa

<sup>13</sup> De acordo com Larson (1988, p. 336), “Barss and Lasnik (1986) point out a number of important asymmetries in the behavior of the two objects in double object constructions. All involve phenomena in which constituent structure relations – specifically, c-command – have been assumed to play a central role.”

relação de c-comando assimétrico. Mais especificamente, o pronome reflexivo *herself* em (11) não é c-comandado pelo seu antecedente *Mary*, violando, assim, o princípio A da Teoria de Vinculação, segundo o qual uma anáfora tem que estar vinculada<sup>14</sup> em seu domínio de vinculação<sup>15</sup>.

(11) Proposta de derivação para verbos bitransitivos



Para dar conta da assimetria acima, Larson (1988) postula uma estrutura argumental complexa, em que cada núcleo lexical projeta um nível sintagmático acima. Essa estrutura, adotada posteriormente no Programa Minimalista, conforme Chomsky (1995), é complexa porque possui dois VPs distintos: o mais baixo possui um núcleo lexical  $V^0$ , enquanto o  $vP$  mais alto possui o núcleo causativo<sup>16</sup>  $v^0$ , conforme a estrutura arbórea abaixo.

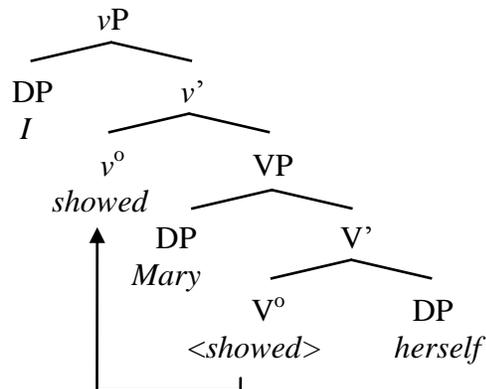
<sup>14</sup> “Estar vinculada” significa ser c-comandada por um elemento que porte o mesmo índice referencial.

<sup>15</sup> “Domínio de vinculação” de  $\alpha$  é o XP mínimo que contém  $\alpha$ , o regente de  $\alpha$  e: (i) um sujeito distinto de  $\alpha$  e que não contém  $\alpha$ ; ou (ii) a flexão que atribui Caso Nominativo para  $\alpha$ .

<sup>16</sup> Segundo Lopes (2009), quando se observa as construções causativas nas línguas, percebe-se que o núcleo causativo pode apresentar três realizações distintas, a saber:

- (i) semântica – quando ele se realiza em um nível abstrato e não fonético;
- (ii) morfológica – quando ocorrem processos morfológicos internos na palavra;
- (iii) sintática – quando a língua utiliza um verbo auxiliar.

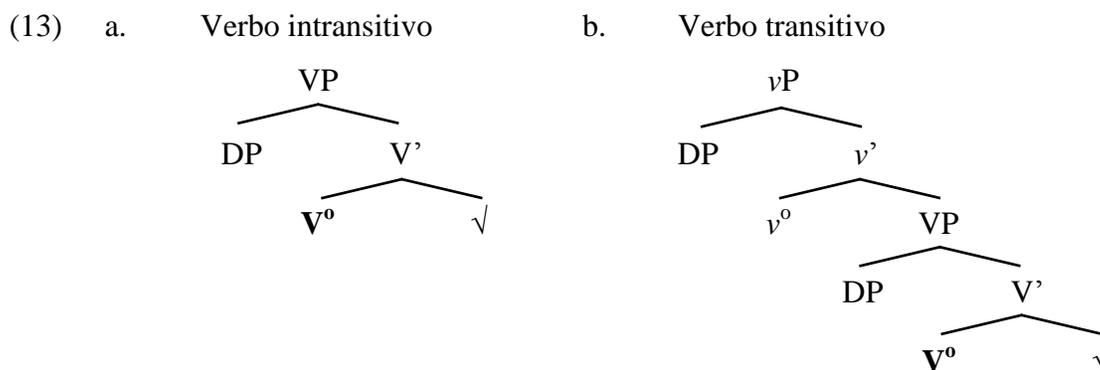
## (12) Proposta de estrutura bipartida



Portanto, pode-se observar que, na estrutura em (12), o pronome reflexivo *herself* é c-comandado pelo seu antecedente *Mary*, tornando o exemplo empírica e estruturalmente gramatical. O verbo *showed* “mostrar”, por sua vez, é gerado em  $V^{\circ}$  e move-se para o núcleo de  $vP$ . Nos termos de Baker (1988), o elemento gerado em  $V^{\circ}$  deve se incorporar no núcleo  $v^{\circ}$ . Tal processo ilustra o mecanismo adotado pelo autor, uma vez que há movimento de núcleo, de forma que o item é movido de sua posição original para uma posição mais alta. Além do mais, esse processo segue o Princípio de Categoria Vazia, em que um item deixa um vestígio em sua posição de base, o qual é regido por ele, por meio do c-comando, e também obedece a Hipótese da Uniformidade Temática, na qual a estrutura temática e a estrutura sintática se correlacionam uniformemente.

A complexidade da estrutura interna do sintagma verbal não se limita à proposta do VP bipartido de Larson (1988). De acordo com Hale & Keyser (1993, 2002), os verbos também são formados a partir da fusão de uma raiz  $\sqrt{\quad}$  acategorial a um núcleo

sintático. Para que um verbo seja formado, é imprescindível que haja um núcleo  $V^0$  e uma raiz  $\checkmark$ , conforme ilustram as configurações arbóreas abaixo.



Nessas configurações sintáticas, a raiz  $\checkmark$  é de suma importância, visto que ela é quem carrega os traços semânticos e fonológicos do verbo que será gerado. É também por meio da composicionalidade e da operação de conflação<sup>17</sup> que as propriedades da raiz determinarão a valência do verbo. De acordo com Hale & Keyser (1993, 2002), um determinado núcleo pode se incorporar a outro núcleo e, em sucessivas incorporações, formar um núcleo complexo. Será, portanto, por meio da operação sintática de conflação, que a matriz fonológica de  $V^0$  é transferida para o núcleo do  $vP$ <sup>18</sup>.

<sup>17</sup> De acordo com Hale & Keyser (2002, p. 63), “*Conflation* consists in the process of copying the p-signature of the complement into the p-signature of the head, where the latter is ‘defective.’” Hale & Keyser (2002) defendem ainda que conflação é um processo que ocorre na derivação das estruturas sintáticas concomitantemente com a operação Juntar, processo fundamental para definir a projeção da sintaxe que vem do léxico. Logo, conflação e Juntar têm acesso aos mesmos elementos linguísticos.

<sup>18</sup> De acordo com Hale & Keyser (2002), conflação se refere à fusão de núcleos sintáticos de forma que a derivação da matriz fonológica do núcleo de um complemento é inserida dentro do núcleo, vazio ou afixal, que o rege. Ademais, nos termos de Hale & Keyser (2002, p. 59), “the categorial projections of N are N’ and NP; of P, P’ and PP; and so on” [...]. “The maximal categorial projection is a node that does not project further. DP is not a categorial projection of N, nor is TP a categorial projection of VP, and so on.” Portanto, conflação realiza-se apenas em uma relação de irmandade, ou seja, em uma relação de um núcleo  $v^0$  e o núcleo do seu complemento, podendo ser  $V^0$ ,  $P^0$ ,  $N^0$  e  $A^0$ .

Portanto, note que foi a partir de trabalhos como os de Larson (1988), Parsons (1990), Hale & Keyser (1993, 2002), Kratzer (1994, 1996), entre muitos outros que Pylkkänen (2002, 2008) propõe que todas as construções causativas, além de possuir um núcleo Voice<sup>o</sup>, devem necessariamente envolver um núcleo  $v^o_{\text{CAUSE}}$ , cuja função principal é relacionar o evento da causação com o evento causado. Para isso, essa autora dissocia o núcleo Voice<sup>o</sup> do núcleo  $v^o_{\text{CAUSE}}$ .

É necessário ressaltar que, para Pylkkänen (2002, 2008), uma causação é, na verdade, uma relação entre dois eventos: o evento da causação (i.e. o evento causador ou causa) e o evento causado (efeito da causa). O evento da causação é um evento implícito, o qual é introduzido pelo núcleo de  $vP_{\text{CAUSE}}$ . Ele tem a função de desencadear o evento causado. Este último, por sua vez, corresponde à contraparte não causativa do predicado causativizado. Pylkkänen (2002, p. 79) ilustra essa relação com o exemplo a seguir:

- (14) *João derreteu o gelo*
- (15) João foi um agente de algum evento que causou o derretimento do gelo
- (16) *O gelo derreteu*

Conforme assume Pylkkänen (2002, 2008), se a causação é uma relação entre dois eventos, o significado da sentença (14) é grosseiramente o sentido em (15). Observe que a sentença causativa (14) tem duas características que não existem na contraparte não causativa em (16), a saber: uma relação de causação relaciona o evento da causação em direção ao evento causado, de forma que o primeiro evento desencadeia o segundo, e

uma relação temática é estabelecida entre o evento da causação e o indivíduo expresso como argumento externo agente, como afirma Pylkkänen (2002, 2008).

Uma das evidências empíricas que permitiu que Pylkkänen (2002, 2008) propusesse esse mapeamento deveu-se ao fato de línguas como o japonês e o finlandês aceitarem causativizações sem que um argumento externo agente fosse necessariamente introduzido ao evento. Nesse sentido, em japonês, existem construções causativas com a chamada interpretação de adversidade, conforme o sentido em (ii) do seguinte exemplo<sup>19</sup>, que foi extraído de Pylkkänen (2002, p. 81).

- (17) *Taroo-ga musuko-o sin-ase-ta*  
 Taro-NOM filho-ACC morrer-CAUS-PAST  
 (i) “Taro fez seu filho morrer”  
 (ii) “O filho de Taro morreu em detrimento de Taro” (causativa de adversidade)

Pode-se constatar que, no exemplo (17), a interpretação (i) é esperada, tendo em vista a morfologia causativa no verbo. No entanto, se considerarmos a leitura em (ii), cujo argumento nominativo *Taroo-ga* “Taro” é interpretado como um afetado pela mudança de estado sofrida pelo seu filho, não é tão clara a causativização, apesar de haver morfologia causativa. Pylkkänen (2002, 2008) afirma que o DP nominativo é um argumento externo na causativa lexical, conforme a interpretação (i), mas não o é na causativa de adversidade, conforme a leitura em (ii). A proposta da autora apoia-se no seguinte fato: a contraparte passiva da sentença (17) tem somente a leitura causativa e

---

<sup>19</sup> Consoante Pylkkänen (2002, 2008), o exemplo (17) é ambíguo, apresentando, portanto, as interpretações (i) ou (ii).

não tem a leitura de adversidade, conforme o exemplo (18), o qual foi retirado de Pylkkänen (2002, p. 82).

- (18) *musuko-ga sin-ase-rare-ta*  
 filho-NOM morrer-CAUS-PASS-PAST  
 (i) “O filho foi morto”  
 (ii) \* “O filho de alguém foi morto em detrimento desse alguém”

Além do mais, Pylkkänen (2002, 2008) argumenta que a causativa de adversidade em (17) tem uma leitura causativa. Para tal, a autora mostra que a causativa de adversidade pode ser comparada com outra construção, a saber: passiva de adversidade, conforme exemplo de Pylkkänen (2002, p. 82) abaixo.

- (19) *Taroo-ga musuko-ni sin-are-ta*  
 Taro-NOM filho-DAT morrer-PASS-PAST  
 “O filho de Taro foi morto em detrimento de Taro” (passiva de adversidade)

Pode-se verificar que a causativa de adversidade em (17) tem uma leitura causativa, enquanto a passiva de adversidade em (19) não tem, uma vez que a morfologia causativa não se realiza. Ademais, essa proposta pode ser corroborada com os dados abaixo, em que somente a causativa de adversidade em (20) pode ser modificada pelo sintagma posposicional que introduz uma especificação de evento causativo. Portanto, Pylkkänen (2002, p. 82) propõe que somente causativas de adversidade têm um evento causativo, como em (20), o qual é ausente na passiva de adversidade conforme o exemplo (21).

- (20) Causativa de adversidade + PP evento da causação  
*Taroo-ga sensoo-ni.yotte musuko-o sin-ase-ta*  
 Taro-NOM guerra-por filho-ACC morrer-CAUS-PAST  
 “O filho de Taro foi morto em detrimento de Taro pela guerra”
- (21) Passiva de adversidade + PP evento da causação  
 \* *Taroo-ga sensoo-ni.yotte musuko-ni sin-are-ta*  
 Taro-NOM guerra-por filho-DAT morrer-PASS-PAST  
 “O filho de Taro morreu em detrimento de Taro pela guerra”

Nota-se que o adjunto adverbial *sensoo-ni.yotte* “pela guerra” só pode se adjungir a construções que denotam uma leitura causativa, como ocorre em (20). Caso a construção não tenha morfologia causativa, como (21), é impossível que o evento da causação seja modificado pelo PP adjunto. Portanto, Pylkkänen (2002, 2008) sustenta a hipótese de que as causativas lexicais em japonês com leitura de adversidade não introduzem um argumento externo. Pode-se observar que, nos exemplos acima, apesar de o verbo ter sido causativizado, nenhum argumento externo agente foi introduzido na estrutura argumental do verbo.

Passemos agora a analisar os dados da língua finlandesa. De acordo com Pylkkänen (2002, p. 86), é possível que nessa língua um morfema causativo seja adicionado a verbos inergativos, conforme os exemplos em (22). O resultado é uma construção causativa com um argumento partitivo e um significado desiderativo. Apesar de a leitura causativa não ser clara, Pylkkänen (2002, 2008) declara que essas construções envolvem um significado causativo. Logo, há uma semântica causativa sem a introdução de argumento externo.

- (22) a. *Maija-a laula-tta-a*  
 Maija-PART cantar-CAUS-3SG  
 “Maija sente vontade de cantar”
- b. *Maija-a naura-tta-a*  
 Maija-PART sorrir-CAUS-3SG  
 “Maija sente vontade de sorrir”

Pylkkänen (2002, 2008) atesta que o DP partitivo em (22) não é argumento externo. A autora se fundamenta no fato de que o Caso partitivo emerge em DPs na função sintática de objetos em contexto de construção atélica. De fato, as construções desiderativas de (22) são estativas. Assim, os DPs partitivos nos exemplos acima são sujeitos derivados de verbos estativos. Logo, não poderiam ser argumentos externos.

Schäfer (2008, p. 63), por sua vez, ao analisar os dados do finlandês, afirma que as construções desiderativas com causativo em finlandês permitem que o evento da causação possa ser interrogado, como em (23). No entanto, na construção desiderativa padrão, o evento da causação não pode ser interrogado, já que não há uma leitura causativa, de acordo com (24).

- (23) Construção causativa desiderativa  
*minu-a naura-tta-a mutt-en tiedä mikä*  
 eu-PART sorrir-CAUS-3SG mas-não.1SG saber o.que.NOM  
 “Algo me faz sentir vontade de sorrir, mas eu não sei o que (me faz sentir vontade de sorrir)”
- (24) Construção desiderativa padrão  
 \* *halua-isi-n nauraa mutt-en tiedä mikä*  
 querer-COND-1SG sorrir mas-não.1SG saber o.que.NOM  
 “Eu gostaria de sorrir, mas não sei o que (me faz querer sorrir)”

Com base nos exemplos em (23) e (24), Schäfer (2008) mostra que as causativas desiderativas em finlandês têm um argumento implícito que é ausente na sentença desiderativa padrão. Esse argumento implícito é um evento de causação e não um argumento externo. Assim, por mais que tenha morfologia causativa, não há introdução de argumento externo.

Na subseção seguinte, discutirei mais detidamente o parâmetro de Agregação de Voice proposto por Pylkkänen (2002, 2008).

#### **2.4.1 Parâmetro: Agregação de Voice**

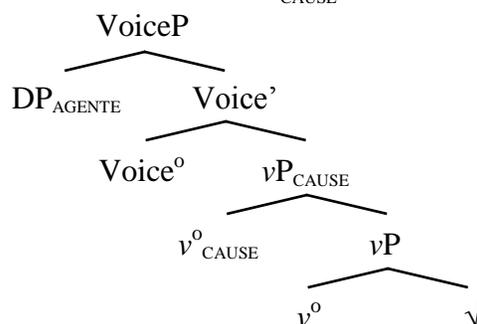
A consequência que exemplos como os do japonês e do finlandês trazem para a grade temática dos verbos causativos é que apenas o núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  estará presente. Desse modo, Pylkkänen (2002, 2008) propõe um núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  separado de  $\text{Voice}^{\circ}$ . A diferença entre os núcleos  $\text{Voice}^{\circ}$  e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  é que  $\text{Voice}^{\circ}$  introduz o argumento externo agente, conforme Kratzer (1996), enquanto  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  apenas introduz o evento da causação<sup>20</sup>. Perceba que essa proposta de Pylkkänen (2002, 2008) refina as análises anteriores no que diz respeito ao fenômeno da causativização. Os morfemas causativos eram vistos como introdutores de argumento externo com a propriedade semântica de agente/causador. Entretanto, o japonês e o finlandês acima mostram claramente que essa proposição está equivocada. Em suma, nem sempre um argumento externo agente deve ser introduzido em construções causativas.

---

<sup>20</sup> De acordo com Pylkkänen (2002, p. 89), “thus the Finnish desiderative causative has the same restriction as the Japanese adversity causative: its implicit argument must be interpreted as an event. This means that it also requires the separation of causation from the external thematic relations”.

Tomando por base a existência do núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , veja que a estrutura argumental das construções causativas permite uma configuração em que tanto  $\text{Voice}^{\circ}$  quanto  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  fazem parte do inventário de núcleos que podem vir realizados na estrutura dos predicados causativos, conforme a estrutura abstrata de Pylkkänen (2002, 2008) a seguir.

(25) Cisão dos núcleos de  $v\text{P}_{\text{CAUSE}}$  e  $\text{VoiceP}$

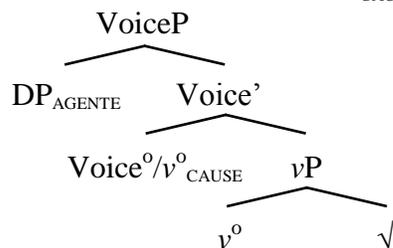


Friedmann & Grodzinsky (1997, 2000) afirmam que, devido às variações que cada língua apresenta, os núcleos funcionais TP e AgrP, por exemplo, podem ter suas projeções realizadas separadamente em algumas línguas, enquanto, em outras,  $T^{\circ}$  e  $\text{Agr}^{\circ}$  se realizam como um núcleo funcional sincrético. Segundo Pylkkänen (2002, 2008), a mesma situação pode dar-se em relação aos núcleos  $\text{Voice}^{\circ}$  e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ . Por essa razão, Pylkkänen (2002, p. 90) propõe que “embora Cause e Voice sejam peças separadas no inventário universal dos núcleos funcionais, eles podem vir agrupados em um só morfema no léxico de uma língua particular”<sup>21</sup>. Contudo, Pylkkänen (2002, 2008) ainda ressalta que uma teoria mais forte manteria os dois núcleos,  $\text{Voice}^{\circ}$  e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  separados, uma vez que há línguas que forçam essa separação. Em vista disso, a autora conclui que

<sup>21</sup> Para Pylkkänen (2002, p. 90), “while Cause and Voice are separate pieces in the universal inventory of functional heads, they can be grouped together into a morpheme in the lexicon of a particular language”.

$v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  nunca introduziria um argumento externo<sup>22</sup>, uma vez que essa função é exclusiva de VoiceP. Assim, a estrutura apresentada em (25) pode assumir, alternativamente, o formato em (26), situação que dependerá das propriedades paramétricas de cada língua.

(26) Sincretismo dos núcleos de  $vP_{\text{CAUSE}}$  e VoiceP



Portanto, de acordo com a proposta de Pykkänen (2002, 2008), os núcleos Voice<sup>o</sup> e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  podem variar translinguisticamente de acordo com suas seleções paramétricas, conforme (27) e (28), os quais correspondem aos diagramas em (25) e (26), respectivamente.

Parâmetro: Agregação de Voice

(27) Cisão de Voice<sup>o</sup> e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$

Voice<sup>o</sup> e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  são realizados por núcleos funcionais distintos e separados. Cada núcleo tem uma projeção própria: Voice<sup>o</sup> introduz um argumento externo e  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$  proporciona à sentença uma morfologia e uma semântica causativa. Assim, o núcleo causativo não requer obrigatoriamente a presença de um argumento externo causador.

<sup>22</sup> De acordo com Pykkänen (2002, p. 90), “since there are languages that force us to separate CAUSE from Voice, [...] so that CAUSE would never introduce an external argument”.

(28) Fusão de  $\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$ 

$\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$  não podem ocorrer como núcleos funcionais distintos e separados. O núcleo causativo, na realidade, é realizado sintaticamente como um núcleo sincrético, a saber:  $\text{Voice}^0/v^0_{\text{CAUSE}}$ , o qual possui uma única projeção  $\text{VoiceP}/v\text{P}_{\text{CAUSE}}$ . Então, o núcleo causativo exige a presença de um argumento externo agente/causador.

Na subseção abaixo, serão discutidas com cuidado as implicações da proposta de cisão dos núcleos  $\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$ .

#### 2.4.2 Funções de $v\text{P}$

Caso uma determinada língua selecione o parâmetro descrito em (27), os núcleos  $\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$  serão projetados separadamente. Dessa forma, as funções típicas de  $v\text{P}$  estarão distribuídas entre esses dois núcleos. De acordo com Harley (2013ab), os núcleos das projeções  $\text{VoiceP}$  e  $v\text{P}_{\text{CAUSE}}$  apresentarão as seguintes funções.

##### Funções de $\text{Voice}^0$

- (29) a. Introdução do argumento externo.  
b. Checagem de Caso<sup>23</sup> estrutural do argumento interno.

##### Funções de $v^0_{\text{CAUSE}}$

- (30) a. Introdução do subevento da causação.  
b. Verbalização da raiz.

---

<sup>23</sup> Apesar de listar a checagem de Caso do argumento interno como uma das propriedades de  $v\text{P}$ , não tenho o objetivo de investigar o sistema de Caso da língua Tenetehára-Guajajára nesta tese de doutorado.

É necessário ressaltar que essa escolha paramétrica não requer a presença obrigatória do argumento externo agente (causador), quando do processo de causativização, conforme os exemplos do japonês e do finlandês apresentados na subseção anterior.

Por sua vez, se uma língua ativa o parâmetro apresentado em (28),  $\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$  não podem se realizar em núcleos funcionais distintos, mas, sim, em um núcleo sincrético. Devido a isso, essa segunda seleção paramétrica requer o licenciamento obrigatório do argumento externo agente (causador), quando do processo de causativização. De acordo com Harley (2013ab), o núcleo sincrético da projeção  $\text{VoiceP}/vP_{\text{CAUSE}}$  apresentará as seguintes funções:

Funções de  $\text{Voice}^0/v^0_{\text{CAUSE}}$

- (31) a. Introdução do argumento externo.  
 b. Checagem de Caso estrutural do argumento interno.  
 c. Introdução do subevento da causação.  
 d. Verbalização da raiz.

Em síntese, temos visto que, dependendo das seleções paramétricas de cada língua, as funções gramaticais associadas ao  $vP$  podem estar divididas em duas projeções independentes, a saber:  $\text{VoiceP}$  e  $vP_{\text{CAUSE}}$ . Tendo em conta essas assunções, Pylkkänen (2002, 2008) propôs o parâmetro chamado “Agregação de Voice”. Conforme esse parâmetro, algumas línguas projetam  $\text{VoiceP}$  e  $vP_{\text{CAUSE}}$  de forma sincrética. Assim, todas as funções de  $vP$  estão unificadas em uma única projeção. Outras línguas projetam  $\text{VoiceP}$  e  $vP_{\text{CAUSE}}$  de forma cindida. Dessa forma, as funções estão distribuídas entre

essas duas projeções. Entre essas funções, estão: (i) introduzir o argumento externo; (ii) checar o Caso estrutural do argumento interno; (iii) introduzir o subevento da causação; e, por fim, (iv) verbalizar a raiz.

O objetivo das próximas duas seções será exemplificar esses dois tipos de seleção paramétrica, com base em quatro línguas indígenas brasileiras, consoante a análise teórica delineada em Camargos (2015). Início, na seção 2.5, com as línguas Kuikuro e Wari', que exibem evidências morfossintáticas de que os núcleos Voice<sup>o</sup> e  $v^o_{\text{CAUSE}}$  se realizam de forma sincrética, uma vez que todas essas funções gramaticais são realizadas por um único núcleo funcional, a saber: Voice<sup>o</sup>/ $v^o_{\text{CAUSE}}$ . Em seguida, na seção 2.6, apresento os dados do Paresi-Haliti e Ticuna que trazem evidências de que Voice<sup>o</sup> e  $v^o_{\text{CAUSE}}$  são núcleos independentes e cindidos.

## 2.5 O caso dos núcleos sincréticos

Nesta seção, utilizo dados das línguas Kuikuro e Wari' para demonstrar que Voice<sup>o</sup> e  $v^o_{\text{CAUSE}}$  são projetados de forma sincrética nessas duas línguas (CAMARGOS, 2015). Diante disso, proponho que nesses dois casos, estão unificadas em uma única projeção todas as funções de  $vP$ , a saber: (i) introdução de argumento externo, (ii) causativização, (iii) verbalização da raiz e (iv) checagem de Caso abstrato. Como se pode ver, uma das evidências desse sincretismo é a obrigatoriedade de introdução de argumento externo em contexto de causativização, por exemplo. Começo com a língua Kuikuro.

### 2.5.1 Língua Kuikuro (Karib)

De acordo com Franchetto (2002) e Santos (2002, 2007), os verbos intransitivos em Kuikuro podem ser transitivizados por meio dos morfemas causativos {-ne} e {-ki}. Esses sufixos causativos, em termos descritivos, introduzem um argumento externo com a função semântica de causador. Conforme as autoras, a escolha dos morfemas {-ne} e {-ki} está condicionada à função semântica do argumento interno.

O sufixo {-ne}, conforme Santos (2007), afixa-se a radicais que pertencem às classes flexionais I, II e V, que correspondem aos predicados intransitivos cujo argumento interno tem as funções semânticas de agente, tema ou paciente, conforme os exemplos de Santos (2007, p. 155-156) apresentados a seguir:

- (32) a. *ekise aka-nügü*  
 ele sentar-PNCT  
 “Ele sentou”
- b. *t-umuku-gu aka-ne-nügü i-heke*  
 RFL-filho-REL sentar-CAUS-PNCT 3-ERG  
 “Ele fez seu filho sentar”
- (33) a. *kangamuke atu-liü*  
 criança queimar-PONT  
 “A criança se queimou”
- b. *kangamuke atu-ne-nügü u-heke*  
 criança queimar-CAUS-PNCT 1-ERG  
 “Eu fiz a criança se queimar”

Já o morfema {-ki}, conforme Santos (2007), afixa-se a predicados intransitivos cujo argumento interno carrega o traço semântico de experienciador, conforme os exemplos de Santos (2007, p. 157-158):

Verbos psicológicos

- (34) a. *João hüsüN-tagü kuge-ko-inha*  
 João vergonha-CONT gente(nós)-PL-BEN  
 “João tem vergonha de/diante de todos”
- b. *João hüsü-ki-tsagü alamaki-pügü-heke*  
 João vergonha-CAUS-CONT cair-PERF-ERG  
 “A queda envergonhou o João”
- (35) a. *u-ingunkingu-tagü*  
 1-pensar-CONT  
 “Eu estou pensando”
- b. *itsasü-heke ingunkingu-ki-tsagü*  
 3.trabalho.REL-ERG pensar-CAUS-PNCT  
 “O trabalho dele o fez pensar”

Conforme Franchetto (2002) e Santos (2002, 2007), o acréscimo da morfologia detransitivizadora a um verbo transitivo, por sua vez, causa a eliminação do argumento externo. Nesse contexto, o argumento interno passa a exercer a função sintática de sujeito. O resultado desse processo é uma construção reflexiva ou incoativa, conforme os seguintes exemplos retirados de Santos (2007, p. 168-169).

Leitura reflexiva

- (36) a. *u-itsi-tagü katsogo-heke*  
 1-morder-CONT cachorro-ERG  
 “O cachorro está me mordendo”

- b. *ug-itsi-tagü*  
**1DTR**-morder-CONT  
 “Eu estou me mordendo”
- Leitura incoativa
- (37) a. *ito unhe-nügü u-heke*  
 fogo apagar-PNCT 1-ERG  
 “Eu apaguei o fogo”
- b. *itoto et-unhe-nügü*  
 fogo **DTR**-apagar-PNCT  
 “O fogo se apagou”

Os processos de detransitivização acima evidenciam claramente que o argumento externo foi eliminado da estrutura argumental. O principal indício é que o argumento externo em Kuiruko recebe o Caso Ergativo, o qual, por ser inerente, é atribuído pelo núcleo de VoiceP. Como os únicos argumentos nucleares realizados nos exemplos em (36b) e (37b) acima não recebem a posposição de Caso ergativo *heke*, então esses DPs são argumentos internos. Observe ainda que o prefixo detransitivizador {*ug-*} é o responsável pela leitura reflexiva, ao passo que o prefixo detransitivizador {*et-*} sinaliza a interpretação incoativa.

Tendo em conta esses fatos, defendo a hipótese discutida em Camargos (2015), de que, se os núcleos Voice<sup>o</sup> e  $v_{\text{CAUSE}}^{\text{o}}$  são projetados de forma sincrética na língua Kuikuro, então as duas morfologias de transitivização, {-*ne*} e {-*ki*}, apresentadas acima, são responsáveis pela introdução da leitura causativa e também pela introdução do argumento externo agente. Como corolário disso, não deve ser possível haver nessa língua uma construção causativa sem o argumento externo agente (=DP *heke*). De fato, conforme demonstra Santos (2007), um verbo transitivo morfologicamente causativizado não pode ser

detransitivizado. Mais precisamente, a primeira evidência a favor desse sincretismo se sustenta no fato de que um argumento externo introduzido por um processo de causativização não pode ser elidido por meio de um mecanismo de diminuição de valência, conforme o exemplo agramatical abaixo, o qual foi extraído de Santos (2007, p. 169)

- (38) \**ekise at-aka-ne-nügü*  
 ele DTR-sentar-CAUS-PNCT  
 “Ele se obrigou a sentar”

Pode-se notar que o processo de causativização está em distribuição complementar com a morfologia de apagamento de agente. Por essa razão, não é possível uma causativização sem um argumento externo na grade temática de um verbo causativizado em Kuikuro. Não obstante o objetivo de Franchetto (1986, 2002) e de Santos (2002, 2007), os dados linguísticos presentes nesses trabalhos são suficientes para sustentar a proposta de que  $\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$  são projetados de forma sincrética nessa língua. Portanto, a impossibilidade apresentada em (38) evidencia que o morfema  $\{-ne\}$  tem a função de (i) introduzir a leitura causativa e (ii) licenciar o argumento externo agente, o que mostra o sincretismo dos núcleos  $\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$  nessa língua.

O segundo argumento a favor da hipótese de que o  $v$ -zinho se manifesta de forma sincrética nessa língua reside no fato de que, conforme aponta Santos (2007), os verbos causativizados em Kuikuro não podem ser submetidos ao processo de nominalização de evento. Isso se sucede porque, na nominalização de evento nas línguas naturais, argumentos externos não são projetados (ABNEY, 1987; DOWTY, 1989; KRATZER, 1996; ALEXIADOU, 2001; entre outros). Nessa perspectiva, pode-se notar que, nas

línguas em que os núcleos Voice<sup>o</sup> e  $v^o_{\text{CAUSE}}$  são projetados de forma sincrética, é improvável que um verbo transitivo causativizado não licencie um argumento externo, uma vez que o licenciamento de argumento externo e a nominalização de evento são fenômenos inconciliáveis para essas línguas. Por isso, espera-se que, em uma língua que apresente os núcleos de  $vP$  de forma sincrética, as nominalizações de evento em verbos causativizados sejam agramaticais. Como os morfemas causativos em Kuikuro implicam na introdução de argumento externo, então verbos causativizados não podem ser nominalizados, como mostram as agramaticalidades abaixo.

- (39) \**apiju-ne-ne*  
 morrer-CAUS-NOML  
 “A matança”
- (40) \**hisu-ki-ne*  
 vergonha-CAUS-NOML  
 “O evento de envergonhar”

Apesar de verbos causativizados não poderem ser nominalizados, não há aparentemente nenhuma restrição quanto à nominalização de verbos intransitivos, transitivos e detransitivizados, conforme os exemplos de Santos (2007, p. 213, 219) abaixo. A possibilidade de realização desses exemplos se justifica, uma vez que estas três construções não introduzem obrigatoriamente um argumento externo agente.

Com verbos intransitivos

- (41) *hosige-ne*  
 sorrir-NOML  
 “Sorriso (sorrisada)”

Com verbos transitivos

- (42) *ipo-nge*  
 furar-NOML  
 “Furação” (furação de orelha, ritual de iniciação masculina ligado à chefia)

Com verbos detransitivizados

- (43) *em-ütahi-nhe*  
 2/3DTR-bocejo-NOML  
 “Bocejo”

Outro ponto que merece destaque é o sistema de Caso da língua Kuikuro. De acordo com Franchetto (1986), o argumento com papel temático de agente sempre recebe a posposição *heke*. Assim, o agente de verbos transitivos é tratado diferentemente do objeto e do único argumento de verbos intransitivos, o qual não recebe nenhuma marca, conforme os exemplos de Santos (2007, p. 32-33):

- (44) *kangamuke iniluN-tagü*  
 criança chorar-CONT  
 “A criança está chorando”
- (45) *t-umuku-gu imbuta-te-lü isi-heke*  
 RFL-filho-REL remédio-VBLZ-PNCT mãe-ERG  
 “A mãe deu remédio para seu filho”

É devido a tal manifestação morfossintática que essa língua apresenta o Sistema Ergativo-Absolutivo (FRANCHETTO, 1986; SANTOS, 2007). O curioso, todavia, é que os verbos que introduzem um argumento nuclear agentivo não marcam seu sujeito com a posposição *heke*, conforme o seguinte exemplo de Santos (2007, p. 183):

- (46) *tinhü*            *atsaku-tagü*  
 convidador correr-CONT  
 “O convidador está correndo”

Diante disso, Franchetto & Santos (2001, 2003) afirmam que, por não haver distinção formal entre inacusativos e inergativos, todos os verbos intransitivos em Kuikuro são de tipo inacusativo, selecionando, por isso, apenas um argumento interno. Assim, proponho que o sujeito agente dos verbos intransitivos não recebe a posposição *heke*, porque não é um argumento externo introduzido por VoiceP/ $vP_{CAUSE}$ , o qual é o único núcleo apto a checar o Caso Ergativo. Nessa linha de investigação, os verbos inacusativos e inergativos são unificados, uma vez que seus argumentos nucleares têm em comum a característica morfossintática de não serem projetados por meio do núcleo Voice<sup>o</sup>/ $v^o_{CAUSE}$ . Por essa razão, são argumentos internos.

Diante de todas essas considerações, sou motivado a propor que a língua Kuikuro projeta os núcleos Voice<sup>o</sup> e  $v^o_{CAUSE}$  de forma sincrética. Outrossim, foi mostrado ainda que esse núcleo complexo acumula as funções formais apresentadas em (47).

#### Funções de VoiceP/ $vP_{CAUSE}$ em Kuikuro

- (47) a.      Introdução de argumento externo.  
 b.      Checagem de Caso inerente do argumento externo.  
 c.      Introdução do subevento da causação.

Na próxima seção, serão apresentadas evidências de que a língua Wari’ (Txapakura) também projeta  $v$ -zinho de forma sincrética e não cindida.

### 2.5.2 Língua Wari' (Txapakura)

De acordo com Everett & Kern (1997), a composição é um dos mecanismos mais produtivos para a derivação de subtipos de verbos em Wari'. Everett & Kern (1997, p. 369-371) ilustram esse tipo de construção com os exemplos abaixo.

- (48) a. *mo pa' na-on jowin*  
**correr matar** 3SG-3SG.M macaco:espécie  
 “Ele correu matando um macaco jowin”
- b. *mi' coromicat na-in carawa*  
**dar pensar** 3SG-3PL.N animal  
 “Ela relutantemente deu carne”
- c. *juc wao ra-on coxa' ma*  
**empurrar balançar** 2SG-3SG.M irmão 2SG  
 “Empurre seu irmãozinho, balançando-o”

Veja que o primeiro elemento das composições verbais nos exemplos em (48) corresponde ao núcleo semântico da estrutura verbal. Os demais membros da composição, conforme Everett & Kern (1997), ou expressam o resultado e o efeito da ação do verbo que está imediatamente a sua esquerda, ou restringem (i.e. modificam) o significado do elemento verbal. É por meio desse processo composicional que a língua permite ainda os ajustes de valência verbal, conforme será discutido a seguir.

De acordo com Apontes & Camargos (2013), para que ocorra a causativização, por exemplo, é necessário que o verbo intransitivo receba a sua esquerda o verbo transitivo

*ara?* “fazer”. Dessa forma, o verbo *ara?* “fazer” modifica o verbo a sua direita, causativizando-o, conforme os exemplos abaixo.

- (49) a. *merem ri? na arawet*  
 gritar COMPL 3SG criança  
 “A criança gritou”
- b. *ara? merem na-on arawet narima?*  
**fazer** gritar 3SG-3SG.M criança mulher  
 “A mulher fez a criança gritar”
- (50) a. *pi pin ri? na narima?*  
 dançar PERF COMPL 3SG mulher  
 “A mulher dançou”
- b. *ara? pi na-am narima? tarama?*  
**fazer** dançar 3SG-3SG.F mulher homem  
 “O homem fez a mulher dançar”

Veja que os verbos intransitivos *merem* “gritar” e *pi*: “dançar” recebem a sua esquerda o verbo transitivo *ara?* “fazer”. A função desse verbo transitivo é modificar o segundo elemento da composição, introduzindo tanto a leitura causativa quanto o argumento externo agente.

O processo de intransitivização, por sua vez, ocorre quando o verbo intransitivo *maw* “ir” se realiza à direita de um verbo transitivo. Nesse contexto, o verbo transitivo deixa de introduzir seu argumento externo. Por conseguinte, o objeto inicial passa a exercer a função sintática de sujeito. De acordo com Apontes (2015), em termos semânticos, esse tipo de estrutura introduz uma interpretação incoativa ou resultativa, como pode ser visto nos exemplos extraídos de Apontes (2015, p. 264):

- (51) a. *tiyo? pin na-n fe hotowa?*  
 apagar PERF 3SG-3SG.N fogo.N vento.N  
 “O vento apagou o fogo”
- b. *tiyo? maw na fe*  
 apagar **ir** 3SG fogo  
 “A fogueira apagou-se”
- (52) a. *kono? na-n pana? fina?*  
 secar 3SG-3SG.N árvore.N sol  
 “O sol secou a vegetação (árvore)”
- b. *kono? maw na tonoj*  
 secar **ir** 3SG capim  
 “O capim secou-se”

Em termos descritivos, note que tanto a causativização quanto a intransitivização ocorrem por meio da adição de um elemento à estrutura verbal. Em suma, pode-se afirmar que há causativização quando se adiciona o verbo transitivo *ara?* “fazer” e ocorre intransitivização quando se insere o verbo intransitivo *maw* “ir”.

Diante disso, minha hipótese é que, conforme Camargos (2015), se a língua Wari’ dispõe de apenas um núcleo  $v^0$  (i.e. um  $v$ -zinho sincrético), então a versão com introdução de argumento externo agente (i.e. causativização) deve estar em distribuição complementar com a versão sem a introdução de argumento externo (i.e. intransitivização). De fato, é isso o que ocorre nessa língua, uma vez que verbos causativizados não podem ser posteriormente intransitivizados, conforme os exemplos (53b) e (54b) abaixo.

- (53) a. *ara?* *merem na-on arawet narima?*  
**fazer** gritar 3SG-3SG.M criança mulher  
 “A mulher fez o menino gritar”
- b. \**ara?* *merem maw na narima?*  
**fazer** gritar **ir** 3SG mulher  
 “A mulher gritou / A mulher se fez gritar”
- (54) a. *ara?* *pi na-am narima? tarama?*  
**fazer** dançar 3SG-3SG.F mulher homem  
 “O homem fez a mulher dançar”
- b. \**ara?* *pi maw na tarama?*  
**fazer** dançar **ir** 3SG homem  
 “O homem dançou / O homem se fez dançar”

O que os exemplos agramaticais acima mostram é que há apenas uma posição capaz de receber o elemento causativizador ou o elemento intransitivizador. Assim, a causativização e a intransitivização, como foram mostradas acima, estão em uma relação de contrapartida. Por essa razão, excluem-se mutuamente. Dessa maneira, uma estrutura causativizada não pode sofrer um processo de intransitivização. Diante disso, minha hipótese é que os núcleos das projeções VoiceP e  $vP_{\text{CAUSE}}$  são projetados sincreticamente, uma vez que não se pode dissociar a introdução de argumento externo do processo de causativização na língua Wari’.

Em resumo, mostrei nessas últimas duas subseções que as línguas Kuikuro e Wari’ projetam os núcleos de VoiceP e  $vP_{\text{CAUSE}}$  de forma sincrética. O principal argumento utilizado foi que, devido ao parâmetro de Agregação de Voice, a introdução de argumento externo está intimamente ligada ao processo de causativização. Logo, um predicado causativizado obrigatoriamente tem que exibir o

argumento externo agente. Por consequência, é impossível a intransitivização de verbos causativizados, uma vez que resulta em construções agramaticais nas duas línguas. Na próxima seção, serão analisados os casos em que as línguas projetam os núcleos  $\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$  de forma cindida.

## 2.6 O caso dos núcleos cindidos

Nesta seção, apoio-me na hipótese de Camargos (2015), segundo a qual as línguas Paresi-Haliti e Ticuna, diferentemente do que ocorre em Kuikuro e Wari', projetam  $\text{VoiceP}$  e  $vP_{\text{CAUSE}}$  de forma cindida. Assim, as funções típicas de  $vP$  estão distribuídas entre os núcleos  $\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$ . Como veremos, a principal evidência dessa cisão é (i) a possibilidade de haver construções causativas que não licenciam um argumento externo agente e (ii) a realização de morfologias distintas para cada um desses núcleos. Tratarei inicialmente da língua Paresi-Haliti.

### 2.6.1 Língua Paresi-Haliti (Arawak)

A língua Paresi-Haliti, conforme Brandão (2014), apresenta uma riqueza morfológica no domínio verbal. Essa complexidade pode ser vista nas construções causativas, as quais envolvem pelo menos dois morfemas, a saber:  $\{a-\}$  e  $\{-ki\}$ . Esses afixos têm sido tratados como voz ativa, transitivizador e causativizador (BRANDÃO,

2010, 2014; SILVA, G., 2013). Neste trabalho, todavia, vou tratá-los e glosá-los<sup>24</sup> como instanciação dos núcleos de  $vP_{\text{CAUSE}}$  e VoiceP, respectivamente. Veja os exemplos abaixo, retirados de Silva, G. (2013, p. 269, 271), que ilustram o processo de causativização morfológica de verbos inacusativos e inergativos<sup>25</sup>.

- (55) a. *Jura  $\emptyset$ -tatakoa- $\emptyset$*   
 Jura 3-tremer-PERF  
 “Jura tremeu”
- b. *Kolobi a-tatakoa-ki-tya*                      *Jura*  
 Kolobi CAUS-tremer-VOICE-PERF Jura  
 “Kolobi faz Jura tremer”
- (56) a. *Jura halaityoa- $\emptyset$*   
 Jura saltar-PERF  
 “Jura saltou”
- b. *Kolobi a-halaityoa-ki-tya*                      *Jura*  
 Kolobi CAUS-saltar-VOICE-PERF Jura  
 “Kolobi faz Jura saltar”

<sup>24</sup> Brandão (2010, 2014) e Silva, G. (2013) glosam o prefixo {*a-*} como ACT, CAUS e TRS e marcam o sufixo {-*ki*} como CAUS. Neste trabalho, vou alterar as glosas dos morfemas {*a-*} e {-*ki*} para CAUS e VOICE, respectivamente, tendo em vista a análise teórica proposta nesta tese.

<sup>25</sup> O leitor poderia se perguntar se a mudança da morfologia de perfectivo de {- $\emptyset$ } para {-*tya*} nos exemplos em (55) e (56) está relacionada ao processo de causativização em Paresi-Haliti. Os exemplos abaixo revelam que não é a causativização o gatilho responsável por essa mudança, uma vez que o sufixo perfectivo {-*tya*} também ocorre em estruturas que não exibem morfologia causativa, conforme os seguintes exemplos, extraídos de Silva, G. (2013, p. 254, 287):

- (i) *na-waha-ako-tya*                      *hati*  
 1SG=esperar-dentro-PERF casa  
 “Eu esperei dentro de casa”
- (ii) *na=tona-koa-tya*  
 1SG=andar-ADJ.SUP-PERF  
 “Eu andei por aí”

De acordo com Silva, G. (2013), são três os morfemas de perfectivo em Paresi-Haliti, a saber: {- $\emptyset$ }, {-*tya*} e {-*ka*}. Em uma proposta de sistematização, Silva, G. (2013) reconhece, pelo menos, as seguintes regularidades: (i) os verbos inacusativos descritivo-estativos sempre recebem {- $\emptyset$ }; (ii) os verbos derivados sempre recebem {-*tya*}; (iii) os demais verbos, transitivos ou intransitivos, recebem {-*ka*}.

Note que os verbos *tatakoa* “tremar” e *halaityoa* “saltar”, para serem causativizados, precisam acionar concomitantemente dois morfemas, a saber: o prefixo {*a-*} e o sufixo {-*ki*}. O mesmo processo também ocorre com verbos transitivos, conforme os exemplos de Silva, G. (2013, p. 271, 275) abaixo.

- (57) a.  $\emptyset$ -*tsema*- $\emptyset$  *hitso*  
 3-ouvir-PERF você  
 “Ele ouviu você”
- b.  $\emptyset$ -*a-tsema-ki-ty*=<*n*>*e* (*e*<*n*>=*irae*<*n*>-*e*)  
 3-CAUS-ouvir-VOICE-PERF=<EP>3 (3<EP>=*falar*<CL>-CONC)  
 “Ele o fez ouvir (a fala dele)”

De acordo com Brandão (2010, 2014) e Silva, G. (2013), o morfema {-*ki*} tem a função de causativizar predicados intransitivos e transitivos. No entanto, não há um consenso entre esses autores quanto ao estatuto do prefixo {*a-*}, o qual é definido como prefixo ativo (BRANDÃO, 2010), transitivizador (SILVA, G., 2013) e até mesmo causativizador (BRANDÃO, 2014).

A partir da descrição linguística desses autores e com base no que os dados revelam, minha proposta é que o prefixo {*a-*} é a instanciação morfológica do núcleo de  $vP_{\text{CAUSE}}$ , uma vez que é o responsável pela introdução da semântica causativa. Avento ainda a hipótese de que o sufixo {-*ki*} é o responsável por instanciar o núcleo de VoiceP, cuja função é introduzir um argumento externo agente com controle.

A primeira evidência de que os morfemas {-*ki*} e {*a-*} são a manifestação morfológica dos núcleos de VoiceP e  $vP_{\text{CAUSE}}$  é que as construções causativas que não apresentam um argumento externo agente prototípico, não recebem o sufixo {-*ki*}. Na

verdade, devem acionar apenas a morfologia causativa {*a-*}. É isso o que ocorre no seguinte exemplo de Brandão (2014, p. 263):

- (58) a. *kamae a-iyo-heta imi-ti*  
 sol CAUS-secar-REG roupa-UNPOSS  
 “O sol secou minhas roupas”

De fato, o sujeito *kamae* “sol”, no exemplo acima, é um argumento com a função semântica de causador sem volição, uma vez que é uma entidade inanimada. Pelo fato de esse sujeito não ser um argumento externo agente, não deve ser introduzido por meio de VoiceP prototípico. Por isso, o sufixo {-*ki*} não se manifesta nesse exemplo. Note que, caso o sufixo {-*ki*} se realize, a sentença torna-se agramatical, conforme este exemplo de Brandão (2014, p. 263):

- (58) b. \**kamae a-iyo-heta-ki-tsa imi-ti*  
 sol CAUS-secar-REG-VOICE-TH roupa-UNPOSS  
 “O sol secou minhas roupas”

Observe que a presença do morfema {-*ki*} na causativização do exemplo acima implica na projeção de um sujeito com a função semântica de agente com controle, o que é incompatível com um participante inanimado. Essa sentença só seria gramatical se o argumento fosse uma entidade capaz de carregar essas propriedades semânticas, conforme o exemplo de Brandão (2014, p. 263) abaixo:

- (59) a. *Paula a-iyo-heta-ki-tsa imi-ti*  
 Paula CAUS-secar-REG-VOICE-TH roupa-UNPOSS  
 “A Paula (intencionalmente) secou minhas roupas”

Minha hipótese é que o DP *Paula* no exemplo acima é introduzido por VoiceP, cujo núcleo é instanciado pelo sufixo {-ki}. Por isso, esse argumento externo apresenta as propriedades semânticas de agente com controle. Curiosamente, a sentença acima pode ser produzida sem a realização do morfema {-ki}. O resultado é a sentença abaixo, a qual, segundo Brandão (2014, p. 263), é ambígua quanto à volição do DP *Paula*. Mais precisamente, em termos descritivos, não se sabe se o argumento nuclear *Paula* exerce a ação descrita pelo verbo de forma voluntária e intencional.

- (59) b. *Paula a-iyo-heta imi-ti*  
 Paula CAUS-secar-REG roupa-UNPOSS  
 “A Paula secou minhas roupas” (com ou sem volição)

Portanto, o que os dados em (58) e (59) mostram é que o morfema {-ki} tem a função de licenciar um argumento com a função semântica de agente com controle. Isso corrobora minha hipótese de que esse morfema de fato instancia o núcleo de uma projeção VoiceP prototípica<sup>26</sup>. Veja que a língua Paresi-Haliti exibe um cenário linguístico substancialmente distinto daqueles apresentados por Pylkkänen (2002, 2008). Pode-se constatar que, em japonês e em finlandês, é possível uma causativização sem que VoiceP seja projetado, ao passo que a língua Paresi-Haliti instancia simultaneamente os núcleos de VoiceP e de vP<sub>CAUSE</sub> por meio de morfologias específicas.

<sup>26</sup> Uma proposta alternativa, que não será explorada neste trabalho, seria propor que o morfema {-ki} fosse a realização morfológica de um aplicativo alto.

Desse modo, essa língua apresenta como expediente morfológico dois morfemas em contexto de causativização. Assim, tanto o núcleo de  $vP_{CAUSE}$  quanto o núcleo de VoiceP podem ser preenchidos simultaneamente<sup>27</sup>.

A segunda evidência de que o morfema  $\{-ki\}$  instancia o núcleo de VoiceP se origina no fato de que em construções causativas que não introduzem um argumento externo, o morfema  $\{-ki\}$  não se manifesta. Esse tipo de construção é possível quando um verbo transitivo causativizado recebe o sufixo  $\{-oa\}$ , cuja função é marcar a forma anticausativa ou incoativa (BRANDÃO, 2010, 2014). Veja o exemplo abaixo, de Silva, G. (2013, p. 282), em que o verbo é causativizado por meio do prefixo  $\{a-\}$ . No entanto, nenhum argumento externo agente é introduzido na estrutura argumental e, assim, o sufixo  $\{-ki\}$  não se realiza.

(60) *n=a-mema-ty-oa*                                      *iya*    *e<n>=oman-a-ha*    *hoka*  
 1SG=CAUS-estar.quieto-PERF-AC    COND    3<EP>=para-CONC-PL então

*ø-tsiya-ø-ha*                                      *iya*    *wi=kako-a*  
 3=passar-PERF=PL    COND 1PL=com-CONC  
 “Se eu ficar quieto com eles, vão nos ultrapassar”

De acordo com Brandão (2014), o morfema  $\{-oa\}$  marca essas formas incoativas dos verbos, o que significa, por um lado, a exclusão do agente da causação e, por outro,

<sup>27</sup> Esse mesmo fenômeno pode ser visto em Achém (Austronésia). De acordo com Legate (2014), essa língua realiza os núcleos de VoiceP e de  $vP_{CAUSE}$  por meio de dois morfemas distintos, os quais coocorrem em contexto de causativização. Legate (2014, p. 116) ilustra essa coocorrência com o exemplo abaixo.

(i)    *Hasan*    *geu-peu-reubah*    *aneuk*    *nyan*  
       Hasan    3POL-CAUS-cair    criança    DEM  
       “Hasan fez a criança cair”

De acordo com Legate (2014), os prefixos  $\{geu-\}$  e  $\{peu-\}$  ocupam respectivamente os núcleos de VoiceP e  $vP_{CAUSE}$ . Para a autora, exemplos como esse se mostram como um forte argumento a favor da projeção cindida de  $vP$ .

a realização de eventos que ocorrem espontaneamente. Nos termos deste trabalho, em exemplos como (60), além do evento causado “ficar quieto”, está presente também o evento da causação, o qual é introduzido pelo morfema causativo {*a-*}. Observe que esse mesmo diagnóstico é utilizado para argumentar a favor do sincretismo presente na língua Kuikuro, conforme o exemplo (38), repetido abaixo como (61).

- Kuikuro  
 (61) \**ekise at-aka-ne-nügü*  
 ele DTR-sentar-CAUS-PNCT  
 “Ele se obrigou a sentar”

Como foi discutido na seção 2.5.1, percebe-se que os verbos causativizados em Kuikuro não podem ser intransitivizados, conforme o exemplo acima. Essa restrição, contudo, não ocorre com o Paresi-Haliti, como foi visto no exemplo (60).

Uma proposta que visa à uniformização das construções causativas presentes em Paresi-Haliti poderia ser delineada da seguinte maneira: (i) o núcleo de  $vP_{\text{CAUSE}}$  é realizado pelo morfema prefixal {*a-*} e (ii) o núcleo de VoiceP pode ser instanciado, no mínimo, pelos morfemas {-*ki*}, {- $\emptyset$ } e {-*ao*}. Quando ocorrer o morfema {-*ki*}, será introduzido um argumento externo agente prototípico (com controle). Se se realizar o morfema {- $\emptyset$ }, será acrescentado um argumento com a função semântica de causa. Por fim, caso se realize o sufixo {-*ao*}, será juntado um VoiceP defectivo<sup>28</sup>, o qual é incapaz de introduzir um argumento externo.

---

<sup>28</sup> De acordo com Embick (1997, 1998, 2004), o núcleo de VoiceP é defectivo quando lhe falta a habilidade de introduzir um argumento externo.

Uma análise alternativa, no entanto, poderia ser formulada da seguinte forma: as construções causativas que envolvem apenas a realização do prefixo {*a-*} correspondem a uma estrutura que envolve apenas um *v*P sincrético. Mais precisamente, teríamos, por um lado, o prefixo {*a-*} correspondendo ao núcleo sincrético VoiceP/*v*P<sub>CAUSE</sub> e, por outro, os morfemas {-*ki*} e {*a-*} correspondendo aos núcleos de VoiceP e *v*P<sub>CAUSE</sub>, respectivamente.

Por fim, ressalto que, apesar de Silva, G. (2013) e Brandão (2010, 2014) não terem o objetivo de investigar a estrutura e a projeção de *v*P na língua Paresi-Haliti, os dados sistematizados por esses autores servem como evidência empírica a favor da minha análise teórica (CAMARGOS, 2015).

Na próxima seção, serão apresentadas evidências de que a língua Ticuna também projeta *v*P de forma cindida e não de forma sincrética.

### **2.6.2 Língua Ticuna (isolada)**

De acordo com Soares (2010), o Ticuna, língua isolada, também pertence ao conjunto das línguas naturais que projeta os núcleos de VoiceP e de *v*P<sub>CAUSE</sub> de forma cindida. Conforme a autora, o fato de o morfema causativo {-*ě'ě*} em Ticuna sempre selecionar como complemento uma raiz da qual não é separado por uma morfologia verbalizante resulta na criação de expressões idiomáticas por meio dessa unidade gramatical. Segundo a autora, nessas construções, é possível que o morfema causativo determine algumas nuances de significado sem que o argumento externo agente exerça qualquer contribuição, conforme os seguintes exemplos de Soares (2010, p. 222):

(62) *ngiã ta-wiüca-ẽ'ẽ-gü*  
 EXORT 1.PL-caçar.com.espingarda-CAUS-PL  
 “Vamos arranjar um parceiro (homem/mulher)”

(63) *paa yi-gü ta-woma-ẽ'ẽ-gü*  
 IMP 1.PL-REFL 1.PL-enganar-CAUS-PL  
 “Vamos comer”

Note que, em (62), o resultado da causativização do verbo *wiüca* “caçar com a espingarda”, por meio da sufixação do morfema causativo {-ẽ'ẽ}, não significa “fazer caçar com a espingarda”, mas sim “arranjar um parceiro”. Paralelamente a esse exemplo, veja que, em (63), quando o verbo *woma* “enganar” recebe o morfema causativo {-ẽ'ẽ}, o resultado não é “fazer enganar”, mas sim “comer”.

A afixação do morfema causativo, conforme os exemplos acima, não tem como resultado a causativização propriamente dita, mas a formação de expressões idiomáticas. De acordo com Marantz (1984, 1997), como afirma Soares (2010), argumentos externos apresentam duas peculiaridades importantes, a saber: (i) são argumentos de predicados e não de verbos e (ii) não contribuem em nada para a interpretação idiomática, a qual é a combinação do verbo básico com a causação, conforme os exemplos acima. Tendo por base essas afirmações, as expressões idiomáticas acima são o produto da projeção  $vP_{\text{CAUSE}}$ , cujo núcleo é instanciado por {-ẽ'ẽ}, e não necessariamente o resultado da projeção de VoiceP. É nessa perspectiva que Soares (2010) diz que esse tipo de construção só é possível porque a língua Ticuna projeta os núcleos de VoiceP e  $vP_{\text{CAUSE}}$  de forma cindida. Assim, o núcleo de  $vP_{\text{CAUSE}}$  é realizado pelo sufixo {-ẽ'ẽ}, enquanto o núcleo de VoiceP é, mesmo que estipulativamente, zero { $\emptyset$ }.

Outro argumento apresentado por Soares (2010) a favor da cisão dos núcleos de VoiceP e  $vP_{\text{CAUSE}}$  em Ticuna se fundamenta na possibilidade de haver construções que são paralelas às estruturas causativas inacusativas. Para ser mais preciso, essa língua permite que construções previamente causativizadas possam ser nominalizadas, resultando em configurações com morfologia causativa e nenhum argumento externo agente, conforme os exemplos de Soares (2010, p. 216) abaixo.

- (64) ...*natürü tchama rü Tunetü wa tcha-ya*  
então eu TOP Tunetü LOC 1P-criar/crescer  
“Então eu me criei/cresci no Tunetü”
- (65) *o'i ai na-ya-ẽ'ẽ*  
avô onça 3P-criar/crescer-CAUS  
“O avô criou a onça”
- (66) *o'i-tchiga ya ai na-ya-ẽ'ẽ-cü*  
avô-história PRT onça 3.SG-criar/crescer-CAUS-NOML  
“História do avô criador de onça”
- (67) *o'i ya ai ya-ẽ'ẽ-cü arü ore*  
avô PRT onça criar/crescer-CAUS-NOML de história  
“História do avô criador de onça”

Pode-se notar que, no exemplo (64), o verbo *ya* “crescer” não aparece sob a forma causativa. Logo, não há nem causativização nem a introdução de argumento externo agente. De acordo com Soares (2010, p. 216), “os demais exemplos apresentam como suposto agente causador *o'i* ‘avô’ [...] e, ainda, causativização da forma referente a “criar, crescer”, mostrando que, no quadro do causativo possivelmente selecionador de raiz em Ticuna, encontra-se causativização de inacusativo”.

No exemplo (65), o verbo é causativizado por meio do sufixo {-ê'ê}. Assim, são introduzidos a leitura causativa e o argumento externo agente *o'i* “avô”. Note que esse argumento externo engatilha no verbo o prefixo de concordância {*na-*}. No exemplo (66), apesar de a forma causativa ser nominalizada pelo sufixo {-*cü*}, a mesma marca de concordância é mantida com o argumento *o'i* “avô”. No exemplo (67), por fim, a forma causativa nominalizada não realiza o prefixo de concordância. De acordo com Soares (2010, p. 216), isso “mostra que, em contexto de nominalização, a forma causativizada pode ser desvinculada da marcação de pessoa e que, em detrimento dessa última, é mais importante, aparentemente, fazer sobressair aí o próprio evento que ela veicula”. Dessa forma, conforme a autora, o resultado é uma construção causativa que não necessariamente se vincula a um argumento externo.

Veja que esse diagnóstico também foi utilizado quando da análise da língua Kuikuro na seção 2.5.1. Vimos que construções causativas nessa língua não podem ser nominalizadas, conforme os exemplos (39) e (40), repetidos a seguir como (68) e (69), respectivamente.

Kuikuro

- (68) \**apiŋu-ne-ne*  
morrer-CAUS-NOML  
“A matança”
- (69) \**hisu-ki-ne*  
vergonha-CAUS-NOML  
“O evento de envergonhar”

Visto que a língua Kuikuro projeta os núcleos de VoiceP e  $vP_{CAUSE}$  de forma sincrética, construções morfológicamente causativizadas não podem sofrer apagamento de argumento externo agente, como, por exemplo, nos processos de nominalização, conforme a agramaticalidade que está presente em (68) e (69). Essa restrição, no entanto, não ocorre na língua Ticuna, como se viu no exemplo (67), tendo em vista que essa língua projeta Voice<sup>o</sup> e  $v^o_{CAUSE}$  de forma cindida.

Por conseguinte, o que o exemplo (67) evidencia é que as construções causativas, em contexto de nominalização, podem ser desvinculadas da introdução de um argumento externo agente. Portanto, é com base em exemplos como esse<sup>29</sup> que Soares (2010, p. 219) afirma que “as evidências que conseguimos reunir colocam essa língua como integrante do conjunto daquelas que não agrupam Voz e Causa em um único núcleo funcional (*Non-Voice-Bundling Cause languages*)”.

Em síntese, mostrei nessas últimas duas subseções que as línguas Paresi-Haliti e Ticuna projetam os núcleos de VoiceP e  $vP_{CAUSE}$  de forma cindida. De modo geral, a principal evidência foi que a introdução de argumento externo está de fato dissociada do processo de causativização. Logo, um predicado causativizado permite construções que não exibam o argumento externo agente, como, por exemplo, nos contextos de nominalização.

---

<sup>29</sup> Soares (2010) apresenta ainda outras evidências a favor da cisão dos núcleos de VoiceP e  $vP_{CAUSE}$  na língua Ticuna.

## 2.7 Resumo do capítulo

Este capítulo teve por objetivo apresentar os pressupostos teóricos básicos que servirão como fundamento para o desenvolvimento da presente pesquisa, cujo objetivo principal consiste na proposta de que a língua Tenetehára-Guajajára exhibe evidências a favor da cisão da projeção  $vP$  em outras duas projeções, a saber:  $VoiceP$  e  $vP_{CAUSE}$ . Neste capítulo, vimos que, para a Morfologia Distribuída, que é um dos desenvolvimentos da Teoria Gerativa, as mesmas operações gramaticais responsáveis pela formação de sentenças são as mesmas operações capazes de formar palavras. Além disso, mostrei que o argumento externo, conforme Kratzer (1996), não é um argumento verdadeiro do verbo, mas é, na verdade, introduzido por um núcleo flexional externo à concha  $v$ -VP. Por isso, diferentemente dos argumentos internos, os argumentos externos são introduzidos por uma projeção funcional distinta, a saber:  $VoiceP$ . Vimos ainda que a proposta de Kratzer (1996) foi ampliada por Pylkkänen (2002, 2008), ao propor que as funções de  $vP$  estão distribuídas em outras duas projeções, a saber:  $VoiceP$  e  $vP_{CAUSE}$ . Cuervo (2003), por sua vez, assume que as raízes, além de se combinarem com  $v^o_{CAUSE}$ , podem ainda se juntar a outros tipos de  $v$ , os quais definem os tipos de predicados, a saber: (i)  $v_{DO}$  para eventos de atividade; (ii)  $v_{GO}$  para eventos de mudança de estado; e, por fim, (iii)  $v_{BE}$  para eventos fundamentalmente estativos. Por fim, considerando essa delimitação teórica, propus que as línguas Kuikuro e Wari' projetam os núcleos de  $VoiceP$  e  $vP_{CAUSE}$  de forma sincrética. A principal evidência desse sincretismo é a obrigatoriedade de introdução de argumento externo em contexto de causativização. As

línguas Paresi-Haliti e Ticuna, no entanto, projetam VoiceP e  $vP_{\text{CAUSE}}$  separadamente. Assim, as funções típicas de  $vP$  estão distribuídas entre os núcleos Voice<sup>o</sup> e  $v^{\text{o}}_{\text{CAUSE}}$ . A principal evidência dessa cisão é a possibilidade de haver construções causativas que não licenciam um argumento externo causador e a realização de morfologias distintas para cada um desses núcleos.

No próximo capítulo, apresento alguns aspectos gramaticais da língua Tenetehára-Guajajára, os quais são essenciais para se compreender as generalizações teóricas a respeito da interação entre a sintaxe e a morfologia de predicados.

## Capítulo 3

### *Morfossintaxe da língua Tenetehára-Guajajara*

Este capítulo tem por objetivo apresentar alguns aspectos gramaticais da língua Tenetehára-Guajajara. Essas propriedades gramaticais são consideradas essenciais para a compreensão das generalizações teóricas que serão propostas a respeito da interação entre a sintaxe e a morfologia de predicados em Tenetehára-Guajajara. A análise funcional dos morfemas que serão apresentados aqui é o resultado de uma investigação linguística realizada desde o ano de 2012, como foi explicitado na introdução desta tese.

Vale ressaltar ainda que, para a descrição que será delineada e discutida neste capítulo, foram considerados os trabalhos de Harrison (1986, 1995), Duarte (1997, 1998, 2000, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007ab, 2012), Carvalho (2001), Carreira (2008), Castro (2007, 2013, 2017), Silva, T. (2010, 2013), Camargos (2013ab, 2014, 2016, 2017), Duarte, Camargos & Castro (2014, 2016), Camargos & Silva (2016), entre outros.

Este capítulo está dividido da seguinte maneira. Na seção 3.1, trago uma breve consideração a respeito da família linguística Tupí-Guaraní. Na seção 3.2, apresento a estrutura morfológica do verbo. Na seção 3.3, discuto o sistema de codificação de posse e tempo dos sintagmas nominais e analiso os processos de nominalização deverbal. Na seção 3.4, finalizo com o resumo do capítulo.

### **3.1 O Tenetehára-Guajajára e a família linguística Tupí-Guaraní**

A família linguística Tupí-Guaraní compreende um total aproximado de 40 línguas indígenas, as quais se relacionam profundamente, tendo em vista que compartilham muitas propriedades gramaticais. Essa família, por sua vez, relaciona-se com outras nove famílias linguísticas (Arikém, Juruna, Mondé, Mundurukú, Tupari, Ramarama, Aweti, Sateré-Mawé e Puruborá - estas três últimas famílias são compostas por apenas uma língua), as quais compõem o tronco linguístico Tupí.

No Brasil, os troncos mais conhecidos e com uma quantidade maior de línguas são o Tupí e o Macro-Jê. Além desses dois troncos, há também mais 19 famílias que, por não possuírem taxas suficientes de semelhanças, não são agrupadas em troncos. E, por fim, há também línguas isoladas, que por não terem uma quantidade satisfatória de similaridade entre si e com outras línguas indígenas brasileiras, não são agrupadas em famílias linguísticas.

O tronco Tupí subdivide-se nos ramos ocidental e oriental, que, por sua vez, subdividem-se em famílias linguísticas. O Quadro 4, a seguir, foi formulado a partir de Rodrigues (1985), Rodrigues & Cabral (2002) e Dietrich (2010).

Quadro 4 – Tronco Tupí

<b>Ramo</b>	<b>Família Linguística</b>
Ocidental	Poruborá-Ramarama
	Mondé
	Tupari
	Arikém
Oriental	Juruna
	Munduruku
	Mawé-Aweti
	Tupí-Guaraní

De acordo com Rodrigues (1985), a língua Tenetehára-Guajajára (dialetos: Guajajára e Tembé) pertence à família Tupí-Guaraní, sendo que as seguintes línguas também possuem semelhanças suficientes para serem agrupadas, formando, assim, o Ramo IV: o Asuriní do Tocantins, o Avá-Canoeiro, o Parakanã, o Suruí do Tocantins e o Tapirapé. Diante disso, o Quadro 5, a seguir, foi também formulado a partir de Rodrigues (1985), Rodrigues & Cabral (2002) e Dietrich (2010).

Quadro 5 – Família Tupí-Guaraní<sup>30</sup>

Ramo	Línguas
I	*Guaraní antigo, Avá/ Nhadeva, Caiová, Guarani paraguaio, Mbyá, Xetá, Guarani do Chaco/ Chiriguano, Tapiete.
II	Guarayo, Guarasug'wã, Pauserna, Siriono, Yuki, Aché.
III	*Tupinambá, *Tupiniquim, *Potiguara, Nheengatu, (Cocama), (Omágua).
IV	Assurini do Tocantins, Tapirapé, Parakanã, Suruí e Mudjetíre, Tembé, Guajajára, Avá-Canoeiro.
V	Anambé, Amanayé, Araweté, Asurini do Xingu, Kayabi.
VI	Parintintin, Apiaká, Amondawa, Kawahib/ Uru-eu-wau-wau.
VII	Kamayurá.
VIII	Wayãpi, Wayampipuku, Émerrillon, Zo'é, Guajá, Ka'apor.

Fonte: adaptado de RODRIGUES, 1985; RODRIGUES; CABRAL, 2002; DIETRICH, 2010

O Tupí-Guaraní é a família linguística que possui a maior distribuição geográfica. Além de estar presente em todas as regiões do Brasil, há línguas dessa família, inclusive, em outros países da América Latina, tais como: Argentina, Bolívia, Colômbia, Guiana Francesa, Paraguai, Peru e Venezuela. Devido à grande similaridade que há entre as línguas Tupí-Guaraní, é bem provável que tenha ocorrido uma dispersão extremamente rápida. Com base em estudos léxico-estatísticos, Rodrigues (1964), Migliazza (1982), Walker et al. (2012), entre outros autores, apontam o sudoeste da Amazônia, na bacia do alto rio Madeira como provável centro de dispersão dos povos Tupí.

Atualmente, a situação sociolinguística dos povos Tupí é bastante diversa. Por um lado, há línguas aparentemente pouco ameaçadas, como é o caso das línguas faladas

<sup>30</sup> O asterisco (\*) marca uma língua extinta.

por povos recentemente contatados<sup>31</sup>, como, por exemplo, os Uru-Eu-Wau-Wau, os Assuriní do Xingu e os Guajá. Há povos ainda que, apesar de um longo contato com a comunidade não indígena, tem mantido a língua indígena como primeira língua, como ocorre com algumas comunidades Guaraní, Karitiana e Guajajára, por exemplo. Por outro lado, há algumas línguas que estão a ponto de desaparecer por completo, como é o caso, por exemplo, do Puruborá e do Aruá.

Na seção seguinte, é apresentada a estrutura morfológica do verbo em Tenetehára-Guajajára, com o intuito de deixar o leitor mais familiarizado com os mecanismos morfossintáticos dessa língua.

### **3.2 A estrutura do verbo**

A língua Tenetehára-Guajajára, assim como as demais línguas Tupí-Guaraní, apresenta uma estrutura morfológica rica, podendo, assim, ser classificada como uma língua com algumas propriedades aglutinantes. Dessa forma, a estrutura morfológica do verbo é constituída por prefixos e por sufixos. Esses afixos têm a função, de modo geral, de realizar a concordância com o sujeito e/ou com o objeto, aumentar e diminuir a valência verbal, codificar aspecto, realizar a incorporação nominal, marcar a negação, entre outros. Com base na ordem linear dos afixos verbais, proponho que eles se enquadrem no paradigma apresentado no Quadro abaixo.

---

<sup>31</sup> Os Assuriní do Xingu, os Guajá e os Uru-Eu-Wau-Wau são povos indígenas que iniciaram o contato com a comunidade não indígena nas décadas de 1970 e 1980.

Quadro 6 – Estrutura morfológica do verbo em Tenetehára-Guajajára

Ordem	Função
1	Negação
2	<b>Concordância</b>
3	Reflexivo
4	Causativo
5	Incorporação
6	<b>RAIZ</b>
7	Aspecto
8	Causativo
9	Aspecto
10	Negação

Embora um verbo em Tenetehára-Guajajára possa apresentar todos os prefixos e sufixos mostrados no Quadro 6, conforme se vê, por exemplo, em (70), apenas a marca de concordância é obrigatória, como em (71). Todos os outros morfemas podem ocorrer ou não. Vale ressaltar ainda que, como essa língua permite sujeito e objeto nulos, seguindo padrão *pro-drop*, não é incomum encontrar construções constituídas apenas pela raiz e seus marcadores de pessoa.

(70) *n-u-ze-mu-puràg-ete-ahy-kar-kwaw*                      *wopoz he=r-emireko a'e*  
 NEG-**3**-REFL-CAUS-**bonito**-ASP-ASP-CAUS-NEG    saia    1SG=C-esposa    3  
 “A saia não fez a minha mulher ficar bonita”

(71) *u-'ar kwarer a'e*  
**3-cair** menino 3  
 “O menino caiu”

Tendo em vista a centralidade do sistema de concordância verbal em Tenetehára-Guajajára, começo, na próxima seção, a examinar os paradigmas de concordância verbal.

### 3.2.1 Tipos de verbos e sistema de concordância verbal

Para os objetivos desta tese, é importante que se compreenda que, na língua Tenetehára-Guajajára, os verbos se distinguem em, pelo menos, três classes verbais, a saber: (i) verbos transitivos; (ii) verbos intransitivos ativos (i.e. incoativos e de atividade); e, por fim, (iii) verbos intransitivos inativos (i.e. descritivos e estativos)<sup>32</sup>. Essas subclasses verbais, como veremos a seguir, se distinguem, tendo em vista suas propriedades morfossintáticas, principalmente aquelas referentes ao sistema de concordância verbal.

De acordo com Duarte (2007a), os sintagmas nominais em Tenetehára-Guajajára não recebem desinências de caso morfológico para distinguir os sintagmas nominais nas

---

<sup>32</sup> Quando observamos as propriedades morfossintáticas dos verbos intransitivos em Tenetehára-Guajajára, notamos que possivelmente não há distinção entre inacusativos e inergativos. Exceto por questões puramente semânticas, os verbos listados em (i) e (ii), que corresponderiam a verbos inergativos e inacusativos, respectivamente, apresentam os mesmos comportamentos morfossintáticos referentes à capacidade de acionarem os mesmos paradigmas de concordância, receberem os mesmos morfemas nominalizadores, exibirem o mesmo número e tipo de argumentos que admitem, entre outras propriedades. Tendo em vista que até o presente momento não encontramos diferenças formais entre (i) e (ii) na língua Tenetehára-Guajajára, sou levado a concluir que essa língua possivelmente não distingue essas duas classes verbais. Para uma discussão acerca dessa distinção nas línguas Tupí-Guaraní, direciono o leitor aos trabalhos de Seki (1990), Duarte (2007a, 2014), Vieira (2013), Mattos (2015), entre muitos outros.

(i)	-zàn	“correr”	(ii)	-màno	“morrer”
	-por	“pular”		-’ar	“cair”
	-ata	“caminhar”		-wyar	“boiar”
	-’ytaw	“nadar”		-kàzym	“desaparecer”
	-pynyk	“dançar”		-zaw	“nascer”
	-ze’eg	“falar”		-paw	“terminar”

funções sintáticas de sujeito e de objeto. Essas funções são, na verdade, codificadas por meio dos paradigmas de concordância. Até o momento, identifiquei, em termos descritivos, três paradigmas (CAMARGOS, 2017). O primeiro paradigma corresponde aos prefixos de concordância que referenciam os sujeitos de verbos transitivos e sujeitos de verbos intransitivos ativos. Este paradigma é denominado, neste trabalho, como concordância em contexto DIRETO. Veja os exemplos a seguir.

- (72) a. *a-exak ka'i ihe*  
 1SG-ver macaco 1SG  
 “Eu vi o macaco”
- b. *uru-exak ka'i ure*  
 1EXCL-ver macaco 1EXCL  
 “Nós vimos o macaco”
- c. *xi-exak ka'i zane*  
 1INCL-ver macaco 1INCL  
 “Nós vimos o macaco”
- d. *ere-exak ka'i ne*  
 2SG-ver macaco 2SG  
 “Você viu o macaco”
- e. *pe-exak ka'i pe*  
 2PL-ver macaco 2PL  
 “Vocês viram o macaco”
- f. *w-exak ka'i a'e (wà)*  
 3-ver macaco 3 PL  
 “Ele(s) viu(ram) o macaco”

O segundo paradigma, que será tratado como concordância em contexto INVERSO, nos termos de Payne (1994), corresponde aos prefixos de concordância que referenciam os objetos de verbos transitivos ou os sujeitos de verbos intransitivos inativos. Os exemplos abaixo ilustram esse comportamento morfossintático. Note ainda que essa inversão é marcada no verbo por meio do prefixo relacional {*r-*}, quando a raiz desse predicado se inicia com uma vogal.

- (73) a. *he=r-exak ka'i a'e*  
 1SG=C-ver macaco 3  
 “O macaco me viu”
- b. *ure=r-exak ka'i a'e*  
 1EXCL=C-ver macaco 3  
 “O macaco nos viu”
- c. *zane=r-exak ka'i a'e*  
 1INCL=C-ver macaco 3  
 “O macaco nos viu”
- d. *ne=r-exak ka'i a'e*  
 2SG=C-ver macaco 3  
 “O macaco viu você”
- e. *pe=r-exak ka'i a'e*  
 2PL=C-ver macaco 3  
 “O macaco viu vocês”
- f. *upaw pira ka'i h-exak a'e (wà)*  
 todo peixe macaco 3-ver 3 PL  
 “Todo o peixe, o(s) macaco(s) viu(ram)”

Apresento no Quadro 7 o primeiro e o segundo paradigmas de concordância verbal<sup>33</sup>. Na segunda coluna, foram inseridos os pronomes pessoas independentes, aqueles que podem, em contextos específicos, ocupar as posições sintáticas de sujeito e de objeto. Na terceira coluna, encontram-se os prefixos de concordância que se referem aos argumentos externos. A última coluna, por fim, exhibe os prefixos de concordância que indicam o argumento interno.

Quadro 7 – Primeiro e segundo paradigma de concordância

<b>Pronomes pessoais em português</b>	<b>Pronomes independentes</b>	<b>Primeiro paradigma (AE) Contexto DIRETO</b>	<b>Segundo paradigma (AI) Contexto INVERSO</b>
Eu	ihe	a-	he-
nós <sub>EXCLUSIVO</sub>	ure	uru- ~ oro-	ure-
nós <sub>INCLUSIVO</sub>	zane	xi- ~ za-	zane-
Você	ne	re-	ne-
Vocês	pe	pe-	pe-
ele(s)	a'e (wà)	u- ~ o- ~ w-	i- ~ h-

Duarte (2007a) afirma que, em termos descritivos, os dois paradigmas de concordância apresentados acima podem ser explicados em termos de hierarquia de pessoa. Este ranqueamento pode ser definido em Tenetehára-Guajajára da seguinte maneira: a primeira pessoa é mais alta do que a segunda pessoa, a segunda pessoa é mais alta do que a terceira pessoa focal e, por fim, a terceira pessoa focal é mais alta do que a

<sup>33</sup> O leitor deve ter notado, principalmente nos exemplos elencados em (72) e (73), que as sentenças em Tenetehára-Guajajára exibem na sua margem direita os pronomes pessoais independentes apresentados no Quadro 7. Embora não seja o objetivo desta tese, é importante afirmar que esses pronomes não ocupam posições argumentais do verbo. Na verdade, esses pronomes realizam os traços de pessoa presentes no domínio de CP. Para mais detalhes, remeto o leitor ao trabalho de Camargos (2017).

terceira pessoa não focal<sup>34</sup>. Podemos formalizar essa hierarquia conforme (74), em que o símbolo “>” deve ser interpretado como “é mais proeminente do que”.

(74) 1<sup>a</sup> pessoa > 2<sup>a</sup> pessoa > 3<sup>a</sup> pessoa focal > 3<sup>a</sup> pessoa não focal

É imprescindível notar ainda que, com base na tipologia proposta por Dixon (1979, 1994) e na análise de Duarte (2007a), assumo que, na língua Tenetehára-Guajajára, há cisão no sistema de concordância, a qual é condicionada pela natureza dos sintagmas nominais. Nos exemplos em (75), o verbo aciona os prefixos do primeiro paradigma para codificar os sujeitos de verbos transitivos e os sujeitos de verbos ativos (verbos de atividade e incoativos). Já nos dados em (76), o verbo aciona os prefixos do segundo paradigma para codificar o objeto de verbos transitivos e o sujeito de verbos inativos (verbos estativos).

- (75) a. *a-exak zàwàruhu ihe*  
 1SG-ver onça 1SG  
 “Eu vi a onça”
- b. *a-zàn ka’a ø-pe ihe*  
 1SG-correr mata C-para 1SG  
 “Eu corri para a mata”
- c. *a-’ar ywyrá ø-wi ihe*  
 1SG-cair árvore C-de 1SG  
 “Eu caí da árvore”

---

<sup>34</sup> Não serão objetos de estudo nesta tese de doutorado os contextos em que a terceira pessoa focal se distingue da terceira pessoa não focal.

- (76) a. *he=r-exak zàwàruhu a'e*  
 1SG-C-ver onça 3  
 “A onça me viu”
- b. *he=r-aku tata r-uwake ihe*  
 1SG-C-quente fogo C-perto 1SG  
 “Eu fiquei aquecido perto do fogo”

Quando comparamos o sistema de codificação dos argumentos nos predicados acima, notamos que há um sistema híbrido de codificação dos argumentos. Em suma, o sujeito de transitivos alinha-se com sujeito de verbos ativos (verbos de atividade e incoativos), engatilhando no verbo o primeiro paradigma de concordância. Por sua vez, o objeto de transitivos alinha-se com o sujeito de verbos inativos, engatilhando no verbo o segundo paradigma de concordância.

O terceiro e último paradigma corresponde aos prefixos de concordância que referenciam simultaneamente os argumentos externos e internos. Trato esse paradigma como concordância *portmanteau* sintática (cf. CAMARGOS, 2017), uma vez que uma mesma morfologia pode se referir a mais de um argumento nuclear. Os exemplos abaixo ilustram esse fenômeno morfossintático.

- (77) a. *uru-exak ihe*  
 1SG.2SG-ver 1SG  
 “Eu vi você”
- b. *uru-exak ure*  
 1EXCL.2SG-ver 1EXCL  
 “Nós vimos você”

- c. *apu-pytywà ihe*  
 1SG.2PL-ver 1SG  
 “Eu vi vocês”
- d. *urupu-pytywà ure*  
 1EXCL.2PL-ver 1EXCL  
 “Nós vimos vocês”

Veja que, nos exemplos acima, os prefixos de concordância verbal tem a função de referenciar simultaneamente o sujeito e o objetivo do verbo transitivo. Isso só ocorre quando o verbo seleciona um objeto de segunda pessoa e um sujeito de primeira pessoa. Para explicar este tipo de concordância, Camargos (2017) propõe que a língua Tenetehára-Guajajára exibe um sistema de concordância cíclica, em que há preferência pela concordância com o argumento interno.

Adicionalmente, de acordo com Camargos (2017), a concordância ocorre em termos de decomposição de traços de pessoa. Dessa maneira, o verbo concorda com o traço de segunda pessoa do argumento interno e com o traço de primeira pessoa do argumento externo. Para mais detalhes, convido o leitor a consultar o referido trabalho.

Exponho no Quadro 8, o paradigma de concordância *portmanteau*. Note que a língua disponibiliza, pelo menos, três morfemas de concordância *portmanteau*, se considerarmos que há apenas um prefixo {*uru-*}.

Quadro 8 – Terceiro paradigma de concordância

<b>Pronomes pessoais em português AE → AI</b>	<b>Terceiro paradigma (<i>portmanteau</i>)</b>
eu → você	uru-
nós → você	uru-
eu → vocês	apu-
nós → vocês	urupu-

Pode-se afirmar, como base no que foi exposto até agora, que a língua Tenetehára-Guajajára exibe um sistema de concordância complexo, o qual é depreendido a partir dos três paradigmas morfológicos presentes nessa língua. Tendo em vista que a derivação morfológica reflete a derivação sintática<sup>35</sup>, como afirma Baker (1988), a hipótese que defendo é que o padrão de concordância em Tenetehára-Guajajára é caracterizado por apenas um núcleo de concordância, o qual pode ser controlado por múltiplos argumentos em competição (CAMARGOS, 2017).

Na seção abaixo, apresento os mecanismos de mudança de valência verbal na língua Tenetehára-Guajajára. Serão apresentados os processos de causativização, reflexivização e incorporação nominal.

<sup>35</sup> De acordo com Baker (1988, p. 363), “the characteristic morphology of GF [grammatical function - e.g. subject, object, etc (GMK)] changing processes always appears on the main verb in an order that exactly represents the order that those GF changing processes seem to have applied in.”

### 3.2.2 Mecanismos de mudança de valência

Em termos descritivos, a língua Tenetehára-Guajajára apresenta, pelo menos, três processos de aumento de valência verbal. Dois deles se realizam por meio de morfemas causativos, ao passo que o terceiro ocorre com um morfema aplicativo. Começo com o processo de causativização.

O prefixo {*mu-*} se combina com verbos intransitivos, com nomes e até mesmo com sufixos nominais, a fim de derivar predicados transitivos com interpretação de causação direta, como em (78). O sufixo {-*kar*}, por sua vez, afixa-se a verbos transitivos para torná-los verbos bitransitivos com interpretação de causação indireta, como em (79). É interessante ressaltar ainda que é comum encontrar dupla causativização, conforme os exemplos em (80).

- (78) a. *u-mu-zahak awa kwarer a'e*  
 3-CAUS-banhar homem menino 3  
 “O homem deu banho no menino”
- b. *u-mu-aku kuzà kwarer a'e*  
 3-CAUS-quente mulher menino 3  
 “A mulher esquentou o menino”
- c. *u-mu-'a Ko'izar pako-'yw a'e*  
 3-CAUS-fruta Ko'izar banana-pé 3  
 “Ko'izar (dono da mata) frutificou a bananeira”  
 (Lit.: Ko'izar fez o pé de banana ter fruta)
- d. *u-mu-ete Tenetehar kàpitàw a'e wà*  
 3-CAUS-VERD Tenetehára cacique 3 PL  
 “Os Tenetehára-Guajajára respeitam o cacique”

- (79) a. *w-exak-kar* *awa* *zawar* *kwarer*  $\emptyset$ -*pe* *a'e*  
 3-ver-CAUS homem cachorro menino C-por 3  
 “O homem fez o menino ver o cachorro”
- b. *u-pyhyk-kar* *awa* *kwarer* *kuzà*  $\emptyset$ -*pe* *a'e*  
 3-segurar-CAUS homem menino mulher C-por 3  
 “O homem fez a mulher segurar o menino”
- (80) a. *u-mu-zahak-kar* *awa* *kwarer* *kuzà*  $\emptyset$ -*pe* *a'e*  
 3-CAUS-banhar-CAUS homem menino mulher C-por 3  
 “O homem fez a mulher dar banho no menino”
- b. *u-mu-aku-kar* *awa* *kwarer* *kuzà*  $\emptyset$ -*pe* *a'e*  
 3-CAUS-quente-CAUS homem menino mulher C-por 3  
 “O homem fez a mulher aquecer o menino”

Outro mecanismo de aumento de valência é a aplicativização, a qual é marcada em Tenetehára-Guajajára pelo morfema aplicativo {*eru-*}. A respeito do Mbya-Guaraní (Tupí-Guaraní), Vieira (2001, 2010a) afirma que esse morfema, tradicionalmente denominado como causativo-comitativo na literatura descritiva de línguas indígenas brasileiras (RODRIGUES, 1953), é, na verdade, de acordo com Castro (2013), a realização morfológica do núcleo aplicativo alto, o qual licencia um objeto aplicado. Como pode ser visto nos exemplos abaixo esse argumento aplicado, de fato, exerce a função semântica de companhia. Note que o argumento *umemyr* “filho dela” introduzido em (81b) por meio do sintagma posposicional *hupi* “com” se torna um objeto aplicado em (81c) mediante a afixação do morfema {*eru-*} na raiz verbal.

- (81) a. *u-ker kuzà a'e*  
 3-dormir mulher 3  
 “A mulher dormiu”
- b. *u-ker kuzà u-memyr h-upi a'e*  
 3-dormir mulher 3CORR-filho 3-com 3  
 “A mulher dormiu com seu próprio filho”
- c. *w-eru-ker kuzà u-memyr a'e*  
 3-APPL-dormir mulher 3CORR-filho 3  
 “A mulher dormiu com seu próprio filho”

Portanto, os três mecanismos de aumento de valência apresentados acima são realizados pelos morfemas causativos {*mu-*} e {-*kar*} e pelo morfema aplicativo {*eru-*}. Passo agora a discutir os mecanismos de diminuição de valência, os quais envolvem construções reflexivas, recíprocas, anticausativas, antipassivas e, por fim, de incorporação nominal.

A construção reflexiva em Tenetehára-Guajajára, de acordo com Castro (2007), é marcada por meio do prefixo {*ze-*}, o qual só pode, em termos morfossintáticos, juntar-se a predicados transitivos. Além dessa função, o prefixo {*ze-*}, conforme Rodrigues (1953), possui ainda a propriedade de indicar a voz recíproca, como em (83), e a voz anticausativa, como em (84).

#### Voz reflexiva

- (82) *u-ze-(e)xak awa waruwa r-ehe a'e*  
 3-REFL-ver homem espelho C-em 3  
 “O homem se viu no espelho”

## Voz recíproca

- (83) *u-ze-(e)xak kuzà tekohaw ø-pe a'e wà*  
 3-REFL-ver mulher morada C-em 3 PL  
 “As mulheres se viram na morada”

## Voz anticausativa

- (84) *u-ze-mim yrykaw ka'a ø-pe a'e*  
 3-REFL-esconder riacho mata C-em 3  
 “O riacho se esconde na mata”

No exemplo (82), o morfema {ze-} se junta ao verbo *exak* “ver”, fazendo emergir uma estrutura reflexiva, ao passo que, no exemplo (83), esse mesmo predicado recebe prefixo {ze-}, fazendo com que surja a voz recíproca, tendo em vista que o DP sujeito corresponde a um conjunto de indivíduos, os quais praticam a ação uns sobre os outros, nos termos de Rodrigues (1953). No exemplo (84), por fim, o verbo *mim* “esconder” hospeda o prefixo {ze-}, o qual, neste contexto, engatilha a voz anticausativa, nos termos de Alexiadou, Anagnostopoulou & Schäfer (2006), uma vez que não há como recuperar um causador ou um agente de causação na estrutura.

A incorporação nominal é outro fenômeno linguístico que exhibe a diminuição de valência em Tenetehára-Guajajára. De modo geral, um objeto pode se incorporar em uma construção que envolve um verbo transitivo. Note que a construção resultante apresenta apenas um argumento nuclear na função sintática de sujeito, conforme o exemplo (85). Para mais detalhes a este respeito, remeto o leitor aos trabalhos de Castro (2007, 2013, 2017) e Duarte & Castro (2010).

- (85) a. *u-'u awa ma'e a'e*  
 3-ingerir homem coisa 3  
 “O homem comeu alguma coisa”
- b. *u-mai-'u awa a'e*  
 3-coisa-ingerir homem 3  
 “O homem comeu alguma coisa”

No entanto, se o objeto pertencer ao conjunto de substantivos que são inalienavelmente possuíveis<sup>36</sup>, mesmo que ocorra a incorporação, não haverá diminuição de valência verbal. Isto ocorre porque o argumento possuidor passará a exercer a função sintática de objeto, conforme o exemplo (86).

- (86) a. *o'ok kuzà zakupaz i-pepo a'e*  
 3-tirar mulher galinha 3-pena 3  
 “A mulher tirou as penas da galinha”
- b. *u-pepo-'ok kuzà zakupaz a'e*  
 3-pena-tirar mulher galinha 3  
 “A mulher tirou as penas da galinha”

Para finalizar esta seção, os verbos transitivos, ao receberem o morfema {*puru-*}, apresentam propriedades gramaticais que são típicas de construções antipassivas (DUARTE; CAMARGOS; CASTRO, 2016). Apesar de semanticamente selecionarem dois argumentos nucleares, comportam-se, em termos formais, como orações intransitivas, uma vez que (i) os verbos recebem morfologia intransitiva e (ii) o

---

<sup>36</sup> De acordo com Castro (2017), “a posse alienável é direito de propriedade adquirido social e economicamente. Em geral, equivale a propriedades comuns em um grupo social, como, por exemplo, casa, rio, bebida, comida etc. Por outro lado, a posse inalienável é inata, inerente, não adquirida e não pode ser transferida. Itens representativos dessa classe são: boca, nariz, pé, olho, cabelo, orelha etc.”

argumento interno passa a receber obrigatoriamente a posposição *rehe*, conforme o exemplo abaixo.

- (87) a. *u-pyhyk kwarer pira a'e*  
 3-pegar menino peixe 3  
 “O menino pegou o peixe”
- b. *i-puru-pyhyk-wer kwarer pira r-ehe a'e*  
 3-APASS-pegar-DESID menino peixe C-PSP 3  
 “O menino quer pegar o peixe”

Nesta seção, vimos que a língua Tenetehára-Guajajára apresenta mecanismos de ajuste de valência verbal. Entre os processos de aumento de valência, destacam-se a causativização e a aplicativização, ao passo que, entre as estruturas de diminuição de valência, figuram as construções reflexivas, recíprocas, anticausativas, antipassivas e de incorporação nominal. Na próxima seção, são discutidos os mecanismos internos ao sintagma nominal na língua Tenetehára-Guajajára.

### 3.3 A estrutura do nome

Diferentemente dos verbos, os nomes em Tenetehára-Guajajára não apresentam uma estrutura morfológica tão complexa. Do ponto de vista sintático, os nomes podem ser identificados por ocorrerem como núcleo de sintagmas nominais e por ocuparem geralmente as posições sintáticas de sujeito e objeto, por exemplo. Nas próximas subseções, serão apresentadas as propriedades específicas dessa classe gramatical.

### 3.3.1 A categoria de posse

Tendo em vista a categoria de posse, os nomes em Tenetehára-Guajajara podem ser classificados em três tipos, a saber: (i) nomes não possuídos; (ii) nomes inalienavelmente possuídos; e, por fim, (iii) nomes alienavelmente possuídos. O conceito de alienabilidade pode ser definido da seguinte forma:

*A posse alienável é o direito de propriedade adquirido social e economicamente, enquanto a posse inalienável é inata, inerente, não adquirida. Todavia, a noção de inalienabilidade não é semanticamente uniforme, mas varia de língua para língua; por exemplo, certos objetos considerados inalienáveis em uma cultura podem não ser em outra. Do ponto de vista formal, no entanto, inalienável rotula um conjunto de nomes que, em geral, precisam apresentar alguma marca morfossintática de posse obrigatória. Isso quer dizer que as línguas naturais dispõem de mecanismos gramaticais capazes de garantir formalmente a oposição alienável x inalienável. (FREITAS, 2007, p. 70)*

Em termos descritivos, os nomes não possuídos são caracterizados por não permitirem a realização de prefixos relacionais, como em (88). Essa subclasse é composta por nomes de pessoas, animais, frutas, corpos celestiais, fenômenos da natureza.

Nomes não possuíveis

- |      |    |                |          |
|------|----|----------------|----------|
| (88) | a. | <i>kuzà</i>    | “mulher” |
|      | b. | <i>awa</i>     | “homem”  |
|      | c. | <i>pako</i>    | “banana” |
|      | d. | <i>tapi’ir</i> | “anta”   |
|      | e. | <i>àmàn</i>    | “chuva”  |
|      | f. | <i>kwarahy</i> | “sol”    |

Por sua vez, os nomes possuíveis são marcados por quatro prefixos tradicionalmente denominados como prefixos relacionais. O uso e a distribuição desses prefixos dependem do tipo de construção, do tipo de referência expressa e classe ao qual o nome pertence. De modo geral, enquanto os prefixos  $\{\emptyset- \sim r-\}$  indicam a contiguidade do complemento nominal, os prefixos  $\{i- \sim h-\}$  indicam sua não contiguidade. Diante disso, pode-se afirmar que, com base nos contextos de ocorrências desses morfemas, os nomes podem ainda ser classificados com base em consoante e vogal. Os núcleos que começam com consoante recebem os prefixos  $\{\emptyset- \sim i-\}$ , já os que começam com vogal recebem os prefixos  $\{r- \sim h-\}$ . Veja o Quadro 9.

Quadro 9 – Prefixos relacionais

<b>Tema</b>	<b>Contiguidade</b>	<b>Não Contiguidade</b>
Consoante	$\emptyset-$	i-
Vogal	r-	h-

Fonte: DUARTE, 2007a, p. 39

Os nomes inalienavelmente possuídos exibem obrigatoriamente os prefixos relacionais, como em (89). Essa subclasse contém os nomes que expressam relações de parentesco e relações entre pessoas, expressões relativas a partes do corpo, de animais, de plantas e também de objetos que são culturalmente relacionados ao homem ou ao animal.

- Nomes inalienavelmente possuídos
- (89) a. *he=r-u*  
1SG=C-pai  
“Meu pai”
- b. *he=r-etekwar*  
1SG=C-amante  
“Meu amante”
- c. *he=ϕ-po*  
1SG=C-mão  
“Minha mão”
- d. *zapukaz ϕ-pepo*  
galinha C-asa  
“Asa da galinha”
- e. *petym r-uwer*  
tabaco C-folha  
“Folha do tabaco”
- f. *kuzà r-àpuz*  
mulher C-casa  
“Casa da mulher”

Por fim, os nomes alienavelmente possuídos podem ocorrer com e sem os prefixos relacionais, como em (90). Essa subclasse é composta por nomes que expressam ferramentas, utensílios domésticos, equipamentos de caça, entre outros.

- Nomes alienavelmente possuídos
- (90) a. *zukurupe*  
enxada  
“Enxada”
- b. *he=ϕ-zukurupe*  
1SG=C-enxada  
“Minha enxada”
- (91) a. *takihe*  
faca  
“Faca”
- b. *he=ϕ-takihe*  
1SG=C-faca  
“Minha faca”
- (92) a. *ywyrapar*  
arco  
“Arco”
- b. *he=ϕ-ywyrapar*  
1SG=C-arco  
“Meu arco”

Além dos prefixos relacionais apresentados no Quadro 9, os substantivos podem ainda receber o prefixo {*u-* ~ *w-* ~ *o-*}, o qual tem a função de codificar um possuidor de terceira pessoa que seja correferente ao sujeito da oração. Veja os exemplos abaixo.

## Nomes alienavelmente possuídos

- (93) a. *u-zuhyw awa u-zukurupe a'e*  
 3-limpar homem 3CORR-enxada 3  
 “O homem limpou sua própria enxada”
- b. *u-mu-katu kuzà u-takihe a'e*  
 3-CAUS-bom mulher 3-faca 3  
 “A mulher concertou sua própria faca”

## Nomes inalienavelmente possuídos

- (94) a. *u-zuhyw awa o-po a'e*  
 3-limpou homem 3CORR-mão 3  
 “O homem limpou sua própria mão”
- b. *u-hem kuzà w-àpuz ø-pe a'e*  
 3-chegar mulher 3CORR-casa C-em 3  
 “A mulher chegou a sua própria casa”

Os nomes possuíveis podem ainda acionar o prefixo {*t- ~ ø-*}, o qual tem a função de codificar um possuidor de terceira pessoa indefinida e não especificada. Veja os exemplos abaixo.

- (95) a. *u-wàxi kwarer t-àz*  
 3-encontrar menino 3INDEF-dente  
 “O homem encontrou um dente”
- b. *u-mu-katu kuzà t-opoz a'e*  
 3-CAUS-bom mulher 3INDEF-saia 3  
 “A mulher concertou uma saia”
- c. *a-exak t-àpuz ihe*  
 1SG-ver 3INDEF-casa 1SG  
 “Eu vi uma casa”

- d. *u-zapo awa ø-ywyrapar a'e*  
 3-fazer homem 3INDEF-arco 3  
 “O homem fez um arco”

Nesta seção, foi discutido o uso dos prefixos relacionais nos nomes na língua Tenetehára-Guajajára, os quais possuem a função de codificar as relações de posse.

### 3.3.2 Tempo nominal

As línguas Tupí-Guaraní são conhecidas por apresentarem morfemas que se juntam exclusivamente a nomes e que denotam aspectos gramaticais que melhor são traduzidos para o português por meio do tempo passado e futuro. Em Tenetehára-Guajajára, o morfema {-*ràm*} tem sido assumido como tempo futuro nominal, conforme Castro & Camargos (2013), e como projetivo, consoante Silva (2010). O morfema {-*kwer*}, por sua vez, denota o tempo passado, como afirmam Castro & Camargos (2013). Vejam os exemplos abaixo.

- (96) a. *t-àpuz-ràm*  
 3INDEF-casa-FUT  
 “Aquilo que será uma casa” (provavelmente está em construção)
- b. *t-àpuz-kwer*  
 3INDEF-casa-PAST  
 “Aquilo que foi uma casa” (provavelmente é uma ruína)

Embora tradicionalmente os estudos descritivos a respeito das línguas Tupí-Guaraní denominam os morfemas sufixais {-*ràm*} e {-*kwer*} como marcadores de

tempo, pode-se afirmar que os exemplos em (96) podem ser mais bem interpretados se esses morfemas forem vistos como marcadores de mudança de estado, os quais podem ser orientados para mudança de estado não realizado, como em (96a), e mudança de estado realizado, como em (96b). Outra possível interpretação que estes morfemas denotam pode ser vista nos exemplos em (97).

- (97) a. *he=r-àpuz-ràm*  
 1SG=C-casa-FUT  
 “A casa que será minha” (mudará de posse)
- b. *he=r-àpuz-kwer*  
 1SG=C-casa-PAST  
 “A casa que foi minha” (mudou de posse)

Pode-se afirmar, com base nos exemplos em (97), que os marcadores {-ràm} e {-kwer} também codificam mudança de posse, os quais podem ser orientados para mudança de posse não realizada, como em (97a), e mudança de posse realizada, conforme o exemplo (97b).

Vale ressaltar ainda que a mudança de estado ou posse do sintagma nominal é independente do tempo codificado na oração matriz. Desse modo, não há uma relação biunívoca entre o tempo da predicação verbal e o tempo do sintagma nominal. Veja os exemplos abaixo que demonstram essa afirmação.

- (98) a. *w-exak rakwez awa he=r-àpuz-ràm a'e ri'i*  
 3-ver PAST.REC.AT homem 1SG=C-casa-FUT 3 CERT  
 “O homem acabou de ver a casa que será minha”

- b. *w-exak-putar awa he=r-àpuz-kwer a'e nehe*  
 3-ver-PROJ homem 1sg=C-casa-PAST 3 INT  
 “O homem verá a casa que foi minha”

Na seção seguinte, são apresentados os mecanismos de nominalização deverbal na língua Tenetehára-Guajajára.

### 3.3.3 Nominalização deverbal

Na língua Tenetehára-Guajajára, assim como ocorre nas demais línguas da família Tupí-Guaraní, os processos de nominalização são extremamente ricos. Em termos descritivos, conforme Camargos & Castro (2013), os nominalizadores podem, por um lado, se juntar a verbos intransitivos, verbos transitivos, advérbios e até mesmo posposições.

Por outro lado, as nominalizações podem, em termos semânticos, derivar nomes que indiquem os participantes, os instrumentos, os lugares envolvidos no evento ou podem indicar ainda o próprio evento, conforme apresento no Quadro 10, os quais serão explicitados por meio de exemplos logo em seguida.

Quadro 10 – Nominalizadores em Tenetehára-Guajajára<sup>37</sup>

Nominalizador	Descrição
{-haw}	nominaliza verbos intransitivos e transitivos a fim de indicar o lugar, o ato, a qualidade ou o instrumento ligado ao evento descrito pelo verbo.
{-ma'e}	nominaliza verbos intransitivos para se referir ao argumento do predicado verbal.
{-har}	nominaliza verbos transitivos com o objetivo de se referir ao sujeito agente do verbo.
{emi-}	nominaliza verbos transitivos a fim de se referir ao objeto do verbo (o prefixo indica o argumento possuidor).
{-pyr}	nominaliza verbos transitivos a fim de se referir ao objeto do verbo (apesar de acionar os prefixos {i- ∞ h-}, não introduz o possuidor).

Fonte: CAMARGOS; CASTRO, 2013, p. 404.

O morfema {-haw} tem a função de nominalizar predicados verbais a fim de introduzir as acepções de instrumento, lugar, evento e qualidade, os quais são denotados pela predicação que é nominalizada. Veja que, no exemplo abaixo, a nominalização exhibe essas funções semânticas.

- (99) a. *mani'ok i-zàmi-haw*  
 mandioca 3-espremer-NOML  
 “O espremedor de mandioca”
- b. *kwarer i-ker-haw*  
 menino 3-dormir-NOML  
 “O lugar de dormir do menino” (i.e. a cama do menino)

<sup>37</sup> Saliento que as descrições apresentadas no Quadro 10 não compreendem todas as funções desses morfemas nominalizadores. Exibimos aqui as principais propriedades de cada um, as quais são suficientes para fundamentar os objetivos desse capítulo.

- c. *zawar i-petek-(h)aw-kwer*  
cachorro 3-bater-NOML-PAST  
“O evento (passado) de bater no cachorro”
- d. *kuzà i-puràg-ete-haw*  
mulher 3-bonita-VERD-NOML  
“A beleza verdadeira da mulher”

O morfema {-*ma'e*} nominaliza predicados intransitivos com o intuito de se referir ao argumento nuclear do predicado verbal inicial. A seguir, ilustro a nominalização dos verbos *zegar* “cantar” e *màno* “morrer”.

- (100) a. *u-zegar-ma'e*  
3-cantar-NOML  
“O cantor”
- b. *u-màno-ma'e-kwer*  
3-morrer-NOML-PAST  
“Aquele que morreu” (i.e. o defunto)

Quando o morfema nominalizador {-*har*} se afixa a verbos transitivos, o resultado será um sintagma nominal, estrutura nominalizada, com a função semântica agentiva, conforme os exemplos abaixo.

- (101) a. *pira i-pyhyk-har*  
peixe 3-pegar-NOML  
“O pescador”
- b. *i-mu-uryw-har*  
3-CAUS-alegre-NOML  
“O amigo” (lit.: Aquele que causa alegria)

Diferentemente dos demais nominalizadores, o sufixo {-har} pode ainda nominalizar advérbios e posições. O resultado, como pode ser visto abaixo, é uma estrutura complexa que se comporta como um sintagma nominal. Em termos semânticos, denota um indivíduo que está envolvido com a circunstância expressa pelo advérbio ou pela posição. Na tradição dos estudos descritivos de línguas Tupí-Guaraní, esse morfema é chamado de nominalizador de circunstância.

- (102) a. *ywate-har*  
alto-NOML  
“Aquilo que é do alto” (pássaro)
- b. *ka'a* *∅-pe-har*  
mata C-em-NOML  
“Aquilo que é do mato”
- c. *u-ker* *mehe-har*  
3-domir quando-NOML  
“O travesseiro”  
(Lit.: Aquilo quando se dorme)

O verbo transitivo, quando recebe o nominalizador {emi-}, torna-se um sintagma nominal, o qual, descritivamente, refere-se ao objeto do verbo transitivo inicial. O que chama a atenção é o fato de que o nome derivado recebe a série de prefixos relacionais, os quais são o resultado de concordância da estrutura nominalizada com o seu argumento nuclear. Este sintagma nominal possuidor corresponde ao argumento externo da predicação verbal não nominalizada, conforme os exemplos abaixo.

- (103) a. *awa h-emi-mokon-gwer*  
 homem 3-NOML-engolir-PAST  
 “Aquilo que foi engolido pelo homem”
- b. *awa h-emi-apo-ràm*  
 homem 3-NOML-fazer-FUT  
 “Aquilo que será feito pelo homem”

Assim como o nominalizador {*emi-*}, o morfema {-*pyr*} tem como função transformar verbos transitivos em sintagmas nominais que se refiram ao objeto dos predicados iniciais, conforme os exemplos em (104). A diferença, no entanto, reside no fato de que, enquanto as nominalizações com {*emi-*} exibem um possuidor, como em (103), as nominalizações com {-*pyr*} não podem exibir um possuidor, conforme as sentenças agramaticais apresentadas em (105).

- (104) a. *i-mu-ku'i-pyr-(kw)er*  
 3-CAUS-moído-NOML-PAST  
 “Aquilo que foi moído (i.e. o pó do café, por exemplo)”
- b. *i-zapo-pyr-(r)àm*  
 3-fazer-NOML-FUT  
 “Aquilo que será feito”
- (105) a. *\*awa i-mu-ku'i-pyr-(kw)er*  
 homem 3-CAUS-moído-NOML-PAST  
 “Aquilo que foi moído pelo homem”
- b. *\*kuzà i-zapo-pyr-(r)àm*  
 mulher 3-fazer-NOML-FUT  
 “Aquilo que será feito pela mulher”

Portanto, como vimos nesta seção, a língua Tenetehára-Guajajára apresenta, pelo menos, cinco nominalizadores os quais transformam verbos em nomes. Essas morfemas podem se juntar a verbos transitivos e intransitivos, a fim de denotar uma série de significados, tais como de agente, paciente, evento, estado, instrumento, lugar, etc. Na seção seguinte, encerro com o resumo desse capítulo.

### **3.4 Resumo do capítulo**

Vimos neste capítulo que a estrutura morfológica do verbo permite a afixação de morfemas de concordância de sujeito e objeto, de aumento de valência (causativos e aplicativos), de diminuição de valência (reflexivo e voz anticausativa), de aspecto, de negação, além de permitir incorporação nominal. Ademais, foram mostrados os mecanismos de nominalização a partir de raízes verbais, os quais se resumem a cinco nominalizadores, a saber: (i) nominalizador de evento e resultado; (ii) nominalizador de sujeito de verbos intransitivos; (iii) nominalizador de sujeito agente de verbo transitivo; e, por fim (iv) dois nominalizadores de objeto paciente/tema. Além da estrutura do verbo, apresentei a estrutura morfológica do nome, a qual exhibe, entre outros morfemas, um sistema morfológico de codificação de posse e um sistema temporal específico dos sintagmas nominais.

No próximo capítulo, faço a análise das construções causativas em Tenetehára-Guajajára. O intuito é verificar as propriedades seletivas das projeções VoiceP e  $vP_{\text{CAUSE}}$ , considerando, para isso, os domínios morfossintáticos e semânticos desses núcleos. Analiso ainda os contextos de autoencaixamento de  $vP$  nessa língua.

# Capítulo 4

## *Causativização*

Neste capítulo, investigarei a estrutura sintática que envolve a causativização na língua Tenetehára-Guajajára. Iniciarei com a hipótese delineada por Pylkkänen (2002, 2008), segundo a qual as funções tradicionalmente associadas ao  $\nu$ P estão divididas em duas projeções independentes, a saber: VoiceP e  $\nu$ P<sub>CAUSE</sub>. Isso só é possível porque os núcleos dessas duas projeções são realizados separadamente. Com base nesse pressuposto, defenderei a proposta de que o sufixo  $\{-kar\}$  é o causativo produtivo nessa língua e, embora gere estruturas mono-oracionais, exhibe algumas propriedades sintáticas típicas de estruturas bioracionais. Argumentarei ainda a favor da hipótese de que o morfema  $\{mu-\}$ , curiosamente, exhibe um comportamento híbrido quanto a seu estatuto gramatical. Esse morfema apresenta, por um lado, algumas propriedades de causativo lexical e, por outro, de causativo produtivo. Por fim, levantarei algumas questões acerca da possibilidade de autoencaixamento de causativos. Mais precisamente, minha intuição é a de que a língua Tenetehára-Guajajára apresenta algumas construções de

autoencaixamento que se colocam como contraexemplos para as propostas teóricas de Svenonius (2005) e de Key (2013), por exemplo.

Este capítulo está dividido em cinco seções. Na seção 4.1, apresento as propriedades dos causativos lexicais e produtivos nas línguas naturais. Na seção 4.2, descrevo as propriedades morfossintáticas e semânticas envolvidas no processo de causativização em Tenetehára-Guajajara. Na seção 4.3, discuto e analiso o processo de causativização nessa língua, apontando se seus causativos apresentam características de causativos lexicais ou produtivos. Na seção 4.4, examino o autoencaixamento de causativos. Na seção 4.5, por fim, encerro com o resumo do capítulo.

#### 4.1 Causativos nas línguas naturais

Nas línguas naturais, há alguns verbos que alternam entre uma forma transitivo-causativa e uma intransitivo-incoativa. Esse processo é denominado como alternância verbal, conforme Levin (1993), Levin & Rappaport-Hovav (1995), Hale & Keyser (1993, 2002), Harley (2008), entre outros. Nesse fenômeno, a forma transitiva do verbo apresenta um significado causativo relacionado lexicalmente com sua contraparte intransitiva. O verbo *quebrar* em português, nas sentenças em (106), exhibe essa alternância.

- (106) a. *O vaso **quebrou***  
 b. *O menino **quebrou** o vaso*

Pode-se afirmar que o contraste apresentado em (106) é nitidamente um exemplo de alternância verbal em português, uma vez que o verbo *quebrar* apresenta, pelo menos, dois usos, a saber: intransitivo em (106a) e transitivo em (106b). Conforme Levin & Rappaport-Hovav (1995), um verbo pode apresentar esse tipo de alternância se (i) o uso da versão transitiva significar [causar V<sub>INTRANSITIVO</sub>] e (ii) a relação semântica entre as duas versões estiver condicionada ao fato de o sujeito da versão intransitiva e o objeto da versão transitiva carregar o mesmo papel semântico. De fato, é isso o que ocorre em (106), uma vez que, por um lado, a sentença transitiva pode ser parafraseada por “o menino fez quebrar o vaso” e, por outro, o sujeito da versão intransitiva, “o vaso”, tem o mesmo papel temático do objeto da versão transitiva, a saber: afetado.

Os verbos em sua versão transitiva que exibem o fenômeno de alternância são tratados como causativos lexicais, ao passo que sua versão intransitiva é identificada como incoativa, como afirmam Lyons (1979), Dowty (1989), Borer (2005), Levin & Rappaport-Hovav (1995), Schäfer (2008), entre outros. De modo geral, a distinção semântica entre os dois usos é que apenas o verbo transitivo licencia um argumento externo causador, o qual tem a função semântica de ser o desencadeador da mudança de estado descrita pela versão incoativa. Se esse verbo se realizar de forma incoativa (i.e. intransitiva), nenhum argumento externo agente será introduzido e, assim, a mudança de estado será entendida como espontânea e não causada. Apresento a seguir uma lista de verbos que pertencem a essa classe em português.

## (107) Verbos de alternância em português

Abrir, afundar, balançar, bloquear, clarear, congelar, derrapar, derreter, deslizar, doer, emagrecer, engordar, explodir, fechar, fragmentar, girar, grudar, hidratar, hipertrofiar, impermeabilizar, inundar, juntar, ligar, machucar, manchar, normalizar, operar, partir, petrificar, quebrar, queimar, rasgar, resfriar, sacudir, sumir, torcer, torrar, umedecer, valorizar, virar, entre muitos outros.

A alternância verbal é um fenômeno presente em várias línguas naturais. Para Blanco (2011), os verbos de mudança de estado, tais como os listados em (107), constituem-se universalmente como causativos lexicais. É claro que a alternância sofre variação de língua para língua. Enquanto, em português, o verbo *sumir* apresenta esse tipo de alternância verbal (i.e. causativo lexical) sem apresentar um morfema causativo, na língua Citshwa (Grupo Bantu), esse mesmo verbo deve apresentar um morfema causativo produtivo {-is}. Logo, esta causativa corresponde ao que a literatura denomina de causativa morfológica, conforme se vê no exemplo (108).

(108) a. *ci-kwa ci-nyamalal-ile*  
 7-faca 7MS-sumir-PAST  
 “A faca sumiu”

b. *wasati a-nyamalal-is-ile ci-kwa*  
 1.mulher 1MS-sumir-CAUS-PAST 7-faca  
 “A mulher sumiu a faca”

Aos verbos que participam da alternância verbal em línguas como o português e o inglês, dá-se o nome de causativos lexicais homônimos, ou seja: as versões intransitiva e transitiva apresentam a mesma forma superficial. Além dos causativos lexicais

homônimos, há ainda os chamados causativos heterônimos, que ocorrem quando o predicado não causativo e sua contraparte causativa não possuem aparentemente nenhuma relação morfofonológica. É imprescindível observar que essa relação provavelmente já tenha sido lexicalizada ao longo da evolução da língua, como afirma Lyons (1979). Veja a seguir exemplos que ilustram a causativa heterônima no português (109) e no Citshwa<sup>38</sup> (110).

- (109) a. *O menino viu o desenho*  
 b. *João mostrou o desenho para o menino*

- (110) a. *huku yi-f-ile*  
 9.galinha 9MS-**morrer**-PAST  
 “A galinha morreu”
- b. *mu-fana a-day-ile huku*  
 1-menino 1MS-**matar**-PAST 9.galinha  
 “O menino matou a galinha”

Em síntese, os causativos lexicais se dividem em, pelo menos, dois tipos: os homônimos e os heterônimos. Os primeiros correspondem ao contexto em que o verbo apresenta a mesma forma para as versões intransitivo-incoativa e transitivo-causativa. Os últimos, por sua vez, dizem respeito ao contexto em que as versões intransitivo-incoativa e transitivo-causativa do verbo não possuem aparentemente nenhuma relação morfofonológica.

---

<sup>38</sup> Agradeço à Indra Marrime Manuel e Domingas Machavele, com quem pude discutir profundamente o fenômeno da causativização na língua Citshwa (Grupo Bantu). Para mais detalhes a respeito da causativização nessa língua, remeto o leitor ao trabalho de Camargos, Manuel e Machavele (2014).

Além dos causativos lexicais, as línguas naturais também exibem o chamado causativo produtivo, o qual pode se manifestar de forma perifrástica ou por meio de morfologia específica. A causativização perifrástica pode ser ilustrada com os dados do português em (111) e a causativização morfológica pode ser vista na língua turca, conforme os exemplos em (112), os quais foram retirados de Çetinoğlu, Butt & Oflazer (2010, p. 44).

- (111) a. *O menino correu*  
 b. *Eu fiz o menino correr*

- (112) a. *ke di uyu-du*  
 gato.NOM dormir-PAST  
 “O gato dormiu”  
 b. *çocuk ke di-yi uyu-t-tu*  
 criança.NOM gato-ACC dormir-CAUS-PAST  
 “A criança fez o gato dormir”

Veja que, no causativo perifrástico em (111), um verbo auxiliar é o elemento responsável pela interpretação causativa. No caso do português, esse verbo auxiliar é *fazer*. No causativo morfológico em (112), por sua vez, o processo de causativização é codificado por meio de uma morfologia específica. No Turco, esse morfema é o sufixo {-t}. Observe que, nos dois contextos, o processo de causativização é considerado como produtivo, uma vez que eles seguem um paradigma e são totalmente previsíveis.

Do ponto de vista essencialmente sintático, não há dúvida de que os causativos lexicais correspondem a estruturas mono-oracionais, uma vez que exibem propriedades

sintáticas de tais construções (SHIBATANI, 1976). Harley (2008), por exemplo, lista as seguintes propriedades típicas de causativos lexicais: (i) permitem leitura idiomática, quando se juntam a determinados argumentos DP; (ii) os falantes tem a impressão de que não podem ser decompostos; (iii) permitem processos de nominalização não produtiva; (iv) os argumentos do causativo lexical são marcados para Caso da mesma maneira que as orações simples; entre outras propriedades<sup>39</sup>. Os causativos produtivos, no entanto, mesmo que sejam estruturas mono-oracionais, podem exibir propriedades de construções bioracional. Harley (2008) apresenta as seguintes propriedades dos causativos produtivos no japonês: (i) semanticamente referem-se a um evento em que um causador externo induz um participante causado a executar outro evento; (ii) advérbios orientados para VP podem ter escopo sobre o evento causado ou sobre o evento da causação; (iii) advérbios orientados para agente podem ter escopo sobre o causador externo ou sobre o participante causado; entre outras propriedades. É imprescindível afirmar ainda que, de acordo com Harley (2008), os causativos produtivos também exibem propriedades típicas de orações simples, geralmente relacionadas ao sistema de Caso, polaridade negativa e marcação de tempo, por exemplo. Para fins ilustrativos, veja que o verbo transitivo *kuyambala* “calçar” em Citshwa, é usado de forma causativa lexical em (113b) e de forma causativa produtiva em (113c).

---

<sup>39</sup> De acordo com Harley (2008, p. 23), “lexical causatives behave syntactically, semantically, and morphophonologically like single ‘words’: single verbs which head a single verb phrase”.

- (113) a. *n-wana a-yambal-ile zvi-latu*  
 1-criança 1MS-calçar-PAST 8-sapato  
 “A criança calçou o sapato”
- Causativo não produtivo (lexical)
- b. *Maria a-yambex-ile zvi-latu n-wana*  
 Maria 1MS-calçar.CAUS-PAST 8-sapato 1-criança  
 “Maria calçou os sapatos na criança”
- Causativo produtivo (morfológico)
- c. *Maria a-yambal-is-ile zvi-latu n-wana*  
 Maria 1MS-calçar-CAUS-PAST 8-sapato 1-criança  
 “Maria fez a criança calçar os sapatos”

As duas últimas sentenças em (113) distinguem, respectivamente, as construções causativas não produtivas das causativas produtivas em Citshwa. O exemplo em (113b), por ser um tipo de causativo lexical, exibe uma estrutura sintática mono-oracional, ao passo que o exemplo em (113c), por ser um causativo morfológico produtivo, apresenta uma estrutura sintática bieventiva. Note que a tradução para o português já revela essa distinção, uma vez que, diferentemente das causativas lexicais, as causativas produtivas exibem o verbo causativo “fazer” em sua tradução.

Conforme Pylkkänen (2002, 2008), a realização morfológica da causativização não indica necessariamente se a causativização é produtiva ou lexical. Esse é o caso, por exemplo, dos causativos morfológicos em japonês. Nessa língua, os causativos lexicais e produtivos podem ser expressos por meio de morfologia no verbo, como pode ser visto nos exemplos abaixo, extraídos de Pylkkänen (2002, p. 108-109).

## Causativo lexical

- (114) a. *Taroo-ga hahaoya-o sin-ase-ta*  
 Taro-NOM mãe-ACC morrer-CAUS-PAST  
 i. “Taro fez sua mãe morrer”  
 ii. “A mãe de Taro morreu em seu detrimento” (adversidade)

## Causativo produtivo

- b. *Taroo-ga musuko-o sini-taku-sase-ta*  
 Taro-NOM filho-ACC morrer-DESID-CAUS-PAST  
 i. “Taro fez seu filho querer morrer”  
 ii. \*“Taro foi afetado pelo desejo de morrer de seu filho” (adversidade)

As duas sentenças em (114) apresentam a causativização por meio do sufixo causativo  $\{-(s)ase\}$ . Contudo, para Pylkkänen (2002, 2008), somente a sentença em (114a) pode ser considerada como causativa lexical, enquanto a sentença em (114b) é analisada, obrigatoriamente, como causativa produtiva. A autora se baseia, fundamentalmente, no fato de que a sentença em (114a) é ambígua e permite interpretação idiossincrática (i.e. causativa de adversidade). Dessa forma, para a autora, devido às propriedades estruturais engatilhadas pelas interpretações composicionais, as causativas produtivas não permitem que as interpretações idiomáticas emerjam.

Outras propriedades têm sido observadas a fim de se distinguir as causativas lexicais das produtivas. Harley (2008), por exemplo, afirma que o tipo de causativização pode ser determinado a partir da forma da morfologia causativa. Segundo a autora, os marcadores de causativos lexicais tendem a exibir formas idiossincráticas (variáveis), já os marcadores de causativos produtivos apresentam formas invariáveis. Em japonês, por exemplo, o marcador morfológico de causativo produtivo é sempre  $\{-sase\}$ , enquanto o marcador de causativo lexical apresenta os seguintes alomorfes variáveis:  $\{-sase\}$ ,  $\{-ase\}$ ,

{-as}, {-e}, {-osi}, {-ø}, entre outros. Svenonius (2005) afirma ainda que os marcadores de causativo lexical geralmente apresentam uma redução fonológica/fonética do marcador de causativo produtivo, o que serve como argumento adicional a favor de Harley (2008), uma vez que o causativo lexical em japonês parece ser uma redução do causativo produtivo {-sase}. Horvath & Siloni (2011, p. 661) ilustram a realização dos morfemas causativos em japonês com os exemplos abaixo:

Causativo produtivo

- (115) a. *Toru-wa Yoko-o ik-anaku-sase-ta*  
 Toru-TOP Yoko-ACC ir-NEG-CAUS-PAST  
 “Taru fez Yoko não ir”

Causativo lexical

- b. *Taroo-wa Hanako-o hi-(y)as-ita*  
 Taro-TOP Hanako-ACC arrefecer-CAUS-PAST  
 “Taro arrefeceu Hanako”
- c. *Taroo-wa niku-o kog-as-anakat-ta*  
 Taro-TOP carne-ACC queimar-CAUS-NEG-PAST  
 “Taro não queimou a carne”
- d. *Boku-wa kodomo-o gake-kara ot-os-ita*  
 eu-TOP criança-ACC penhasco-de derrubar-CAUS-PAST  
 “Eu derrubei a criança do penhasco”

Nos exemplos em (115), os causativos lexicais são os exemplos que ilustram a alomorfa em suas formas superficiais. O causativo produtivo, todavia, é expresso por meio da forma invariável {-sase}.

Em resumo, vimos que as estruturas causativas podem ser divididas em dois grupos distintos considerando o aspecto de produtividade. Assumi que há, por um lado,

causativo não produtivo, quando a alternância entre a forma intransitivo-incoativa e a forma transitivo-causativa é idiossincrática e imprevisível. Por outro lado, há causativo produtivo nos contextos em que a alternância entre a forma intransitivo-incoativa e a forma transitivo-causativa é previsível e regular. O Quadro 11 apresenta todas essas possibilidades.

Quadro 11 – Tipologia dos causativos nas línguas naturais

<b>Tipologia de causativo</b>	<b>Produtivo</b>	<b>Não produtivo</b>
Lexical	Não há	Português, Citshwa
Morfológico	Japonês, Citshwa	Japonês
Perifrástico	Português	Não há

Enfim, conforme o Quadro 11, concluo que as causativas morfológicas e as perifrásticas são produtivas, ao passo que as causativas lexicais e algumas morfológicas não são produtivas. A próxima seção tem por objetivo apresentar, em termos descritivos, os aspectos morfossintáticos e semânticos da causativização na língua Tenetehára-Guajajára.

## **4.2 Causativos morfológicos em Tenetehára-Guajajára**

Tendo em conta a discussão delineada acima, o objetivo desta seção é apresentar as principais propriedades gramaticais das estruturas causativas morfológicas em Tenetehára-Guajajára, tendo em vista seus aspectos

morfossintáticos e semânticos. Pode-se afirmar com certa segurança que os morfemas causativos {*mu-*} e {-*kar*} estão em distribuição complementar em relação às propriedades dos verbos não causativos com os quais se juntam. Note que o prefixo {*mu-*} se afixa apenas a radicais intransitivos, enquanto o sufixo {-*kar*} se junta a predicados transitivos. Será mostrado ainda que esses dois morfemas apresentam propriedades semânticas distintas. Mais precisamente, o prefixo {*mu-*} introduz uma semântica de causativa direta, ao passo que o sufixo {-*kar*} introduz uma semântica de causativa indireta.

#### 4.2.1 Aspectos morfossintáticos

Os verbos em Tenetehára-Guajajara podem se causativizar, aumentando a valência do verbo em um argumento, por meio de dois morfemas causativos. O prefixo {*mu-*} se afixa a verbos intransitivos inativos, como em (116), e intransitivos ativos, como em (117), transformando-os em verbos transitivos, enquanto o morfema {-*kar*} se junta a verbos transitivos, conforme o exemplo em (118), tornando-os bitransitivos<sup>40</sup>.

- (116) a.     *h-aku     takihe a'e kury*  
               3- quente   faca   3   agora  
               “A faca está quente agora”

---

<sup>40</sup> Para mais detalhes sobre as propriedades gramaticais desses afixos causativos, remeto o leitor aos trabalhos de Harrison (1995), Duarte (1997, 2003, 2007a), Castro (2007, 2017), Duarte & Castro (2010), Silva (2010) e Camargos (2013ab, 2014).

- b. *u-mu-aku awa takihe a'e kury*  
 3-CAUS-quente homem faca 3 agora  
 “O homem esquentou a faca agora”
- (117) a. *u-zahak kwarer a'e*  
 3-banhar menino 3  
 “O menino tomou banho”
- b. *u-mu-zahak kuzà kwarer a'e*  
 3-CAUS-banhar mulher menino 3  
 “A mulher deu banho no menino”
- (118) a. *u-pyhyk kuzà pira a'e*  
 3-pegar mulher peixe 3  
 “A mulher pegou/segurou o peixe”
- b. *u-pyhyk-kar awa pira kuzà ø-pe a'e*  
 3-pegar-CAUS homem peixe mulher C-por 3  
 “O homem fez a mulher pegar/segurar o peixe”

Perceba que o morfema causativo {-kar} só pode se juntar a verbos transitivos. Por esse motivo, para que um verbo intransitivo receba essa morfologia, é necessário antes que seja transitivizado por meio do morfema causativo {mu-} ou do aplicativo {eru-}, conforme demonstram os dados abaixo. Observe que, nos exemplos em (119a) e (120a), há um verbo intransitivo o qual foi transitivizado por meio de um aplicativo alto e um causativo. Nos exemplos em (119b) e (120b), quando o verbo torna-se transitivo, o novo predicado é capaz de receber o morfema causativo {-kar}.

- (119) a. *w-eru-'ar kuzà kwarer a'e kury*  
 3-APPL-cair mulher menino 3 agora  
 “A mulher caiu com o menino”

- b. *w-eru-'ar-kar* *awa kuzà kwarer ø-pe a'e kury*  
 3-APPL-cair-CAUS homem mulher menino C-por 3 agora  
 “O homem fez a mulher cair com o menino”
- (120) a. *u-mu-zahak kuzà kwarer a'e*  
 3-CAUS-banhar mulher menino 3  
 “A mulher deu banho no menino”
- b. *u-mu-zahak-kar* *awa kwarer kuzà ø-pe a'e*  
 3-CAUS-banhar-CAUS homem menino mulher C-por 3  
 “O homem fez a mulher dar banho no menino”

Por sua vez, o morfema causativo {*mu-*} só pode se juntar a verbos intransitivos. Por essa razão, para que um verbo transitivo receba esse morfema causativo, é imprescindível que seja primeiramente intransitivizado; seja por meio do reflexivo {*ze-*} ou por meio da incorporação de objeto, conforme mostram os exemplos abaixo. Observe que, nos exemplos abaixo em (121a) e (122a), há um verbo transitivo, o qual foi intransitivizado por meio do reflexivo {*ze-*} e da incorporação do objeto *ma'e* “coisa”. Nos exemplos em (121b) e (122b), devido à intransitivização do verbo transitivo inicial, o novo predicado é capaz de receber o morfema causativo {*mu-*}.

- (121) a. *u-ze-apo kwarer ka'i romo a'e*  
 3-REFL-fazer menino macaco TRANSL 3  
 “O menino se tornou macaco”
- b. *u-mu-ze-apo ka'a i-zar kwarer ka'i romo a'e*  
 3-CAUS-REFL-fazer mata 3-dono menino macaco TRANSL 3  
 “O Dono da Mata transformou o menino em macaco”

- (122) a. *u-mai-'u*      *kwarer-a'i*    *a'e*  
 3-**coisa**-comer    menino-DIM    3  
 “O menininho comeu alguma coisa”
- b. *u-mu-mai-'u*      *kuzà*    *kwarer-a'i*    *a'e*  
 3-CAUS-**coisa**-comer    mulher    menino-DIM    3  
 “A mulher alimentou o menininho”

Em suma, em termos morfossintáticos, conforme Harrison (1995), Duarte (1997, 2003, 2007a), Castro (2007, 2017), Duarte & Castro (2010), Silva (2010) e Camargos (2013ab, 2014), o prefixo {*mu-*} só pode causativizar estruturas intransitivas ou intransitivizadas. O sufixo {-*kar*}, por sua vez, só pode causativizar construções transitivas ou transitivizadas. Na próxima seção, será mostrado que os morfemas causativos {*mu-*} e {-*kar*} também se distinguem entre si em relação à natureza semântica da causação. A hipótese que assumirei é a de que, enquanto o primeiro introduz uma causação direta, o segundo denota causação indireta.

#### 4.2.2 Aspectos semânticos

Nesta seção, tenho por objetivo demonstrar que os dois morfemas causativos {*mu-*} e {-*kar*} diferem-se também quanto ao tipo semântico de causação que cada um denota. Mais precisamente, pode-se notar que o prefixo {*mu-*} indica uma causação direta, enquanto o sufixo {-*kar*} denota causação indireta.

De acordo com Whaley (1997), a distinção básica entre a causação direta e a causação indireta refere-se à capacidade da mente humana em descrever a relação entre dois eventos. Como os nomes já indicam, a causação direta diz respeito a uma situação

em que as ações de um causador têm um impacto imediato sobre as ações do participante causado, à medida que a causação indireta faz referência a uma situação em que a causação é mais distante. Whaley (1997, p. 194) descreve a distinção entres essas duas causações da seguinte maneira:

Você está sentado em um banco em um cruzamento movimentado e tem a infelicidade de presenciar um terrível acidente. Uma menina pequena persegue uma bola de basquete que ela foi driblando até a rua. Depois, a bola ricocheteou em seu pé. Nesse exato instante, um carro em alta velocidade vira a esquina e atinge a menina. É muito mais provável que você grite: “Eu acho que ele a matou” ao invés de “Eu acho que ele fez com que ela morresse”. Se ambas as declarações são causativas, por que a primeira seria tão obviamente preferida? A construção analítica causativa *fazer morrer* implica uma causação indireta. Mas nesse cenário não há dúvidas de que a ação do motorista levou diretamente a morte da menina, independentemente de ter ou não a intenção de fazê-lo. Portanto, a expressão *fazer morrer* é enganosa. Ela falha em capturar a natureza da causação.<sup>41</sup>

Em trabalhos anteriores (CAMARGOS, 2013a), assumi que a causação na língua Tenetehára-Guajajára pode ser direta ou indireta<sup>42</sup>. Comparem-se os exemplos a seguir:

- (123) a.     *u-hem kwarer t-âpuz     ø-wi a'e*  
           3-sair menino 3INDEF-casa C-de 3  
           “O menino saiu da casa”

<sup>41</sup> De acordo com Whaley (1997, p. 194), “you are sitting on a bench at a busy intersection and have the misfortune of witnessing a terrible accident. A small girl chases a basketball that she has been dribbling into the street after it caroms off her foot. At just the moment, a speed car zips around the corner striking the girl. It is far more likely that you yell out “I think he killed her” than “I think he caused her to die”. If both the utterances are causatives, why would one be so obviously preferred? The analytical causative construction cause to die implies indirect causation, but in this scenario there is no doubt that the driver’s actions directly brought about the girl’s death, even if there was no intention to do so. Therefore, to use cause to die is misleading. It fails to capture the nature of the causation”.

<sup>42</sup> Leite (1994) já havia mostrado na língua Tapirapé (Tupí-Guaraní) a distinção entre uma causativização que envolve (i) o morfema {*ma-*} e (ii) os morfemas {*ma-*} e {-*akât*} simultaneamente. Segundo a autora, no primeiro caso, o agente está diretamente envolvido na ação expressa pelo verbo, ao passo que, no segundo caso, o agente está envolvido indiretamente.

## Causação direta

- b. *u-mu-hem awa kwarer t-àpuz ø-wi a'e*  
 3-CAUS-sair homem menino 3INDEF-casa C-de 3  
 “O homem tirou o menino da casa”

## Causação indireta

- c. *u-mu-hem-kar awa kwarer t-àpuz ø-wi a'e*  
 3-CAUS-sair-CAUS homem menino 3INDEF-casa C-de 3  
 “O homem fez o menino sair da casa”

Pode-se observar que o morfema causativo {*mu-*} é utilizado para indicar a causação direta, conforme o exemplo (123b). A causação indireta, por sua vez, é marcada pela dupla causativização quando o predicado básico for intransitivo, como em (123c). Acompanhando o modelo explicativo de Whaley (1997), considere o seguinte contexto situacional para o exemplo (123b): “uma casa está pegando fogo e um menino encontra-se inconsciente em seu interior; assim, um homem adentra a casa e retira o menino”<sup>43</sup>. Nesse contexto, o menino recebe um impacto direto da ação do agente causador. Já no exemplo em (123c), a situação pragmática pode ser um contexto em que “há um grupo de meninos que estão brincando de se esconder; em um determinado momento, um dos meninos adentra sem autorização uma casa; de repente, o dono da casa se aproxima e repreende o menino, que imediatamente se retira da casa”<sup>44</sup>. Nesse último contexto, o menino não recebe diretamente o impacto da ação do causador. Isso

<sup>43</sup> Esse contexto situacional foi apresentado aos consultores indígenas, a fim de demonstrar que o causativo {*mu-*}, de fato, introduz uma semântica de causação direta. Note que, como o menino encontra-se inconsciente, só há uma maneira de ele sair da casa, que é por meio da ação direta do homem.

<sup>44</sup> De igual modo, esse contexto situacional foi apresentado aos consultores indígenas, a fim de demonstrar que as construções que envolvem o causativo {*-kar*} resultam em uma causação indireta, uma vez que a ação desencadeada pelo sujeito “o homem” não tem um efeito imediato sobre “o menino”.

porque não é exatamente o homem que retira o menino da casa, mas sim cria uma condição que provoca sua saída. Observe mais um exemplo a seguir.

- (124) a. *w-ata kwarer a'e*  
 3-andar menino 3  
 “O menino andou”
- Causação direta
- b. *u-mu-ata awa kwarer a'e*  
 3-CAUS-andar homem menino 3  
 “O homem andou o menino”
- Causação indireta
- c. *u-mu-ata-kar awa kwarer a'e*  
 3-CAUS-andar-CAUS homem menino 3  
 “O homem fez o menino andar”

Ao se comparar o exemplo (124b) com o exemplo (124c), pode-se conceber os seguintes cenários hipotéticos: na primeira situação, “um homem, ensinando um menino a andar, dá a mão para a criança, fazendo-a andar”. No último exemplo, “o menino está muito cansado e não quer caminhar; porém, o homem dá uma ordem para que o menino ande”<sup>45</sup>. Assim, nesse último exemplo, o participante causado não recebe diretamente o impacto da ação do causador, mas é levado indiretamente a andar.

Devido ao fato de o morfema {*mu-*} produzir apenas a causação direta, alguns verbos intransitivos não podem ser causativizados por meio desse morfema. Note que a agramaticalidade dos exemplos abaixo se deve a uma restrição semântica do predicado intransitivo.

---

<sup>45</sup> Esses dois contextos situacionais foram construídos e discutidos com os consultores indígenas, a fim de demonstrar, por meio de contextos e situações, o sentido das sentenças em Tenetehára-Guajajara.

- (125) a. *u-puka kwarer a'e*  
3-rir menino 3  
“O menino riu”
- b. *\*u-mu-puka kuzà kwarer a'e*  
3-CAUS-rir mulher menino 3  
“A mulher fez o menino rir”
- c. *u-mu-puka-kar kuzà kwarer a'e*  
3-CAUS-rir-CAUS mulher menino 3  
“A mulher fez o menino rir”
- d. *\*u-puka-kar kuzà kwarer a'e*  
3-rir-CAUS mulher menino 3  
“A mulher fez o menino rir”
- (126) a. *i-azu pako a'e*  
3-maduro banana 3  
“A banana está madura”
- b. *\*u-mu-azu awa pako a'e*  
3-CAUS-maduro homem banana 3  
“\*O homem amadureceu a banana”
- c. *u-mu-azu-kar awa pako a'e*  
3-CAUS-maduro-CAUS homem banana 3  
“O homem fez a banana amadurecer”
- d. *\*u-azu-kar awa pako a'e*  
3-maduro-CAUS homem banana 3  
“O homem fez a banana amadurecer”

Os exemplos em (125b) e (126b) acima são agramaticais devido ao fato de os eventos descritos pelos predicados causados não permitirem que sejam direta e externamente causados. Na verdade, os eventos indicados pelos verbos *puka* “rir” e *azu*

“estar maduro” só aceitam uma causação indireta, como indicam as sentenças em (125c) e (126c). Uma outra forma de explicar a agramaticalidade desses exemplos é considerarmos que os eventos descritos pelos predicados em (125a) e (126a) são internamente causados. Por isso, não podem ser externamente causados (SMITH, 1970). Logo, não aceitam uma causação direta, apenas indireta. Para Levin & Rappaport-Hovav (1995), os verbos que denotam mudanças de estado internamente causados (tais como florescer, desabrochar, murchar e apodrecer) em que a causa é inerente ao curso natural de desenvolvimento do evento verbal, resistem às alternâncias causativo-incoativas. Levin & Rappaport-Hovav (1995, p. 97) ilustram essa resistência com os exemplos abaixo:

(127) Os verbos de mudança interna resistem à causativização

- a. *O cacto floresceu/desabrochou/floriu cedo*
- b. *\*O jardineiro floresceu/desabrochou/floriu o cacto cedo*

Em suma, conclui-se que o morfema causativo {*mu-*} tem sua ocorrência restrita, sintaticamente, a predicados intransitivos, contextos nos quais introduz uma causação direta. Já o morfema causativo {-*kar*} é restrito, sintaticamente, a predicados transitivos, os quais denotam uma causação indireta. Na próxima seção, examinarei se esses morfemas apresentam propriedades de causativos produtivos ou lexicais.

### 4.3 Causativo produtivo e lexical em Tenetehára-Guajajára

Nesta seção, argumento a favor da hipótese, segundo a qual o morfema {-kar} se comporta como causativo produtivo em Tenetehára-Guajajára devido às seguintes evidências: (i) gera estruturas com propriedades bioracionais (HARLEY, 2008); (ii) o participante causado pode ser agentivo; e, por fim, (iii) é produtivo. Além disso, defendo ainda que o morfema {mu-} curiosamente apresenta um comportamento híbrido, uma vez que ele se comporta ora como causativo produtivo, ora como causativo lexical. Quando se comporta como causativo lexical, apresenta as seguintes propriedades: (i) gera estruturas mono-oracionais e (ii) pode ter interpretação idiomática. Quando se comporta como causativo produtivo, (i) não apresenta alomorfia com outros afixos causativos lexicais e (ii) é produtivo e regular.

#### 4.3.1 Causativo produtivo

Parece não haver dúvida de que o morfema {-kar} de fato corresponde ao causativo produtivo em Tenetehára-Guajajára. Tendo em conta os pressupostos teóricos de Harley (2008), assumirei, doravante, que esse causativo exhibe propriedades sintáticas de estruturas bioracionais, embora sintaticamente seja uma estrutura mono-oracional. Para fundamentar essa análise, utilizarei dois diagnósticos gramaticais, os quais foram retirados de Harley (2008). O primeiro teste se fundamenta no fato de que construções causativas produtivas exibem propriedades típicas de estruturas bioracionais. Nos

exemplos a seguir, retirados de Camargos (2013a, p. 209-210), veja que os advérbios modificadores de VP podem ter escopo sobre o evento causado ou sobre o evento da causação, o que demonstra a existência de pelo menos dois domínios verbais. Portanto, essa ambiguidade sintática certamente mostra que o causativo {-kar} exibe uma estrutura bieventiva com propriedades de estruturas bioracionais.

- (128) *mewekatu u-mihir-kar kuzà ka'i awa ø-pe a'e*  
**lentamente** 3-assar-CAUS mulher macaco homem C-por 3  
 (i) “A mulher, lentamente, fez o homem assar o macaco”  
 (ii) “A mulher fez o homem assar, lentamente, o macaco”

- (129) *u-mihir-kar awa ka'i kuzà ø-pe tàpuz ø-izywyr a'e*  
 3-assar-CAUS homem macaco mulher C-por **casa C-ao.redor** 3  
 (i) “O homem, no quintal, fez a mulher assar o macaco”  
 (ii) “O homem fez a mulher assar, no quintal, o macaco”

Note que as ambiguidades acima decorrem do fato de o causativo {-kar}, além de ser o núcleo que introduz o evento da causação, seleciona como complemento a estrutura que introduz o chamado evento causado<sup>46</sup>. Por isso, é totalmente possível que um advérbio de modo, orientado para VP, possa ter escopo sobre qualquer um desses dois eventos.

Para o segundo teste, considere a morfologia de aspecto. Assumo no âmbito da proposta gerativa que os morfemas de aspecto devem ocupar o núcleo da projeção AspP,

<sup>46</sup> No exemplo em (128), o evento da causação desencadeado pelo sujeito externo “a mulher” induz o sujeito encaixado “o homem” a realizar o evento causado “assar o macaco”. Já no exemplo (129), o evento da causação desencadeado pelo sujeito externo “o homem” induz o sujeito encaixado “a mulher” a realizar o evento causado “assar o macaco”. No que, nesses dois exemplos, os advérbios de modo e lugar podem ter escopo sobre o evento da causação ou sobre o evento causado, gerando assim a ambiguidade.

que é projetada logo acima do domínio verbal. Tendo em vista que causativos produtivos criam construções com algumas propriedades bioracionais (cf. HARLEY, 2008), é bem provável que haja evidência de morfologia aspectual no interior dessas causativizações. Veja nos exemplos a seguir, extraídos de Camargos (2013a, p. 210), que pode haver, entre o causativo {-kar} e a raiz, morfologias que instanciam a projeção de aspecto.

- (130) a. *u-petek-wi-kar kuzà zawar awa ø-pe a'e*  
 3-bater-ASP-CAUS mulher cachorro homem C-por 3  
 “A mulher fez o homem bater novamente no cachorro”
- b. *u-petek-kar-wi kuzà zawar awa ø-pe a'e*  
 3-bater-CAUS-ASP mulher cachorro homem C-por 3  
 “A mulher novamente fez o homem bater no cachorro”

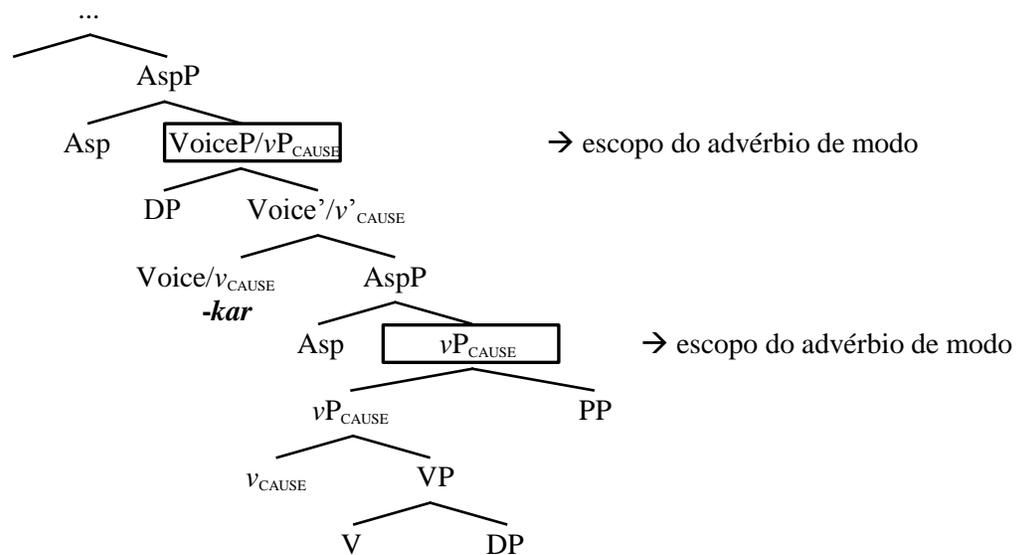
Pode-se afirmar que no exemplo em (130a) acima há o morfema de aspecto iterativo {-wi} intervindo entre o morfema causativo {-kar} e a raiz *petek* “bater”. Semanticamente, esse morfema aspectual tem escopo apenas sobre o evento causado “o homem bater no cachorro”. Assim, nesse exemplo, o evento da causação, introduzido por {-kar}, não é modificado pelo aspecto morfológico. Curiosamente, conforme se vê pelo exemplo em (130b), para que o aspecto iterativo tenha escopo sobre o evento da causação, o sufixo {-wi} deve ocorrer depois do morfema causativo {-kar}.

Além disso, outros morfemas de aspecto, tais como o sufixo intensivo {-ahy} e {-katu}, o iterativo {-wiwi} e o paucal {-wewer}, podem ainda intervir entre o causativo e a raiz, conforme o paradigma abaixo:

- (131) *u-petek-ahy-kar*  
 3-bater-ASP-CAUS  
 “Ele fez alguém bater com força”
- (132) *u-petek-katu-kar*  
 3-bater-ASP-CAUS  
 “Ele fez alguém bater bem”
- (133) *u-petek-wiwi-kar*  
 3-bater-ASP-CAUS  
 “Ele fez alguém bater várias vezes”
- (134) *u-petek-wewe(r)-kar*  
 3-bater-ASP-CAUS  
 “Ele fez alguém bater pouco”

Uma maneira de explicarmos a interveniência do morfema aspectual entre a raiz e o morfema causativo {-kar} é assumirmos a estrutura configuracional em (135). Note que, em uma perspectiva formal, as instanciações morfológicas de aspecto, por exemplo, devem ocupar o núcleo de uma projeção máxima. Nesse caso, é o núcleo de AspP. A afixação dos morfemas, por sua vez, pode ser explicada por meio de movimento de núcleo, em que é o afixo que determinará se afixação será à direita ou à esquerda. Veja ainda que a configuração a seguir indica as posições em que os advérbios de modo se juntam.

(135) Estrutura com dois domínios verbais



Todas essas propriedades, acompanhadas da alta produtividade e composicionalidade, sugerem uma combinação sintática entre morfema {-kar} e um verbo, gerando, desse modo, uma estrutura com algumas propriedades bioracionais. Além do mais, a afixação do morfema {-kar} resulta em causativizações que denotam a situação na qual um causador diz ou ordena que o participante causado exerça alguma ação verbal. Assim, dois eventos separados estão envolvidos: o evento da causação e o evento causado (estrutura bieventiva). Veja que a melhor tradução para o português do causativo produtivo em Tenetehára-Guajajára envolve o encaixamento de orações nucleadas por verbos não finitos e um verbo matriz causativo (geralmente o verbo *fazer*, mas também *obrigar*, *pedir*, entre muitos outros). Comparem-se os dados a seguir:

(136) a. *u-pyhyk-kar awa pira kwarer ø-pe a'e*  
 3-pegar-CAUS homem peixe menino C-por 3  
 “O homem **fez** o menino **pegar** o peixe”

- b. *u-zuka-kar kuzà zapukaz awa ø-pe a'e*  
 3-matar-CAUS mulher galinha homem C-por 3  
 “A mulher **obrigou** o homem a **matar** a galinha”
- c. *u-zapo-kar awa w-emi-mutar w-ayr wa=n-upe a'e*  
 3-fazer-CAUS homem 3-NOML-desejar 3CORR-filho PL=C-para 3  
 “O homem **pediu** para seus filhos **fazerem** sua vontade”

Em síntese, as propriedades do morfema {-kar} e os testes aplicados até aqui demonstram que esse morfema realmente corresponde ao causativo produtivo nessa língua. Note que, embora a construção resultante seja mono-oracional, percebe-se que se comporta como estrutura bioracional para alguns testes, como foi mostrado acima. Ademais, a afixação desse morfema a predicados transitivos resulta em causativos indiretos. O Quadro 12 resume os principais diagnósticos que sustentam essa hipótese.

Quadro 12 – Propriedades do morfema causativo {-kar}

Teste	Causativo {-kar}
1. Pode causativizar intransitivos?	Não
2. Pode causativizar transitivos?	Sim
3. Gera sentenças mono-oracionais com comportamento de estruturas bioracionais para alguns testes?	Sim
4. Resulta em sentenças com interpretação idiomática?	Não
5. Introduz uma causação direta?	Não
6. Introduz uma causação indireta?	Sim

Após analisar as propriedades presentes em contexto de causativização com o sufixo {-kar}, o objetivo da próxima seção é averiguar o comportamento gramatical do

morfema causativo {*mu-*}. A hipótese defendida é que esse morfema apresenta propriedades de causativa lexical e de causativa produtiva, configurando-se, portanto, como um morfema híbrido.

### 4.3.2 Causativo lexical

Nesta seção, argumento a favor da hipótese, segundo a qual o causativo {*mu-*} exibe características tanto de causativos lexicais quanto de causativos produtivos. Dessa forma, esse morfema apresenta um comportamento híbrido<sup>47</sup>. Será aplicada uma série de testes e diagnósticos no intuito de sustentar essa análise.

O primeiro teste se fundamenta no fato de que as construções causativas que envolvem o morfema {*mu-*} podem gerar expressões idiomáticas, conforme os exemplos apresentados em (137) e (138). Veja que a formação de expressões idiomáticas é típica de causativos lexicais, conforme Harley (2008) e Soares (2010).

(137) *u-mu-zàn*      *awa*      *kwarer* *kwez* *kury*  
 3-CAUS-correr homem menino PERF agora  
 “O homem empurrou o menino agora”

(138) *u-mu-gaz*      *awa*      *ka'a-kyr*      *a'e*  
 3-CAUS-queimar homem mata-novo 3  
 “O homem brocou/cortou a roça (cortando o mato com a foice)”

---

<sup>47</sup> A proposta teórica desenvolvida nesta tese de doutorado para o causativo {*mu-*} é muito semelhante à proposta de Vieira (2010b), que analisa dados das línguas Mbyá-Guarani e Tupinambá. Utilizando a Morfologia Distribuída como arcabouço teórico, Vieira (2010b, p. 242-243) afirma que “the lexical or syntactic status of causative *mo/mbo-* will depend on the place it is inserted in the derivation of a word: inner(root) or outer(vP) morphology. *Mo/mbo-* exhibits the same behaviour of Malayalan causative morpheme which derives lexical causatives from inchoatives and syntactic causatives from unergative verbs, as reported by Killimangnam and Michaels (2006)(cf. Marantz, 2007).”

Note que, nos exemplos em (137) e (138), a raiz verbal, quando recebe a morfologia causativa, sofre uma mudança semântica. Destarte, a causativização resulta em um predicado com sentido diferente da raiz. Isso demonstra que essa combinação é capaz de formar expressões idiomáticas, quando combinados com determinados DPs.

Para o segundo teste, considera-se o comportamento dos objetos dos verbos transitivos simples e causativizados por meio de {*mu-*}. Mostro, descritivamente, que o argumento interno de verbo transitivo causativo lexical apresenta o mesmo comportamento morfossintático do argumento interno de verbo transitivo não derivado (i.e. sem morfologia causativa, por exemplo). Isso fica particularmente ilustrado com os exemplos abaixo, em que os objetos diretos, tanto de um verbo transitivo simples, como (139), quanto de um verbo morfologicamente causativizado, como (140), podem engatilhar no predicado os mesmos prefixos de concordância de objeto.

(139) *he=r-exak kwarer a'e*  
 1SG=C-ver menino 3  
 “O menino me viu”

(140) *he=φ-mu-zàn kwarer a'e*  
 1SG=C-CAUS-correr menino 3  
 “O menino me empurrou”

Outra propriedade partilhada pelos objetos de verbos transitivos simples e causativizados é a possibilidade de participarem do processo de incorporação de

objeto<sup>48</sup>. Note nos exemplos abaixo que os objetos podem, por um lado, participar do processo de alçamento de possuidor, conforme (141) e (142) e, por outro, se incorporar no verbo, como (143) e (144).

Alçamento de possuidor

(141) *u-py-exak awa kwarer a'e*  
 3-pé-ver homem menino 3  
 “O homem viu o pé do menino”

(142) *u-py-mu-aku awa kwarer a'e*  
 3-pé-CAUS-quente homem menino 3  
 “O homem esquentou o pé do menino”

Incorporação de objeto

(143) *u-mai-'u awa a'e*  
 3-coisa-comer homem 3  
 “O homem comeu alguma coisa”

(144) *o-po-mu-awak~awak awa a'e*  
 3-mão-CAUS-virar~ITER homem 3  
 “O homem acenou” (Lit.: O homem virou a mão repetidas vezes)

O terceiro teste se fundamenta no fato de que as construções causativas lexicais com {*mu-*} geram apenas estruturas com propriedades mono-oracionais. Essa análise fica clara com os exemplos abaixo que não exibem comportamento sintático típico de estruturas bioracionais. Observe que, nos exemplos a seguir, não há ambiguidade quanto ao uso de advérbios modificadores de VP, já que esses advérbios possuem apenas um escopo, situação que indica a existência de somente um domínio verbal (VP).

<sup>48</sup> Para um estudo aprofundado dos processos de incorporação de objeto e alçamento de possuidor na língua Tenetehára-Guajajára, convido o leitor a consultar os trabalhos de Castro (2013, 2017).

(145) *mewekatu u-mu-zahak kuzà kwarer a'e*  
 lentamente 3-CAUS-banhar mulher menino 3  
 “A mulher deu banho, lentamente, no menino”

(146) *u-mu-zahak kuzà kwarer 'y ø-pupe a'e*  
 3-CAUS-banhar mulher menino água C-em 3  
 “A mulher deu banho no menino no rio”

As sentenças acima não geram ambiguidades devido ao fato de que a afixação do morfema {*mu-*} nas raízes verbais resulta em uma estrutura mono-oracional. Note que o causativo {*mu-*}, como em (145) e (146), distingue-se substancialmente do morfema causativo {*-kar*}, conforme os exemplos (128) e (129), repetidos abaixo como (147) e (148), respectivamente. Pode-se afirmar que construções com {*-kar*} mono-oracionais que se comportam, para alguns testes, como construções bioracionais, razão pela qual as sentenças abaixo são ambíguas.

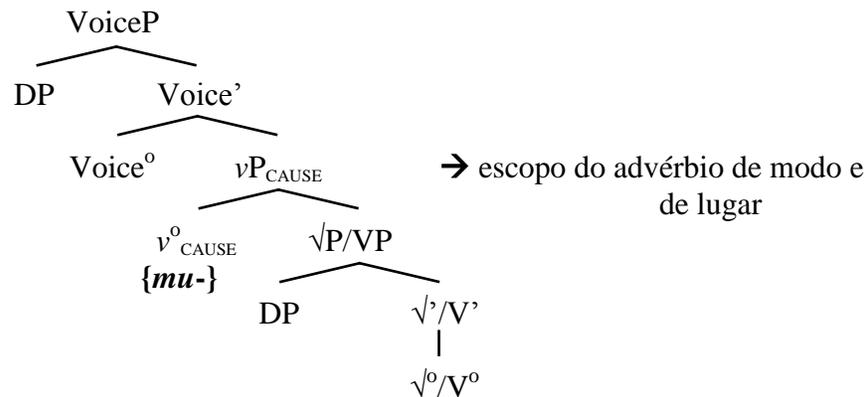
(147) *mewekatu u-mihir-kar kuzà ka'i awa ø-pe a'e*  
**lentamente** 3-assar-CAUS mulher macaco homem C-por 3  
 (i) “A mulher, lentamente, fez o homem assar o macaco”  
 (ii) “A mulher fez o homem assar, lentamente, o macaco”

(148) *u-mihir-kar awa ka'i kuzà ø-pe tàpuz ø-izywyr a'e*  
 3-assar-CAUS homem macaco mulher C-por **casa C-ao.redor** 3  
 (i) “No quintal, o homem fez a mulher assar o macaco”  
 (ii) “O homem fez a mulher assar, no quintal, o macaco”

Diferentemente das construções com o causativo {*-kar*}, nas construções com {*mu-*}, há apenas uma projeção capaz de receber modificação adverbial. Uma maneira

de explicitar a estrutura que envolve o causativo {*mu-*} em Tenetehára-Guajajára é assumirmos a proposta de que esse causativo seleciona diretamente como complemento uma raiz ou um VP<sup>49</sup>, conforme já proposto em Camargos (2013a). Assim, essa configuração exibirá apenas um domínio verbal, como pode ser visto por meio da configuração sintática delineada a seguir:

(149) Verbo transitivo causativo



Em síntese, os testes e os diagnósticos aplicados até aqui mostram que o morfema {*mu-*} apresenta propriedades de causativos lexicais, uma vez que esse morfema permite a criação de expressões idiomáticas e forma sentenças monoracionais. Além disso, seu argumento interno se comporta como os demais argumentos internos de verbos transitivos simples. A seguir, mostro que o morfema {*mu-*} também exibe propriedades de causativos produtivos.

<sup>49</sup> Essa talvez seja uma das principais diferenças entre a proposta de Vieira (2010b) e a tese defendida neste trabalho. Veja que, para Vieira (2010b), o *status* lexical do causativo mo/mbo-, nas línguas Mbyá-Guarani e Tupinambá, depende de ele selecionar como complemento uma raiz. Nesta tese de doutorado, defendo que além de a língua Tenetehára-Guajajára selecionar como complemento uma raiz, o morfema {*mu-*}, ao se juntar a um VP, também exibe propriedades típicas de causativos lexicais.

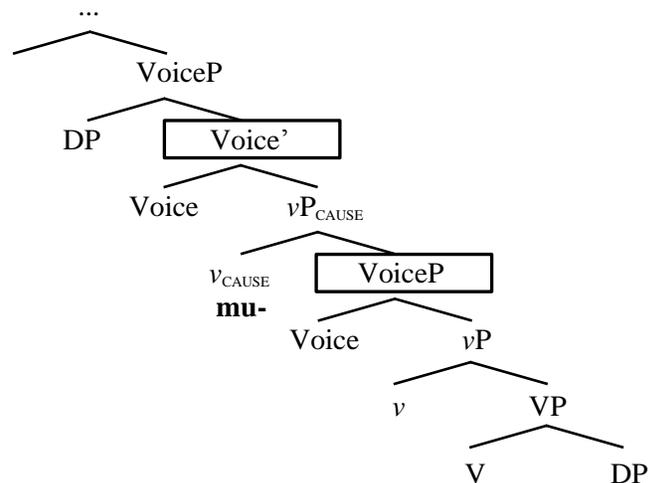
Apesar de as configurações que envolvem o morfema {*mu-*} apresentarem um conjunto de características típicas de causativos lexicais, há algumas construções em que o morfema {*mu-*} se junta a estruturas mais complexas do que uma raiz ou um simples VP. A partir dos exemplos abaixo, a hipótese defendida é que, além de ser causativo lexical em alguns contextos, o causativo {*mu-*} também apresenta estatuto de causativo produtivo. Nesse último contexto, note que o causativo {*mu-*} se junta a uma estrutura verbal transitiva, a qual, em (150), teve seu objeto incorporado e, em (151), foi intransitivizada por meio do morfema reflexivo {*ze-*}.

(150) *u-mu-mai-'u*            *kuzà*    *kwarer a'e*  
 3-CAUS-coisa-comer    mulher    menino 3  
 “A mulher alimentou o menino”

(151) *u-mu-ze-apo*            *ka'a i-zar*    *kwarer ka'i*    *romo a'e*  
 3-CAUS-REFL-fazer    mata 3-dono    menino    macaco    TRANSL 3  
 “O Dono da Mata transformou o menino em macaco”

Nenhuma das sentenças acima corresponde a um causativo que seleciona como complemento uma raiz verbal ou um VP, como foi proposto em (149). Mais precisamente, a hipótese que assumirei, doravante, é a de que o causativo {*mu-*}, nesses exemplos, junta-se à projeção VoiceP, uma vez que assumo que é no núcleo dessa projeção máxima que ocorre o fenômeno de incorporação de objeto e se realiza a morfologia de voz reflexiva. Portanto, proponho que os exemplos (150) e (151) possuem a estrutura sintática abstrata mostrada em (152) a seguir.

## (152) Verbo transitivo causativo complexo



Por consequência, o que as sentenças em (150) e (151) mostram é que o morfema causativo {*mu-*}, pelo menos nesses contextos, comporta-se como causativo produtivo, conforme os testes aplicados a seguir.

Uma evidência adicional de que o causativo {*mu-*} se comporta de forma produtiva nesses contextos é que ele não exhibe variações morfofonológicas, como ocorre em japonês, o que não é esperado de causativos lexicais, conforme afirma Svenonius (2005), Harley (2008), entre outros. Na verdade, esse causativo apresenta uma forte consistência em sua forma, mesmo no contexto de formação de expressões idiomáticas, conforme os exemplos (137) e (138), repetidos abaixo como (153) e (154), respectivamente.

- (153) *u-mu-zàn awa kwarer kwez kury*  
 3-CAUS-correr homem menino PERF agora  
 “O homem empurrou o menino agora”

- (154) *u-mu-gaz awa ka'a-kyr a'e*  
 3-CAUS-queimar homem mata-novo 3  
 “O homem brocou/cortou a roça (cortando o mato com a foice)”

Além da forma {*mu-*}, esse causativo pode se realizar como {*mo-*} e {*m-*}, conforme os exemplos em (155) e (156). Essa variação, no entanto, pode ser explicada por fatores puramente fonológicos e fonotáticos da língua. Pode-se afirmar que o morfema é {*mu-*}, apresentando três alomorfias: (i) realiza-se como alomorfe {*mu-*} diante de radical com núcleo vocálico /u, a, e, i, y/; (ii) manifesta-se como alomorfe {*mo-*} com radical verbal tendo como núcleo vocálico o /o/; e, por fim, (iii) instancia-se como alomorfe {*m-*} quando o radical verbal possuir o radical iniciado com o fonema /u/. Nesse último caso, ocorre um apagamento da vogal do núcleo do morfema causativo para evitar estrutura silábica não permitida pela fonotática da língua, conforme se nota pelos exemplos a seguir:

- (155) a. *o-mo-pok kwarer uwyru a'e*  
 3-CAUS-explorir menino saco 3  
 “O menino explodiu o saco”
- b. *o-mo-no o-po kwaharer i-àkàg r-ehe*  
 3-CAUS-ir 3-mão menino 3-cabeça C-em  
 “Ele colocou sua mão na cabeça do menino”
- (156) a. *u-m-ur t-aku puhàg ihe=we a'e*  
 3-CAUS-uir 3INDEF-quente remédio 1SG=para 3  
 “Ele deu remédio para mim”
- b. *a-m-uryw-ete kwarer ihe kury*  
 1SG-CAUS-feliz-INTS menino 1SG agora  
 “Eu alegrei o menino agora”

Enfim, as variações registradas na forma do causativo {*mu-*} em Tenetehára-Guajajara são totalmente previsíveis e regulares. Além do mais, são motivadas por questões puramente fonológicas da língua. Essa constatação contrasta-se, significativamente, com os dados do japonês em (115), repetidos abaixo como (157). Note que o causativo em japonês apresenta formas já lexicalizadas e, portanto, idiossincráticas.

Causativo produtivo

- (157) a. *Toru-wa Yoko-o ik-anaku-sase-ta*  
 Toru-TOP Yoko-ACC ir-NEG-CAUS-PAST  
 “Taru fez Yoko não ir”

Causativo lexical

- b. *Taroo-wa Hanako-o hi-(y)as-ita*  
 Taro-TOP Hanako-ACC arrefecer-CAUS-PAST  
 “Taro arrefeceu Hanako”
- c. *Taroo-wa niku-o kog-as-anakat-ta*  
 Taro-TOP carne-ACC queimar-CAUS-NEG-PAST  
 “Taro não queimou a carne”
- d. *Boku-wa kodomo-o gake-kara ot-os-ita*  
 eu-TOP criança-ACC penhasco-de derrubar-CAUS-PAST  
 “Eu derrubei a criança do penhasco”

Voltando aos exemplos em (150) e (151), repetidos abaixo como (158) e (159), apesar de o morfema causativo se juntar a estruturas que sejam mais complexas do que uma raiz verbal, esse morfema mantém as propriedades mono-oracionais. Isso é particularmente evidenciado com os exemplos em (160) e (161), em que não há

ambiguidade quanto ao uso de advérbios modificadores de VP, o que demonstra a existência de apenas um domínio verbal.

- (158) *u-mu-mai-'u kuzà kwarer a'e*  
 3-CAUS-coisa-comer mulher menino 3  
 “A mulher alimentou o menino”
- (159) *u-mu-ze-apo ka'a i-zar kwarer ka'i romo a'e*  
 3-CAUS-REFL-fazer mata 3-dono menino macaco TRANSL 3  
 “O Dono da Mata transformou o menino em macaco”
- (160) *u-mu-mai-'u kuzà kwarer w-àpuz ø-me a'e*  
 3-CAUS-coisa-comer mulher menino 3CORR-casa C-em 3  
 “A mulher alimentou o menino na casa dela”
- (161) *mewekatu u-mu-ze-apo ka'a i-zar kwarer ka'i romo a'e*  
**lentamente** 3-CAUS-REFL-fazer mata 3-dono menino macaco TRANSL 3  
 “O Dono da Mata, lentamente, transformou o menino em macaco”

Observe que as sentenças acima não são ambíguas devido ao fato de que a afixação do morfema {*mu-*} nessas estruturas verbais resulta em uma configuração com propriedades mono-oracionais. Assim, há apenas uma projeção legitimada que seja capaz de receber o advérbio de modo e o adjunto adverbial de lugar. Vale ressaltar ainda que, diferentemente do causativo produtivo {-*kar*}, a afixação do morfema {*mu-*} resulta em causativizações que denotam a situação na qual a causação é direta<sup>50</sup>. Assim, as

<sup>50</sup> Nesse ponto, a língua Tenetehára-Guajajára se diferencia significativamente da língua Mbyá-Guarani. Compare os exemplos abaixo:

- |                                      |                                       |
|--------------------------------------|---------------------------------------|
| Mbyá-Guarani (VIEIRA, 2010b, p. 242) |                                       |
| (i) <i>Ara o-je-juka</i>             | (ii) <i>Tuja' i o-mbo-je-juka Ara</i> |
| Ara 3-REFL-matar                     | idoso 3-CAUS-REFL-matar Ara           |
| “Ara se matou”                       | “O idoso fez Ara se matar”            |

ações do agente causador têm um impacto direto e imediato sobre o participante causado, o que permite a criação de uma estrutura que comporte dois eventos que se relacionam em forma de acarretamento. Portanto, o causativo {*mu-*} introduz um evento da causação que tem um impacto direto sobre o evento causado.

O problema que os exemplos em (160) e (161) trazem para a literatura diz respeito ao conflito que há entre o estatuto morfofonológico do prefixo {*mu-*}, que é invariável nos exemplos acima, e seu estatuto semântico, que tem impacto direto na análise sintática. Em síntese, os diagnósticos apresentados até aqui nos revelam que o prefixo {*mu-*} possui um estatuto híbrido, na medida em que há evidências de esse morfema ser, por um lado, um causativo produtivo e, por outro, um causativo lexical<sup>51</sup>. A próxima seção tem como objetivo verificar quais são as contribuições que a

- 
- |       |   |      |   |
|-------|---|------|---|
| (iii) | Tenetehára-Guajajára<br><i>u-ze-zuka kuzà</i><br>3-REFL-matar mulher<br>“A mulher se matou” | (iv) | <i>u-mu-ze-zuka-*(kar) awa kuzà</i><br>3-CAUS-REFL-matar-CAUS homem mulher<br>“O homem fez a mulher se matar” |
|-------|---|------|---|

Note que na língua Mbyá-Guarani, conforme exemplo (ii), o prefixo causativo *mbo-*, nesse contexto sintático, codifica a causação indireta (VIEIRA, 2010b). Na língua Tenetehára-Guajajára, conforme exemplo (iv), para codificar a causação indireta, é imprescindível a realização do causativo {-*kar*}. Isso porque o causativo {*mu-*}, independentemente do contexto sintático, marca em termos semânticos a causação direta. Veja os exemplos abaixo:

- |      |  |
|------|--|
| (v)  | Tenetehára-Guajajára<br><i>u-mu-<u>mai-'u</u> kuzà kwarer-a'i</i><br>3-CAUS-coisa-comer mulher menino-DIM<br>“A mulher alimentou o menino”   |
| (vi) | <i>u-mu-<u>ze-mu-puràg</u> kuzà kuzàtài a'e</i><br>3-CAUS-REFL-CAUS-bonita mulher menina 3<br>“A mulher embelezou a menina”<br>(Lit. A mulher fez, de forma direta, a menina se embelezar) |

Observe que, mesmo quando o causativo {*mu-*} se junta a uma estrutura complexa (i.e. VoiceP), como é o caso em em (v) e (vi), esse morfema introduz uma causação direta, distinguindo-se, portanto, da língua Mbyá-Guarani. Para marcar a causação indireta, a presença do causativo {-*kar*} é inevitável, conforme o exemplo (iv).

<sup>51</sup> Em uma análise alternativa, poderia ser proposta a existência de dois morfemas causativos {*mu-*}: um produtivo e outro lexical. No entanto, uma análise nesta perspectiva se mostra pouco econômica para o caso do Tenetehára-Guajajára.

causativização na língua Tenetehára-Guajajára traz para propostas teóricas gerativistas quanto ao processo de autoencaixamento da projeção máxima  $vP$ .

#### 4.4 O autoencaixamento de $vP$

Acompanhando a proposta de Miyagawa (1998), Harley (1995, 2008, 2013ab) propõe que os causativos produtivos e os causativos lexicais realizam o núcleo de  $vP$ . Dessa forma, em línguas em que há dupla causativização, como ocorre em japonês (PYLKKÄNEN, 2002, 2008) e em Hiaki (BLANCO, 2011), por exemplo, um predicado lexicalmente causativizado pode novamente ser causativizado por meio de um causativo produtivo. Para Harley (1995, 2008, 2013ab), esse contexto de dupla causativização mostra que um  $v$  pode ter como complemento outro  $vP$ , o que implica em autoencaixamento de  $vP$ . Veja os exemplos abaixo.

Japonês

- (162) *Taroo-ga Jiroo-ni sensei-o nak-as-ase-ta*  
 Taro-NOM Jiro-DAT professor-ACC chorar-CAUS-CAUS-PAST  
 “Taro fez Jiro fazer o professor chorar” (PYLKKÄNEN, 2008, p. 122)

Hiaki

- (163) *Aapo uka hamut-ta uka vachi-ta hinu-tua-tevo-k*  
 3S DET(A) mulher-A DET(A) milho-A comprar-CAUS-CAUS-PERF  
 “Ele fez a mulher fazer (alguém) comprar o milho” (RUDE, 1996, p. 505)

Svenonius (2005) mostra que o autoencaixamento de causativos em que figuram um causativo lexical e outro produtivo é muito comum nas línguas naturais. O

autoencaixamento que envolve apenas causativos produtivos, no entanto, resulta em construções mal formadas. Apesar de Svenonius (2005) constatar, translinguisticamente, que dois causativos produtivos não poderiam cocorrer, Harley (2013b) afirma que a impossibilidade desse autoencaixamento é um problema puramente de estipulação morfológica, uma vez que tanto os causativos produtivos quanto os causativos lexicais são nucleados pela mesma projeção, a saber:  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ .

Ao contrário de Harley (1995, 2008), Key (2013), com base no turco, propõe que a causativização lexical é formada pelo núcleo  $v^{\circ}_{\text{CAUSE}}$ , o qual tem a função de verbalizar e de causativizar uma raiz. A causativização produtiva, todavia, é constituída pelo núcleo  $\text{Cause}^{\circ}$ , cuja função é apenas causativizar um elemento já verbalizado. Portanto, nesse sentido, a restrição de autoencaixamento de causativo produtivo se dá devido a restrições sintáticas (i.e. cartográficas) e não por causa de restrições puramente morfológicas, como propunha Harley (1995, 2008).

Como vimos anteriormente, a língua Tenetehára-Guajajára dispõe de dois morfemas causativos, a saber: (i) o prefixo  $\{mu-\}$  que causativiza verbos intransitivos e (ii) o sufixo  $\{-kar\}$  o qual causativiza verbos transitivos. Devido a isso, é ainda possível que um predicado possa ser duplamente causativizado, conforme os exemplos abaixo.

- (164) a. *i-agaiw kuzà a'e*  
 3-magro mulher 3  
 “A mulher está magra”

- b. *u-mu-agaiw ma'e-ahy-haw kuzà a'e*  
 3-CAUS-magro coisa-doer-NOML mulher 3  
 “A doença emagreceu a mulher”
- c. *u-mu-agaiw-kar Tupiwar kuzà ma'e-ahy-haw ø-pe a'e*  
 3-CAUS-magro-CAUS Tupiwar mulher coisa-doer-NOML C-por 3  
 “O espírito Tupiwar fez a doença emagrecer a mulher”

Note que o predicado intransitivo *agaiw* “ser magro” é inicialmente causativizado pelo prefixo {*mu-*}, tornando-se um verbo transitivo causativo *muagaiw* “emagrecer”. Esse verbo derivado é novamente causativizado pelo morfema {-*kar*}, gerando o predicado *muagaiwkar* “fazer emagrecer”.

Se adotássemos exclusivamente a proposta de Svenonius (2005), as estruturas duplamente causativizadas em Tenetehára-Guajajára figurariam como contraexemplos para sua análise. Isto porque, acompanhando a intuição desse autor, os morfemas {*mu-*} e {-*kar*} devem ser considerados como causativos produtivos, porque são, entre outras evidências, morfológicamente regulares, invariantes e transparentes. Além do mais, os morfemas {*mu-*} e {-*kar*} não são o subconjunto um do outro<sup>52</sup>. Portanto, diante dessas considerações, construções de dupla causativização em Tenetehára-Guajajára são um

---

<sup>52</sup> Conforme Pylkkänen (2002), o japonês tem sido tradicionalmente descrito como uma língua que apresenta dois morfemas causativos, um lexical e outro produtivo. A morfologia do causativo produtivo é invariante: seu sufixo é sempre {-*sase*}. A morfologia dos causativos lexicais, no entanto, pode ter uma variedade de formas. Entre essas formas, pode-se citar: {-*asi*}, {-*ase*}, {-*as*} e {-*e*}. Note, além do mais, que esses causativos lexicais são uma redução da morfologia do causativo produtivo {-*sase*}. De acordo com Blanco (2011), a relação entre o causativo produtivo e o causativo lexical em Hiaki é muito semelhante ao japonês. Veja que a morfologia de causativo produtivo é regular. Seu sufixo é sempre {-*tua*}. Contudo, a morfologia dos causativos lexicais apresenta uma variedade distinta de formas, a saber: {-*ta*} e {-*a*}. Mais uma vez, note que o causativo lexical é uma redução fonológica do causativo produtivo. De acordo com Camargos (2013a), isso não ocorre na língua Tenetehára-Guajajára, uma vez que os dois morfemas envolvidos na causativização não apresentam nenhuma relação fonológica entre si. Ademais, um é prefixal ao passo que o outro é sufixal. Essas duas características demonstram que {*mu-*} e {-*kar*} não derivam um do outro.

problema para propostas teóricas semelhantes à de Svenonius (2005), segundo a qual construções com autoencaixamento de causativos produtivos são mal formadas.

Seguindo ainda essa linha de raciocínio, nenhum dos dois morfemas causativos em Tenetehára-Guajajára possui as propriedades de verbalizar, mas apenas de causativizar, uma vez que tanto o prefixo {*mu-*} quanto o sufixo {*-kar*} podem se juntar a estruturas já verbalizadas, conforme os exemplos (150) e (151), repetidos abaixo como (165) e (166), respectivamente.

(165) *u-mu-mai-'u*            *kuzà*    *kwarer a'e*  
 3-CAUS-coisa-comer    mulher    menino 3  
 “A mulher alimentou o menino”

(166) *u-mu-ze-apo*            *ka'a i-zar*    *kwarer ka'i*    *romo a'e*  
 3-CAUS-REFL-fazer    mata 3-dono    menino    macaco    TRANSL 3  
 “O Dono da Mata transformou o menino em macaco”

Tendo em conta a proposta teórica de Key (2013), os morfemas {*mu-*} e {*-kar*} devem ser considerados como a instanciação do núcleo causativo Cause<sup>o</sup>, o qual tem a função exclusiva de causativizar. Logo, não se esperaria a coocorrência desses dois morfemas, uma vez que haveria, nos termos de Key (2013), uma violação devido a restrições sintáticas (i.e. cartográficas).

Outra evidência contrária à proposta de Svenonius (2005) e de Key (2013) está diretamente relacionada ao autoencaixamento dos morfemas causativos {*mu-*} e {*-kar*}. Esta operação de encaixamento de dois núcleos causativos reforça, portanto, minha tese de que é totalmente possível haver múltiplos encaixamentos de *vP* em Tenetehára-Guajajára, conforme se vê nos exemplos a seguir.

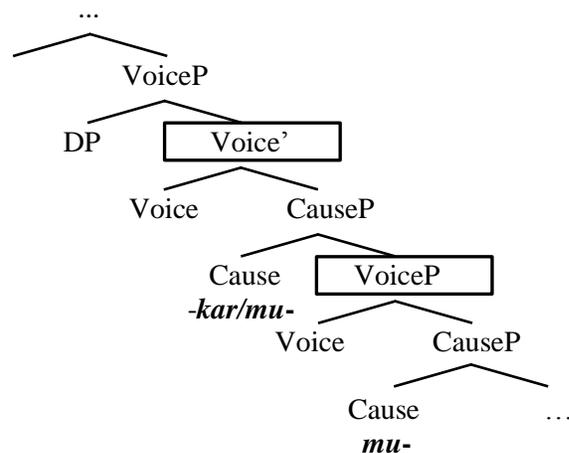
- (167) *u-mu-ze-mu-puràg kuzà kuzàtàì a'e*  
 3-CAUS-REFL-CAUS-bonita mulher menina 3  
 “A mulher embelezou a menina”  
 (Lit. A mulher fez, de forma direta, a menina se embelezar)

- (168) *a-ze-mu-pihun-kar zaryz ø-pe ihe*  
 1SG-REFL-CAUS-pintar-CAUS avó C-por 1SG  
 “Eu fiz a avó me pintar”

- (169) *a-mu-ze-mu-pihun-kar zaryz ihe*  
 1SG-CAUS-REFL-CAUS-pintar-CAUS avó 1SG  
 “Eu fiz a avó se pintar”

Em síntese, o que os exemplos acima mostram é que o prefixo {*mu-*} e o sufixo {-*kar*} podem, de fato, juntar-se a estruturas já verbalizadas. Logo, esses dois morfemas entram na derivação com a função de apenas causativizar, conforme indica a estrutura sintática abstrata proposta abaixo:

- (170) Autoencaixamento de CauseP



Como consequência da proposta acima, assumo aqui que os morfemas causativos podem, sim, instanciar núcleos Cause<sup>o</sup> autoencaixados. Esta proposta mostra que a língua Tenetehára-Guajajára permite o autoencaixamento de causativos produtivos, o que permite uma expansão das propostas de Svenonius (2005) e Key (2013).

#### 4.5 Resumo do capítulo

Finalizo este capítulo com a conclusão de que, em termos descritivos, o morfema {*mu-*}, em termos descritivos, causativiza estruturas intransitivas e introduz necessariamente uma causação direta. O morfema {-*kar*}, no que lhe diz respeito, causativiza verbos transitivos e codifica uma causação indireta.

Foi mostrado ainda que o morfema {-*kar*} é o causativo produtivo e, apesar de gerar estruturas mono-oracionais, exhibe, para alguns testes, comportamento sintático típico de estrutura bioracionais. Por sua vez, o morfema {*mu-*} curiosamente exhibe um estatuto híbrido, tendo em vista que ora se comporta como causativo lexical, ora se comporta como causativo produtivo.

Por fim, foi investigado o fenômeno de autoencaixamento de causativos na língua Tenetehára-Guajajára. Vimos que essa língua permite, inclusive, a ocorrência simultânea de até dois prefixos causativos {*mu-*} e um morfema causativo {-*kar*}. Cenários linguísticos como esse permitem que trabalhos como de Svenonius (2005) e Key (2013) possam ser reanalisados.

No próximo capítulo, examino cuidadosamente as construções aplicativas em Tenetehára-Guajajára. De modo geral, veremos que estruturas aplicadas são vistas como fenômenos gramaticais que implicam em aumento de valência verbal. No entanto, ao afixar-se a verbos transitivos em Tenetehára-Guajajára, o que não é esperado para línguas da família linguística Tupí-Guaraní, aparentemente não há alteração na estrutura argumental, exceto pela mudança na interpretação semântica do sujeito. Será demonstrado que esse fenômeno se coloca como evidência a favor da projeção cindida de VoiceP e  $\nu P_{\text{CAUSE}}$ .

# Capítulo 5

## *Aplicativização*

O capítulo anterior examinou as construções causativas em Tenetehára-Guajajara. Neste capítulo, pretendo continuar a discussão a respeito das operações de mudança de valência verbal com um segundo tipo de mecanismo de aumento de valência, a saber: o aplicativo. O intuito é demonstrar que algumas construções que envolvem a morfologia aplicativa servem como evidências de que as projeções VoiceP e  $vP_{\text{CAUSE}}$  podem ser projetadas de forma cindida em Tenetehára-Guajajara.

De acordo com Polinsky (2013), a terminologia “aplicativo” foi utilizada pela primeira vez pelos missionários espanhóis na descrição de línguas nativas americanas, principalmente para a descrição das línguas Uto-Astecas. Depois disso, essa noção foi adaptada para a descrição de línguas Bantu, como pode ser visto nos trabalhos de Baker (1988) e Mchombo (1993), entre muitos outros. Atualmente, esse termo está presente em trabalhos cujo objetivo é descrever estruturas semelhantes em línguas ao redor do mundo.

Baker (1988) e Marantz (1993), por exemplo, consideram a construção de objeto duplo da língua inglesa como uma construção aplicativa, devido à sua aparente semelhança com as estruturas aplicativas das línguas Bantu. Os autores, no entanto, mostram que essas duas construções apresentam propriedades distintas, tais como: apenas as línguas Bantu permitem que um objeto adicional seja licenciado em verbos intransitivos, por exemplo. Veja abaixo que um verbo inergativo em Changaná (língua do grupo Bantu), como em (171), pode licenciar um objeto extra, quando há morfologia aplicativa. Em contrapartida, essa construção paralela em inglês, como em (172), e em português, como em (173), não pode ser derivada.

- (171) a. *b'ava o-tsutsum-a*  
 1.pai 1MS.PROG-correr-VF  
 “O pai está correndo”
- b. *b'ava o-tsutsum-el-a nyini*  
 1.pai 1MS.PROG-correr-APPL-VF 1.mãe  
 “O pai está correndo em benefício da mãe”
- (172) a. *I am running*  
 b. *\*I am running John*
- (173) a. *Eu estou correndo*  
 b. *\*Eu estou correndo o João* (Lit.: Eu corri em benefício do João)

No intuito de apresentar uma análise teórica para esse fenômeno, este capítulo está dividido em quatro seções. Na seção 5.1, apresento o quadro teórico que fundamentará minha proposta. Na seção 5.2, descrevo o processo de aplicativização em Tenetehára-Guajajára e mostro as propriedades desse aplicativo em contexto de

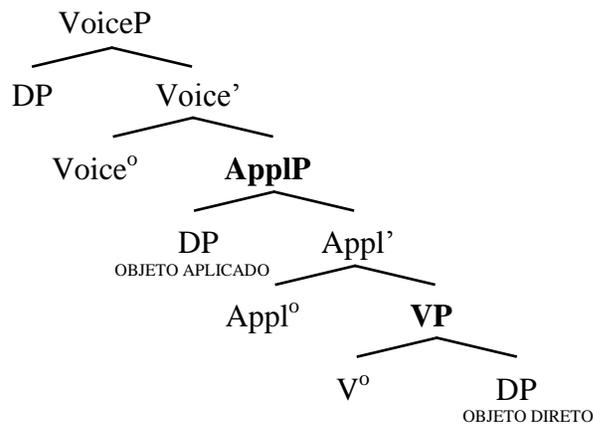
transitivização de predicados intransitivos. Na seção 5.3, analiso os contextos em que o aplicativo nessa língua se junta a predicados transitivos. Na seção 5.4, por fim, encerro com o resumo do capítulo.

## 5.1 Tipologia dos aplicativos

Além do núcleo  $\text{Voice}^0$ , o qual licencia um argumento externo, algumas línguas naturais também projetam núcleos aplicativos, cuja função é introduzir um objeto à estrutura argumental dos verbos. Com base na proposta tipológica de Pylkkänen (2002, 2008), pode-se notar a existência de dois tipos de núcleos aplicativos, a saber: o aplicativo alto e o aplicativo baixo.

Conforme Pylkkänen (2002, 2008), o núcleo aplicativo alto denota uma relação de um objeto aplicado com o evento descrito pelo verbo. Logo, esse argumento aplicado deve se combinar sintaticamente com um VP, conforme a estrutura a seguir:

(174) Aplicativo Alto



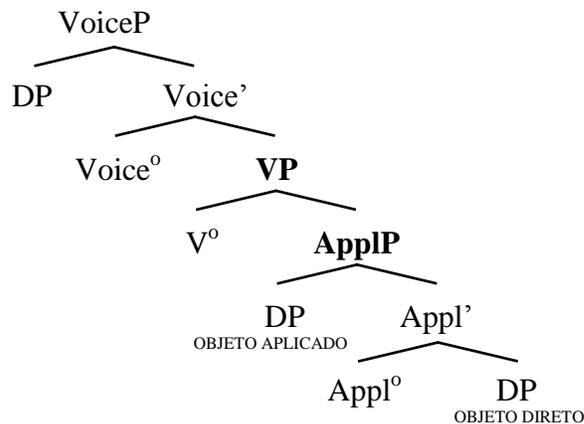
A consequência direta da estrutura em (174) é que esse aplicativo pode se juntar a verbos monovalentes e divalentes. Além do mais, em termos semânticos, um núcleo aplicativo alto introduz um argumento com as seguintes interpretações semânticas: beneficiário, comitativo, locativo, fonte, instrumento, etc. A língua Paumari, conforme Vieira (2006, p. 128-129), ilustra bem esse tipo de construção, conforme os exemplos abaixo.

- (175) a. *o-ka-asara-há*            *ada*            *isai*  
 1SG-APPL-chorar-modo    DEMS/MASC    criança  
 “Eu chorei pelo menino”
- b. *ho-ra ka-ihamahi-há*            *ada*            *isai*  
 me-OBJ    APPL-zangado-modo    DEMS/MASC    criança  
 “O menino estava zangado comigo”
- c. *o-va-adaraha-há*            *ada*            *asai*  
 1SG-APPL-viajar-modo    DEMS/MASC    criança  
 “Eu viajei com a criança”
- d. *Gisi-a bi-va-bana-ki*            *ida*            *Porto Velho*  
 Gisi-ERG    3sg-APPL-sofre-modo    DEMS/FEM    Porto Velho  
 “Gisi sofreu em Porto Velho”

Já o aplicativo baixo, segundo Pylkkänen (2002, 2008), denota uma relação de transferência de posse entre o objeto aplicado e o objeto direto. A consequência imediata é que um núcleo aplicativo baixo não possui a propriedade de se juntar a verbos monovalentes, mas se unirá apenas a verbos transitivos, uma vez que exibem objeto direto realizado. Além disso, o aplicativo baixo é projetado abaixo do VP. Mais

precisamente, ele ocupa a posição de complemento do VP, conforme a estrutura configuracional apresentada a seguir:

(176) Aplicativo Baixo



Em síntese, com base na tipologia acima acerca dos núcleos aplicativos, Pytkänen (2002, p. 23) propõe dois diagnósticos capazes de demonstrar a natureza do núcleo aplicativo, a saber:

(177) Diagnóstico 1: Restrições de transitividade

Somente aplicativos altos são capazes de se combinar com inergativos. Já que aplicativos baixos denotam uma relação entre um objeto direto e um objeto indireto, eles não possuem a propriedade sintática de figurar em uma estrutura que não tenha objeto direto.

(178) Diagnóstico 2: Semântica do verbo

Aplicativos baixos não fazem sentido com verbos que são completamente estáticos, uma vez que implicam em transferência de posse. O evento de “segurar uma sacola”, por exemplo, não resulta como estado final a posse dessa sacola por

alguém. Aplicativos altos, por outro lado, não exibem nenhuma dificuldade com verbos tais como, por exemplo, “segurar”: é plausível alguém ser beneficiário do evento “segurar uma sacola”.

Diferentemente de Pylkkänen (2002, 2008), Jeong (2006) distingue os tipos de construções aplicativas com base no comportamento simétrico e assimétrico dos objetos diretos e aplicados.

Em termos descritivos, nas construções aplicativas simétricas, o objeto aplicado assume as funções e as propriedades morfossintáticas do objeto direto da predicação. Assim, tanto o objeto aplicado quanto o objeto direto podem ser sujeitos em construções passivas e podem sofrer movimento argumental, por exemplo. Além do mais, não há restrição quanto à transitividade do verbo. Assim, tanto um verbo intransitivo quanto um transitivo podem receber a morfologia aplicativa.

Nas estruturas aplicativas assimétricas, por sua vez, somente os objetos aplicados assumem as funções morfossintáticas de objeto básico do predicado. Dessa forma, o objeto aplicado pode ser sujeito em estruturas passivas e pode sofrer movimento argumental. No entanto, o objeto direto apresenta restrições quanto a esses fenômenos sintáticos. Além do mais, segundo a autora, verbos inergativos são incapazes de receber essa morfologia aplicativa.

O Quadro 13 apresenta as principais distinções entre os tipos de aplicativos com base em Pylkkänen (2002, 2008) e Jeong (2006).

Quadro 13 – Tipologia dos aplicativos nas línguas naturais

<b>Assimétrico</b>	<b>Simétrico</b>
O objeto direto não apresenta propriedades de objeto (concordância, passivas)	Ambos os objetos diretos e aplicados apresentam propriedades de objeto (concordância, passivas)
O objeto aplicado está relacionado ao objeto direto (possuidor em potencial)	O objeto aplicado está relacionado ao evento denotado pelo VP
Restrição de transitividade do verbo	Não há restrição de transitividade do verbo
APPL baixo de Pykkänen (2002, 2008)	APPL alto de Pykkänen (2002, 2008)

Fonte: ROCHA, 2014, p. 57

Na próxima seção, serão apresentadas as propriedades da morfologia aplicativa em Tenetehára-Guajajara. Mostrarei que essa língua exibe o morfema aplicativo {*eru-*}, o qual tem a função de licenciar um objeto com a interpretação semântica de comitativo, conforme Castro (2013, p. 354). Serão apresentadas evidências de que esse objeto aplicado possui o mesmo comportamento gramatical do objeto direto, exibindo assim um comportamento simétrico, nos termos de Jeong (2006).

## 5.2 Aplicativo alto

De acordo com Vieira (2001, 2010a), o prefixo {(e)ro-}, morfema denominado como causativo-comitativo na literatura descritiva de línguas indígenas brasileiras (RODRIGUES, 1953), é, na verdade, a realização morfológica do núcleo aplicativo alto, o qual licencia um objeto aplicado. Como pode ser visto nos exemplos abaixo da língua

Guaraní, retirados de Vieira (2010a, p. 152), esse argumento aplicado, de fato, exerce a função semântica de companhia. Note que o argumento *mitã* “a criança” introduzido em (179b) por meio do sintagma posposicional *reve* “com” se torna um objeto aplicado em (179c) mediante a afixação do morfema  $\{(e)ro-\}$  na raiz verbal.

- (179) a.     *ava*     *o-ke*  
           homem 3-dormir  
           “O homem dormiu”
- b.     *ava*     *o-ke*     *mitã*     *reve*  
           homem 3-dormir criança **com**  
           “O homem dormiu com a criança”
- c.     *ava*     *o(gwe)-ro-ke*     *mitã*  
           homem 3-**APPL**-dormir criança  
           “O homem dormiu com a criança”

Vieira (2001, 2010a) propõe que o morfema  $\{(e)ro-\}$  em Guaraní, assim como nas demais línguas da família Tupí-Guaraní, de fato, é a instanciação do núcleo da projeção de aplicativo alto com base em dois fatos empíricos, a saber: (i) sintaticamente o morfema  $\{(e)ro-\}$  afixa-se a verbos monovalentes e (ii) semanticamente o argumento introduzido por  $\{(e)ro-\}$  não estabelece qualquer relação de transferência de posse. Esses dois argumentos associados ao fato de que esse morfema introduz um objeto à estrutura verbal sustentam a proposta de Vieira (2001, 2010a).

Veja abaixo os exemplos da língua Tupinambá, retirado de Vieira (2010a, p. 153), os quais empiricamente corroboram a proposta da autora, uma vez que o morfema  $\{(e)ro-\}$  introduz um objeto com a função semântica de comitativo.

- (180) a. *a-ro-pytá ygara*  
 1SG-APPL-ficar canoa  
 “Eu parei com a canoa” (BARBOSA, 1956, p. 196)
- b. *a-ro-ker aoba*  
 1SG-APPL-dormir roupa  
 “Eu durmo com a roupa” (BARBOSA, 1956, p. 199)

Viera (2010) ainda afirma que o aplicativo alto  $\{(e)ro-\}$  só pode se afixar a verbos inacusativos ou inergativos. Por esse motivo, para que esse morfema coocorra com um verbo transitivo, é necessário que seja primeiramente intransitivizado, por meio, por exemplo, da incorporação nominal, conforme os dados da língua Tupinambá abaixo, extraídos de Vieira (2010a, p. 153). Observe que, no exemplo (181a), há um verbo transitivo o qual licencia dois argumentos nucleares. No exemplo (181b), quando o verbo transitivo tem seu objeto incorporado, tornando-se, assim, intransitivo, o novo predicado é capaz de receber o morfema aplicativo alto  $\{(e)ro-\}$ , cuja função é a de selecionar um objeto aplicado, a saber: o DP *mitanga* “a criança”.

- (181) a. *ere-î-epîak ybák*  
 2SG-3-ver céu  
 “Você viu o céu?” (BARBOSA, 1956, p. 199)
- b. *ere-ro-ybák-epîak-pe mitanga*  
 2SG-APPL-céu-ver-INTER criança  
 “Você viu o céu com a criança?” (BARBOSA, 1956, p. 199)

O objetivo das próximas subseções é apresentar descritivamente as construções que envolvem a morfologia aplicativa em Tenetehára-Guajajara. Mostro que os verbos

intransitivos, quando recebem o aplicativo {*eru-*}, tornam-se verbos que se comportam, em termos morfossintáticos, como os demais verbos transitivos na língua. Além disso, mostro que o aplicativo em Tenetehára-Guajajára corresponde, em termos tipológico, ao que Jeong (2006) chama de aplicativo simétrico.

### 5.2.1 Aplicativo alto em Tenetehára-Guajajára

A língua Tenetehára-Guajajára também instancia fonologicamente o núcleo da projeção de aplicativo alto por meio do morfema {*eru-*}. Em termos descritivos, essa morfologia aplicativa, quando é afixada a verbos intransitivos, introduz um objeto com as propriedades semânticas de companhia. Após a afixação do morfema aplicativo {*eru-*}, um novo argumento é inserido na função sintática de objeto.

- (182) a. *u-'ar kuzà a'e*  
 3-cair mulher 3  
 “A mulher caiu”
- b. *w-eru-'ar kuzà kwarer a'e*  
 3-APPL-cair mulher **menino** 3  
 “A mulher caiu com o menino”
- (183) a. *u-zàn awa a'e*  
 3-correr homem 3  
 “O homem correu”
- b. *w-eru-zàn awa takihe a'e*  
 3-APPL-correr homem **faca** 3  
 “O homem correu com a faca”

Os verbos transitivos, quando são intransitivizados por meio da morfologia reflexiva, também podem receber o aplicativo {*eru-*}. Observe que, nos exemplos abaixo, há os verbos transitivos *upir* “levantar” e *exak* “ver”, os quais são intransitivizados por meio do prefixo reflexivo {*ze-*}. Esse novo predicado é capaz de receber o morfema aplicativo alto {*eru-*}, cuja função é a de selecionar um objeto aplicado, a saber: o DP *kwarer* “menino”.

- (184) a. *u-pir*      *awa*      *kwarer a'e*  
 3-levantar    homem    menino 3  
 “O homem levantou o menino”
- b. *u-ze-upir*      *awa*      *a'e*  
 3-REFL-levantar    homem 3  
 “O homem se levantou”
- c. *w-eru-ze-upir*      *awa*      *kwarer a'e*  
 3-APPL-REFL-levantar    homem    menino 3  
 “O homem se levantou com o menino”
- (185) a. *w-exak*    *awa*      *kwarer a'e*  
 3-ver    homem    menino 3  
 “O homem viu o menino”
- b. *u-ze-exak*    *awa*      *a'e*  
 3-REFL-ver    homem 3  
 “O homem se viu”
- c. *w-eru-ze-exak*    *awa*      *kwarer a'e*  
 3-APPL-REFL-ver    homem    menino 3  
 “O homem se viu com o menino”

A língua permite ainda que verbos transitivos, quando incorporam seu objeto, recebam o morfema aplicativo {*eru-*}. Note que, nos exemplos a seguir, quando os verbos transitivos têm seu objeto incorporado, tornando-se formalmente um predicado intransitivo. Esse novo predicado é capaz de receber o morfema aplicativo alto {*eru-*}, cuja função é a de selecionar um objeto aplicado, a saber: o DP *kwarer* “menino”.

- (186) a. *u-'u kuzà ma'e a'e*  
 3-comer mulher coisa 3  
 “A mulher comeu alguma coisa”
- b. *u-mai-'u kuzà a'e*  
 3-coisa-comer mulher 3  
 “A mulher comeu (alguma coisa)”
- c. *w-eru-mai-'u kuzà kwarer a'e*  
 3-APPL-coisa-comer mulher menino 3  
 “A mulher comeu (alguma coisa) com o menino”
- (187) a. *u-pyhyk awa pira a'e*  
 3-pegar homem peixe 3  
 “O homem pegou/segurou o peixe”
- b. *u-pira-pyhyk awa a'e*  
 3-peixe-pegar homem 3  
 “O homem pescou”  
 (Lit.: O homem pegou/segurou o peixe)
- c. *w-eru-pira-pyhyk kuzà kwarer a'e*  
 3-APPL-peixe-pegar homem menino 3  
 “O homem pescou com o menino”  
 (Lit.: O homem pegou/segurou o peixe com o menino)

Em suma, o morfema aplicativo {*eru-*} em Tenetehára-Guajajára, assim como no Guaraní e no Tupinambá (VIEIRA, 2001, 2010a), apresenta propriedades derivacionais de um núcleo aplicativo alto. Com base essencialmente nos dois diagnósticos propostos por Pykkänen (2002, 2008), assumirei, doravante, conforme Castro (2013, p. 354), que o morfema {*eru-*} corresponde a um aplicativo alto porque: (i) se junta a verbos intransitivos; e (ii) introduz um argumento aplicado que se relaciona semanticamente com o predicado verbal. Na próxima seção, será mostrado que o objeto aplicado apresenta o mesmo comportamento sintático dos objetos diretos, o que indica que o morfema {*eru-*} comporta-se como aplicativo simétrico, nos termos de Jeong (2006).

### 5.2.2 Propriedades dos objetos aplicados

Os objetos aplicados em Tenetehára-Guajajára apresentam o mesmo comportamento morfossintático dos objetos diretos de verbos transitivos simples. Isso fica particularmente instanciado pelos exemplos abaixo, em que tanto o objeto direto, como em (188), quanto o objeto aplicado, como em (189), podem engatilhar no verbo os prefixos de concordância de objeto.

(188) *he=r-exak kwarer a'e*  
 1SG=C-ver menino 3  
 “O menino me viu”

(189) *he=r-eru-apyk kwarer a'e*  
 1SG=C-APPL-sentar menino 3  
 “O menino (se) sentou comigo”

Outra propriedade partilhada pelos objetos diretos e aplicados é a possibilidade de participarem do processo de incorporação de objeto. Note nos exemplos abaixo que os objetos diretos e aplicados podem, por um lado, participar do processo de alçamento de possuidor, como (190) e (191) e, por outro, podem se incorporar ao verbo, como (192) e (193).

#### Alçamento de possuidor

- (190) *u-py-exak awa kwarer a'e*  
 3-pé-ver homem menino 3  
 “O homem viu o pé do menino”
- (191) *u-py-eru-wak awa zapepo a'e*  
 3-pé-APPL-virar homem panela 3  
 “O homem emborcou a panela”

#### Incorporação de objeto

- (192) *u-mai-'u awa a'e*  
 3-coisa-comer homem 3  
 “O homem comeu alguma coisa”
- (193) *u-mai-eru-eko awa a'e*  
 3-coisa-APPL-estar homem 3  
 “O homem trabalha” (Lit.: O homem está com alguma coisa)

Veja abaixo que tanto os verbos transitivos não derivados quanto os verbos transitivos com morfologia aplicativa podem ser intransitivizados por meio do processo de reflexivização. Nesse contexto, os objetos diretos e aplicados passam a exercer a função sintática de sujeito.

- (194) *u-ze-exak Tentehar a'e wà*  
 3-REFL-ver Tenetehára 3 PL  
 “Os Tenetehára-Guajajára se viram”
- (195) *u-ze-eru-eko Tentehar a'e wà*  
 3-REFL-APPL-estar Tenetehára 3 PL  
 “Os Tenetehára-Guajajára se casaram”

Outra característica comum entre os verbos transitivos e os verbos aplicativizados reside no fato de se juntarem a nominalizadores que em geral se juntam a verbos transitivos<sup>53</sup>. Os exemplos em (196) e (197) mostram ainda que os objetos diretos e aplicados assumem a função sintática de complemento nominal, quando os verbos são nominalizados por meio do morfema nominalizador de agente {-har}.

- (196) *zàwàruhu i-zuka-har*  
 onça 3-matar-NOML  
 “O matador de onça” (Lit.: aquele que mata onça)
- (197) *kàmiàw h-eru-wata-har*  
 carro 3-APPL-andar-NOML  
 “O motorista de carro”  
 (Lit.: Aquele que anda de carro)

Em suma, mostrou-se que o objetivo desta seção é mostrar que o objeto aplicado assume as mesmas funções e propriedades morfossintáticas do objeto direto, uma vez que podem (i) engatilhar no verbo o prefixo de concordância verbal, (ii) participar do

---

<sup>53</sup> O nominalizador {-har} só pode se juntar a verbos transitivos, a fim de introduzir uma semântica agentiva. A adição desse morfema a verbos intransitivos deriva sentenças agramaticais, conforme os exemplos abaixo:

- |       |                    |               |                      |
|-------|--------------------|---------------|----------------------|
| (i)   | <i>*i-puka-har</i> | 3-rir-NOML    | “aquele que ri”      |
| (ii)  | <i>*h-ata-har</i>  | 3-andar-NOML  | “aquele que caminha” |
| (iii) | <i>*i-màno-har</i> | 3-morrer-NOML | “o morto”            |

processo de incorporação e de alçamento de possuidor, (iii) ocupar a função sintática de sujeito nas construções reflexivas e, por fim, (iv) assumir a função sintática de complemento nominal em contexto de nominalização.

O conjunto de evidências mostradas até aqui demonstram que o morfema aplicativo {*eru-*} corresponde, em termos tipológicos, ao que Pylkkänen (2002, 2008) denomina como aplicativo alto e ao que Jeong (2006) chama de aplicativo simétrico, conforme os diagnósticos listados a seguir.

(198) Aplicativo alto e simétrico

- a. Somente aplicativos altos podem se combinar com inergativos.
- b. Não há relação de transferência de posse, como ocorre com aplicativos baixos.
- c. O objeto aplicado está relacionado ao evento denotado pelo VP.
- d. Os objetos diretos e aplicados apresentam propriedades de objeto (concordância, incorporação, reflexivização, nominalização)

Na próxima seção, meu objetivo é mostrar que a língua Tenetehára-Guajajára permite que o morfema aplicativo {*eru-*} se junte a verbos transitivos. O resultado será a formação de uma estrutura em que o argumento externo deixa de ser licenciado e um novo argumento aplicado é inserido da estrutura argumental. Assim, não haverá nesses contextos aumento de valência.

### 5.3 Aplicativo alto na função de sujeito

De acordo com Vieira (2010a), o morfema aplicativo {(e)ro-} nas línguas Guaraní e Tupinambá só pode se juntar a verbos intransitivos ou intransitivizados. A coocorrência desse morfema com verbos transitivos resulta em sentenças agramaticais<sup>54</sup>. Na língua Tenetehára-Guajajára, todavia, o morfema aplicativo {eru-} pode, curiosamente, juntar-se a verbos transitivos. Apesar disso, a adição dessa morfologia não licencia nenhum argumento adicional na estrutura argumental. Assim, o verbo transitivo inicial mantém a mesma quantidade de argumentos nucleares. No entanto, a adição dessa morfologia gera a seguinte mudança: o sujeito inicialmente agentivo passa a exercer a função semântica de comitativo. Ou seja, o acréscimo da morfologia aplicativa faz com que haja alteração na semântica da sentença, conforme o seguinte exemplo:

- (199) a.     *a-zuhaw*     *ywyrá* *ihe*  
           1SG-derrubar   árvore 1SG  
           “Eu derrubei a árvore”
- b.     *a-eru-zuhaw*     *ywyrá* *ihe*  
           1SG-APPL-derrubar   árvore 1SG  
           “Derrubou-se a árvore comigo”

---

<sup>54</sup> É necessário salientar que, em Tapirapé (PRAÇA, 2007), Parakanã (SILVA, 2003) e Arawaté (SOLANO, 2009), línguas que também são da família Tupí-Guaraní, o morfema aplicativo {eru-} só se junta a verbos intransitivos. A coocorrência desse morfema com verbos transitivos resulta em sentenças agramaticais.

Veja que as duas sentenças em (199) possuem um evento da causação e um evento causado, mas só a primeira sentença introduz um argumento externo agente<sup>55</sup>. Diante disso, minha proposta é que o sujeito de primeira pessoa em (199b) não é um argumento externo, introduzido por VoiceP, mas sim um argumento aplicado, introduzido por ApplP. Essa análise se fundamenta no fato de esse argumento ser um agente em (199a) e um comitativo em (199b).

O morfema aplicativo {*eru-*} pode ainda se juntar a verbos que tenham sido morfologicamente causativizados pelo prefixo {*mu-*}, conforme o exemplo abaixo.

- (200) a.     *a-mo-nohok*     *kyhàhàm ihe*  
               1SG-CAUS-partir corda     1SG  
               “Eu parti a corda”
- b.     *a-eru-mo-nohok*     *kyhàhàm ihe*  
               1SG-APPL-CAUS-partir corda     1SG  
               “Partiu-se a corda comigo”

Observe que as duas sentenças acima introduzem o evento da causação, o qual é particularmente instanciado pela morfologia causativa {*mu-*}. Contudo, apesar de o segundo exemplo ser morfologicamente causativizado, nenhum argumento externo agente/causador é introduzido na estrutura argumental, já que o DP *awa* “homem” é, na verdade, um argumento aplicado na função sintática de sujeito comitativo. Essa proposta pode ser corroborada com os dados abaixo, em que somente a construção transitiva causativa com o morfema aplicativo em (201b) pode ser modificada pelo sintagma

<sup>55</sup> O primeiro exemplo em (199) pode ser parafraseado da seguinte maneira: “Eu fui o agente de algum evento que causou a derrubada da árvore”. O segundo exemplo em (199), por sua vez, pode ser interpretado da seguinte forma: “Ocorreu um evento que causou a derrubada da árvore comigo”.

posposicional que introduz uma especificação do evento da causação. A sentença (201a) é agramatical porque há dois causadores, um na função sintática de sujeito e outro em adjunção<sup>56</sup>.

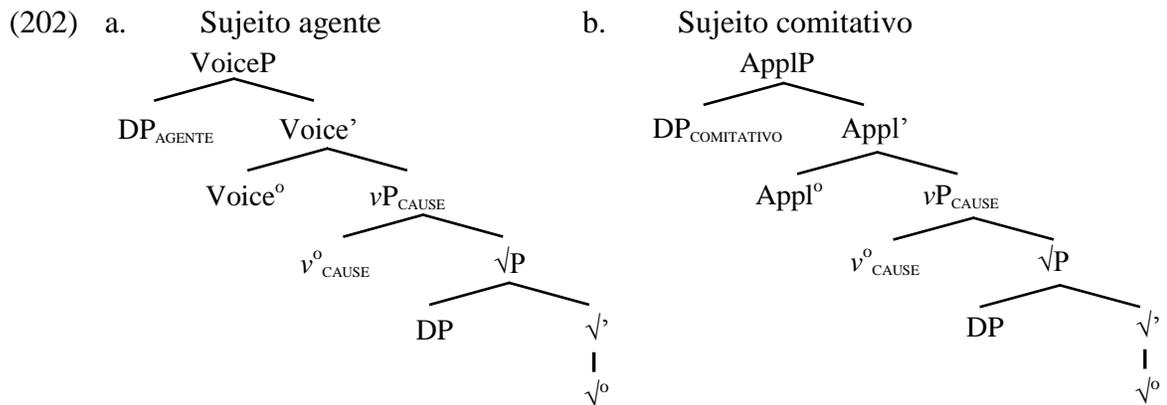
- (201) a. \**a-mo-nohok kyhàhàm [ kuzà ø-puhuz-haw ø-pe ] ihe*  
 1SG-CAUS-partir corda mulher C-pesado-NOML C-por 1SG  
 “Eu parti a corda por meio do peso da mulher”
- b. *a-eru-mo-nohok kyhàhàm [ kuzà ø-puhuz-haw ø-pe ] ihe*  
 1-APPL-CAUS-partir corda mulher C-pesado-NOML C-por 1SG  
 “Partiu-se a corda comigo por meio do peso da mulher”

Veja, mais precisamente, que o adjunto adverbial *kuzà puhuzhaw pe* “por meio do peso da mulher” só pode se adjungir a construções que denotam uma leitura causativa e que não tenham introduzido o argumento externo agente/causador, como ocorre no exemplo (201b). Caso a construção já tenha um argumento externo agente, como em (201a), é impossível que o evento da causação seja modificado por meio do PP adjunto.

De acordo com Camargos (2013a), exemplos como (201b) só são possíveis devido aos parâmetros selecionados pela língua Tenetehára-Guajajára. O autor propõe que os núcleos de VoiceP e  $vP_{\text{CAUSE}}$  são projetados de forma cindida. Por isso, é possível que haja construções causativas sem a introdução de argumento externo agente, conforme a estrutura configuracional em (202b).

---

<sup>56</sup> O primeiro exemplo em (201) poderia ser parafraseado da seguinte maneira: “\*Eu fui o agente do evento ‘peso da mulher’ o qual causou o rompimento da corda”. O segundo exemplo em (201), por sua vez, pode ser interpretado da seguinte forma: “O peso da mulher é o evento que causou o rompimento da corda comigo”.



Observe que os núcleos de VoiceP e ApplP são capazes de se combinarem com  $vP_{CAUSE}$ . Por essa razão, o participante adicional se relaciona com o evento verbal, situação na qual o papel *theta* do argumento adicional é definido. Contudo, diferentemente do que ocorre em outras línguas, conforme Pylkkänen (2002, 2008), Cuervo (2003), Torres Morais (2006) e McGinnis (2001, 2004), a projeção VoiceP em Tenetehára-Guajajára é aparentemente incapaz de se combinar com ApplP, razão pela qual um objeto aplicado não é licenciado em construções transitivas, conforme os exemplos agramaticais a seguir:

(203) \**w-eru-zuhaw* awa ywyrà kwarer a'e  
 3-APPL-derrubar homem árvore menino 3  
 “O homem derrubou a árvore com o menino”

(204) \**w-eru-mo-nohok* awa kyhàhàm kuzà a'e  
 3-APPL-CAUS-partir homem corda mulher 3  
 “O homem partiu a corda com a mulher”

Pode-se afirmar, portanto, que o aplicativo {*eru-*} apresenta restrição de transitividade do verbo, uma vez que um verbo prototipicamente transitivo, o qual

projeta argumento externo e interno, é incapaz de receber morfologia aplicativa em Tenetehára-Guajajára, conforme as agramaticalidades em (203) e (204). Note que esta restrição é significativamente diferente da restrição de transitividade apontada por Jeong (2006). Para a autora, aplicativos assimétricos apresentam restrição de transitividade, uma vez que este tipo de aplicativo é incapaz de se juntar a verbos inergativos e devem se juntar a verbos transitivos. Em Tenetehára-Guajajára, no entanto, não há essa restrição, uma vez que o aplicativo se junta a verbos intransitivos. Apesar dessa restrição, o aplicativo {*eru-*} reúne todas as condições sintático-semânticas que justificam seu tratamento como aplicativo alto e simétrico.

#### **5.4 Resumo do capítulo**

Neste capítulo, tive como meta investigar as contribuições que as construções aplicativas em Tenetehára-Guajajára trazem para o estudo da projeção *vP*. Foi mostrado que, em uma construção aplicada, o predicado verbal passa a selecionar um argumento adicional na sua estrutura argumental. Em Tenetehára-Guajajára, esse núcleo aplicativo denota uma relação de um objeto aplicado com o evento descrito pelo verbo. Em termos descritivos, o prefixo {*eru-*} se junta a verbos intransitivos a fim de introduzir um objeto sintático com a função semântica de comitativo, assim como ocorre também na língua Mbyá-Guarani, conforme Vieira (2001, 2010a). Quando se junta a verbos transitivos, no entanto, não ocorre alternância de valência verbal. Assim, o verbo transitivo inicial mantém a mesma quantidade de argumentos nucleares. No entanto, a adição dessa

morfologia resulta na seguinte mudança: o sujeito inicialmente agentivo passa a exercer a função semântica de comitativo. O que de fato ocorre é que essa nova construção deixa de licenciar um argumento externo agente e a morfologia aplicativa passa a introduzir um argumento aplicado com a função semântica de comitativo. Diante disso, propus que a aplicativização de verbos transitivos em Tenetehára-Guajajára evidencia que a projeção de VoiceP está desassociada da projeção  $vP_{CAUSE}$ . Isso só é possível devido aos parâmetros selecionados pela língua Tenetehára-Guajajára, de forma que o núcleo de  $vP_{CAUSE}$  pode ser projetado sem que se introduza um argumento externo agente. Essa construção se configura como um forte argumento a favor da cisão do núcleo de  $vP$  em VoiceP e  $vP_{CAUSE}$ .

No próximo capítulo, examino as nominalizações de agente em Tenetehára-Guajajára, que são realizadas pelo morfema  $\{-har\}$ . O intuito é mostrar que esse tipo de nominalização exibe uma configuração que não permite a introdução de argumento externo, apesar de admitir a morfologia causativa. Assim, a projeção  $vP_{CAUSE}$  pode estar presente, apesar de não haver nenhum VoiceP interno à nominalização.

# Capítulo 6

## *Nominalização agentiva*

De acordo com Baker & Vinokurova (2009), os nominalizadores de agente têm que se combinar diretamente com VP. Dessa forma, as nominalizações agentivas apresentam, como únicos elementos verbais, a própria raiz verbal (i.e. VP) e o argumento interno do verbo, que é selecionado pelo VP. Tendo em conta essa assunção teórica, este capítulo tem por objetivo fornecer evidências de que as nominalizações de agente em Tenetehára-Guajajára podem apresentar uma estrutura verbal mais complexa do que um simples VP. Nessa linha de raciocínio, proponho que o Tenetehára-Guajajára tem um comportamento muito semelhante ao da língua Ojibwe, conforme proposto em Mathieu (2014). O principal argumento a favor dessa hipótese se sustenta no fato de que tais nominalizações permitem a ocorrência de morfologia aplicativa e causativa intervindo entre o nominalizador {-har} e a raiz verbal.

Este capítulo está dividido em quatro seções. Na seção 6.1, apresento o trabalho de Baker & Vinokurova (2009). Na seção 6.2, examino a nominalização agentiva em

Tenetehára-Guajajára. Na seção 6.3, exponho a proposta teórica delineada neste capítulo. Na seção 6.4, por fim, encerro com o resumo do capítulo.

## 6.1 A sintaxe e a morfologia das nominalizações

De acordo com Baker & Vinokurova (2009), as derivações morfológicas de nomes deverbais, que em geral denotam um evento ou um agente, são reguladas pelos mesmos princípios morfossintáticos nas línguas naturais. Os autores ilustram esses dois processos derivacionais com os exemplos do inglês. Veja que, em (206) e (207), os nomes *finding* “o encontro” e *finder* “aquele que encontra” contêm uma raiz verbal e um sufixo nominalizador.

(205) *Chris found my wallet in the stairwell*

(206) *The **finding** of the wallet took all afternoon*

(207) *The **finder** of the wallet returned it to the front desk*

(BAKER; VINOKUROVA, 2009, p. 517)

Conforme Baker & Vinokurova (2009), os dois nomes deverbais acima apresentam características comuns, a saber: (i) ocupam a posição sintática de sujeito de uma oração finita, função típica de NPs; (ii) recebem o artigo definido *the*; e, por fim, (iii) possuem um objeto “genitivo” marcado com a preposição *of* “de”.

Baker & Vinokurova (2009) mostram ainda que o gerúndio em inglês, além de ocupar posições típicas de DPs, contém o mesmo afixo {-ing} tal como demonstrado pelo exemplo abaixo:

(208) ***Finding** the wallet (so quickly) was a big relief*

(BAKER; VINOKUROVA, 2009, p. 518)

No entanto, ao contrário da nominalização em (206), a estrutura de gerúndio em inglês em (208) contém propriedades mais verbais do que nominais. Para sustentar esta hipótese, Baker & Vinokurova (2009) apresentam, como evidência empírica, o fato de (i) não poder haver nenhum determinante antes do nome em (208) e (ii) o objeto não ser marcado pela preposição *of* “de”, mas sim se realizar como NP pleno sujeito ao filtro do Caso, já que esse objeto recebe Caso acusativo.

Apesar de o gerúndio em (208) apresentar propriedades nominais e verbais, as duas construções que envolvem o sufixo {-ing} em (206) e (208) não partilham as mesmas propriedades morfossintáticas. Esta assunção fica particularmente assentada tendo em vista a agramaticalidade das duas sentenças abaixo estarem relacionadas ao fato de, em (209a), o artigo definido estar presente e o objeto receber Caso acusativo e ao fato de, em (209b), o artigo definido não estar presente e o objeto estar marcado pela preposição *of* “de”.

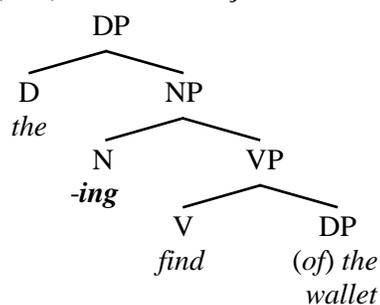
(209) a. \**The **finding** the wallet*

b. \****Finding** of the wallet*

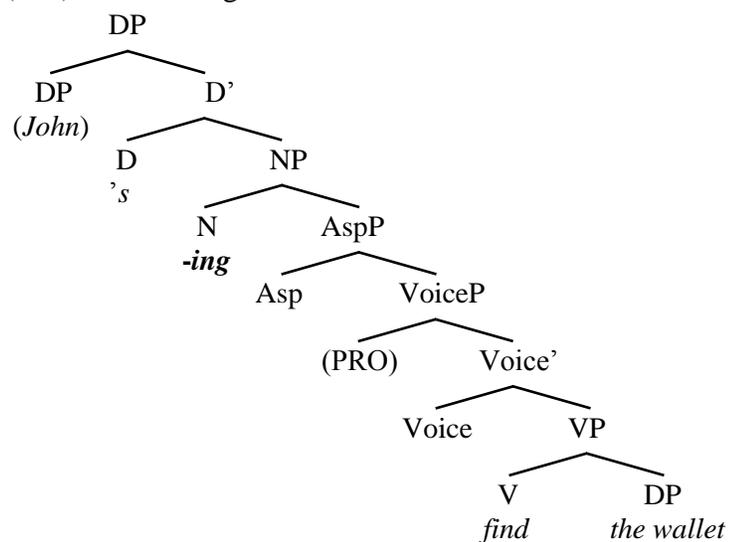
(BAKER; VINOKUROVA, 2009, p. 517)

Em uma perspectiva formal, Baker & Vinokurova (2009) propõem que a nominalização em (206) envolve um afixo nominal {-ing}, o qual é adicionado em um nível inferior na estrutura configuracional. Assim, o sintagma como um todo apresenta mais propriedades nominais. A sentença em (208), por sua vez, envolve um afixo {-ing} que se junta em uma posição mais alta na estrutura configuracional. Dessa maneira, apesar de essa sentença conter propriedades nominais, ela possui mais funções verbais presentes na sentença. Para arrematar a diferença entre as duas estruturas com o sufixo {-ing}, Baker & Vinokurova (2009, p. 519) propõem as duas configurações sintáticas abaixo no intuito de explicar a distinção sintática entre as duas estruturas de gerúndio do inglês:

(210) Nome de ação



(211) Nome de gerúndio



Os autores assumem que o objeto *the wallet* “a carteira” só tem o Caso acusativo em (208) e (211), uma vez que o Caso acusativo é licenciado pelo núcleo de VoiceP. Por

essa razão, em (206) e (210), esse objeto recebe a preposição *of* “de”, a qual tem a função de satisfazer o Caso do objeto. Outro fato interessante é que advérbios de modo como *quickly* “rapidamente” são gerados acima de VP, conforme Cinque (1999). Logo, apenas estruturas como (211) permitem a realização desses modificadores, como mostra a sentença (208), repetida abaixo.

(208) *Finding the wallet (so quickly) was a big relief*

(BAKER; VINOKUROVA, 2009, p. 518)

Consoante Baker & Vinokurova (2009), ao contrário de algumas nominalizações que denotam evento, as nominalizações de agente em inglês possuem as seguintes propriedades gramaticais: (i) não podem ter um objeto acusativo, (ii) não podem se realizar sem um determinante e (iii) não podem ser modificadas por um advérbio, conforme os respectivos exemplos a seguir:

(212) a. *\*The finder the wallet (so quickly) returned it to the front desk*

b. *\*Finder the wallet returned it to the front desk*

c. *\*The finder of the wallet quickly returned it to the front desk*

(BAKER; VINOKUROVA, 2009, p. 519)

O que Baker & Vinokurova (2009) mostram é que as nominalizações de agente em inglês aparentemente apresentam a mesma estrutura das nominalizações com {-ing} que resultam em nomes de ação. Compare os exemplos (206) e (207), repetidos a seguir como (213) e (214), respectivamente.

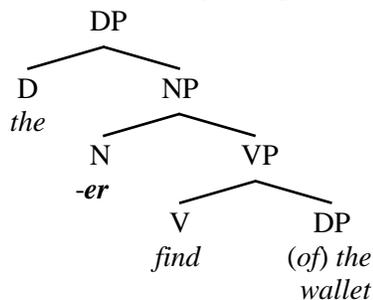
(213) *The **finding** of the wallet took all afternoon*

(214) *The **finder** of the wallet returned it to the front desk*

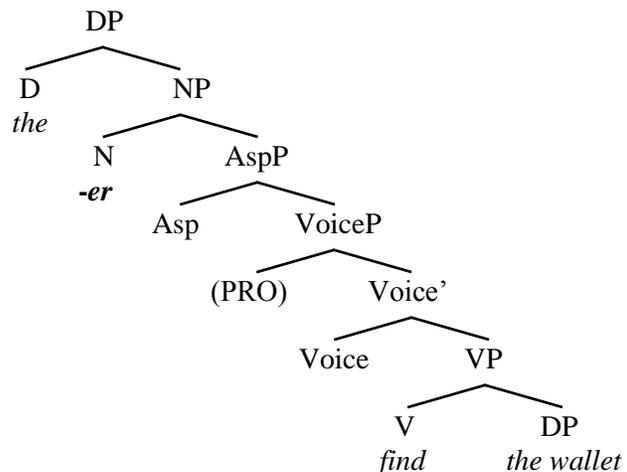
(BAKER; VINOKUROVA, 2009, p. 517)

Para os autores, as agramaticalidades dos exemplos em (212) são explicadas devido à estrutura interna da nominalização de agente em inglês. Eles propõem que esse tipo de nominalização não apresenta uma estrutura verbal complexa. Na verdade, os únicos elementos verbais em nominalização de agente devem ser: (i) a própria raiz verbal e (ii) o argumento interno do verbo. Diante disso, Baker & Vinokurova (2009, p. 520) propõem as duas construções sintáticas abaixo, em que a árvore em (215) é a configuração de nominalização de agente em inglês, enquanto a configuração em (216) corresponde a uma estrutura ainda não atestada.

(215) Nominalizações agentivas



(216) Estrutura não atestada



Um dos objetivos de Baker & Vinokurova (2009) é mostrar que a ausência de (216) em inglês não é uma lacuna acidental, mas sim um fenômeno que pervaga nas

línguas naturais. Portanto, as nominalizações de agente tendem a apresentar a estrutura em (215).

Em síntese, o que é essencial para a análise a ser desenvolvida neste capítulo é a assunção teórica segundo a qual as estruturas de nominalizações de agente devem apresentar a configuração em (215). Na próxima seção, no entanto, demonstrarei que a língua Tenetehára-Guajajára exhibe uma estrutura de nominalização agentiva mais complexa do que (215) e mais simples do que (216). Mais precisamente, a proposta teórica que pretendo entreter é a de que as nominalizações agentivas nessa língua projetam uma configuração não prevista nas análises desenvolvidas por Baker & Vinokurova (2009).

## **6.2 Nominalização agentiva em Tenetehára-Guajajára**

Esta seção tem por objetivo demonstrar que a nominalização de agente na língua Tenetehára-Guajajára contradiz a proposta de Baker & Vinokurova (2009). Em geral, o que se observa é que os nomes deverbais que denotam agente apresentam uma estrutura verbal mais complexa do que um simples VP, diferentemente, portanto, da configuração sintática proposta em (215). Apenas verbos transitivos ou transitivizados podem ser nominalizados por meio do sufixo nominalizador {-har}, cujo resultado é o surgimento de um nome deverbal que denota o agente do evento introduzido pela raiz verbal, conforme o exemplo abaixo.

- (217) a. *u-zuka awa zàwàruhu a'e*  
 3-matar homem onça 3  
 “O homem matou a onça”
- b. *o-ho zàwàruhu i-zuka-har ka'a pe a'e*  
 3-ir onça 3-matar-NOML mata para 3  
 “O matador de onça foi para a mata”

Note que o nominalizador {-har} se junta ao verbo transitivo *zuka* “matar”, a fim de denotar o agente do evento de matar. O objeto *zàwàruhu* “onça”, por sua vez, ocupa a posição de complemento do nome deverbal, o qual engatilha neste nominal o prefixo relacional de terceira pessoa, a saber: {i-}.

### 6.2.1 Morfologia causativa

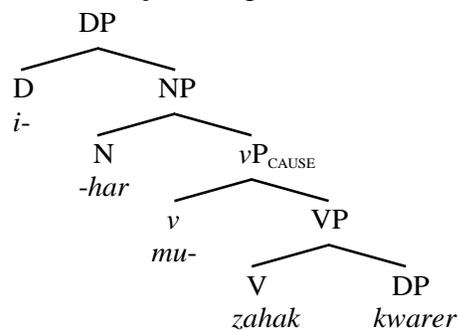
A primeira evidência de que o nominalizar {-har} se junta a uma estrutura mais complexa do que um VP consiste no fato de que verbos transitivos morfologicamente causativizados podem receber essa morfologia nominalizadora. É o que mostram os exemplos (218) e (219).

- (218) a. *u-mu-zahak kuzà kwarer a'e*  
 3-CAUS-banhar mulher menino 3  
 “A mulher deu banho no menino”
- b. *o-ho kwarer i-mu-zahak-har ka'a ø-pe a'e*  
 3-ir menino 3-CAUS-banhar-NOML mata C-para 3  
 “Aquela que banha crianças foi para a mata”

- (219) a. *u-mu-aku kuzà kwarer a'e*  
 3-CAUS-quente mulher menino 3  
 “A mulher aqueceu o menino”
- b. *o-ho kwarer i-mu-aku-har ka'a ø-pe a'e*  
 3-ir menino 3-CAUS-quente-NOML mata C-para 3  
 “Aquele que aquece o menino foi para a mata”

Observe que, nos exemplos acima, o nominalizador {-har} é capaz de se afixar a uma estrutura verbal que projeta  $vP_{\text{CAUSE}}$ , cujo núcleo é instanciado pelo morfema causativo {mu-}. A consequência desses dados é que a configuração em (215), em que o nominalizador seleciona um VP como complemento, não é atestada em Tenetehára-Guajajára, uma vez que o nominalizador seleciona como complemento uma estrutura verbal mais complexa do que um simples VP. Em síntese, com base nesses dados, propomos que a nominalização de agente em Tenetehára-Guajajára apresenta a seguinte configuração sintática.

(220) Nominalização de agente em Tenetehára-Guajajára



Em suma, a proposta de nominalização de agente, como foi formulada por Baker & Vinokurova (2009), é incapaz de explicar dados como (218) e (219) em Tenetehára-

Guajajara, uma vez que uma estrutura verbal mais articulada é requerida para dar conta de morfologias verbais, tais como a causativização. Pode-se afirmar ainda que configurações sintáticas como (220) reforçam a análise de que a projeção de VoiceP é distinta de  $vP_{\text{CAUSE}}$ , como foi apresentado no capítulo 2 e 3.

### 6.2.2 Morfologia de aplicativo alto

A segunda evidência a favor da hipótese de que o nominalizador {-har} pode, sim, selecionar como complemento uma estrutura verbal mais articulada do que um VP é ilustrada pelos exemplos (221) e (222). Note-se que, nesses exemplos, verbos transitivizados por meio da morfologia aplicativa {eru-} podem receber o nominalizador de agente {-har}.

- (221) a. *w-eru-wewe awa àwiàw a'e*  
 3-APPL-voar homem avião 3  
 “O homem voa com o avião”
- b. *u-hem àwiàw h-eru-wewe-har kwez he=r-uwake a'e*  
 3-*vir* avião 3-APPL-voar-NOML PERF 1SG=C-perto 3  
 “Aquele que voa com o avião (=piloto) chegou perto de mim”
- (222) a. *w-eru-zàn awa tukuruhu a'e*  
 3-APPL-correr homem moto 3  
 “O homem corre com a moto”
- b. *u-hem tukuruhu h-eru-zàn-har kwez he=r-uwake a'e*  
 3-*vir* moto 3-APPL-correr-NOML PERF 1SG=C-perto 3  
 “Aquele que corre com a moto (=piloto) chegou perto de mim”

Os exemplos acima mostram que o nominalizador {-har} se afixa a uma estrutura verbal que projeta aplicativo alto, cujo núcleo é instanciado pelo morfema aplicativo alto {eru-}. Exemplos como esses corroboram a assunção de que a estrutura interna das nominalizações que denotam agente em Tenetehára-Guajajára é mais complexa do que a configuração proposta por Baker & Vinokurova (2009), em que o nominalizador seleciona apenas o VP.

### 6.2.3 Advérbios de modo

A terceira evidência surge do escopo dos advérbios de modo. De acordo com Cinque (1999), os advérbios de modo, tais como *rapidamente* e *lentamente*, são projetados acima de VP. Assim, há uma grande possibilidade de terem escopo sobre vP. Por esse motivo, conforme Baker & Vinokurova (2009), nominalizações que denotam agente em inglês não aceitam esse tipo de advérbio, conforme o exemplo (212), repetido abaixo.

(223) \**The finder of the wallet quickly returned it to the front desk*

Como minha proposta é que o nominalizador de agente em Tenetehára-Guajajára se junta a uma estrutura verbal mais complexa, é esperado que não ocorra nenhum tipo de restrição quanto à ocorrência desses advérbios nessas estruturas. De fato, é isso o que os dados abaixo revelam. Veja que os advérbios *mewekatu* “lentamente” e *na'aritykahy*

“rapidamente” e a locução adverbial *mewehar rupi* “com lentidão” podem ocorrer no interior da estrutura nominalizada.

- (224) a. *mewekatu u-kixi awa ywyrapew a'e*  
 lentamente 3-cortar homem madeira 3  
 “O homem cortou lentamente a madeira”
- b. *o-ho ywyrapew mewekatu i-kixi-har ka'a ø-pe a'e*  
 3-ir madeira lentamente 3-cortar-NOML mata C-para 3  
 “Aquele que corta lentamente madeira foi para a mata”
- (225) a. *meweharupi u-kixi awa ywyrapew a'e*  
 lentamente 3-cortar homem madeira 3  
 “O homem cortou lentamente a madeira”
- b. *o-ho ywyrapew meweharupi i-kixi-har ka'a ø-pe a'e*  
 3-ir madeira lentamente 3-cortar-NOML mata C-para 3  
 “Aquele que corta lentamente madeira foi para a mata”
- (226) a. *na'aritykahy u-kixi awa ywyrapew a'e*  
 rapidamente 3-cortar homem madeira 3  
 “O homem cortou rapidamente a madeira”
- b. *o-ho ywyrapew na'aritykahy i-kixi-har ka'a ø-pe a'e*  
 3-ir madeira rapidamente 3-cortar-NOML mata C-para 3  
 “Aquele que corta rapidamente madeira foi para a mata”

Nos exemplos acima, observe que os advérbios de modo, os quais ocorrem no domínio do nome deverbal, têm escopo sintático sobre o evento descrito pelo verbo que foi nominalizado. Isso só é possível porque o nominalizador {-har} seleciona como complemento uma estrutura verbal que inclui *vP*. Conforme Baker & Vinokurova (2009), esse tipo de advérbio não pode ocorrer em nominalizações agentivas em inglês, uma vez que o nominalizador só pode selecionar um *VP*.

Em resumo, os três diagnósticos apresentados até aqui demonstram que o nominalizador de agente {-har} em Tenetehára-Guajajára, de fato, junta-se a uma estrutura verbal mais complexa do que um simples VP, contrariando Baker & Vinokurova (2009). Os testes aplicados acima revelam que, pelo menos,  $vP_{CAUSE}$  e ApplP podem intervir entre o nominalizador e o VP na configuração sintática. Nas próximas subseções, no entanto, mostrarei que o nominalizador {-har} é incapaz de selecionar como complemento a projeção VoiceP.

#### 6.2.4 Morfologia de VoiceP

A língua Tenetehára-Guajajára não instancia morfologicamente o núcleo de VoiceP em contexto de construções ativas, como ocorre, por exemplo, na língua Paresi-Haliti, conforme o exemplo (55), repetido abaixo.

- (227) *Kolobi a-tatakoa-ki-tya Jura*  
 Kolobi CAUS-tremer-VOICE-PERF Jura  
 “Kolobi faz Jura tremer”

No entanto, como já foi delineado em capítulos anteriores, em contexto de voz reflexiva, o núcleo de VoiceP, em Tenetehára-Guajajára, pode ser preenchido pelo prefixo {ze-}, conforme os exemplos abaixo:

- (228) a. *w-exak awa kwarer a'e*  
 3-ver homem menino 3  
 “O homem viu o menino”

- b. *u-ze-xak awa a'e*  
 3-REFL-ver homem 3  
 “O homem se viu”
- (229) a. *u-mim kwarer takihe a'e*  
 3-esconder menino faca 3  
 “O menino escondeu a faca”
- b. *u-ze-mim kwarer a'e*  
 3-REFL-esconder menino 3  
 “O menino se escondeu”

Diferentemente do que ocorre nas línguas românicas, a língua Tenetehára-Guajajára não faz uso de pronomes reflexivos. Na verdade, a construção reflexiva é realizada por meio do morfema verbal {*ze-*}, o qual, conforme a hipótese que assumo nesta tese, instancia o núcleo de VoiceP. Veja que a morfologia reflexiva é simplesmente uma possível realização do núcleo de VoiceP, assim como ocorre nas sentenças na voz passiva, nos termos de Kratzer (1996).

O curioso é que o morfema {-*har*}, apesar de nominalizar verbos com morfologia causativa e applicativa, não pode se juntar a verbos que tenham recebido morfemas que realizem o núcleo de VoiceP. Este quarto diagnóstico, portanto, revela que a morfologia de VoiceP não pode ocorrer entre o nominalizador de agente e o VP. Isso é particularmente demonstrado por meio da agramaticalidade dos exemplos a seguir.

- (230) a. \**i-ze-xak-har* “aquele que se vê”  
 b. \**i-ze-mim-har* “aquele que se esconde”  
 c. \**i-ze-àkyràg-har* “aquele que se balança”  
 d. \**i-ze-kixi-har* “aquele que se corta”  
 e. \**i-ze-hyw-har* “aquele que se enxuga”

O que os dados mostram é que o morfema {-har} pode se juntar a  $vP_{\text{CAUSE}}$  e a ApplP. Contudo, esse morfema não pode selecionar como complemento a projeção VoiceP. Veja que essa análise reforça a hipótese assumida nesta tese de que VoiceP deve ser projetado independentemente da projeção  $vP_{\text{CAUSE}}$ . Isto explica, portanto, a razão por que o morfema {-har} selecione apenas  $vP_{\text{CAUSE}}$  e nunca VoiceP.

Um ponto que merece destaque é que o morfema {-har} é um nominalizador essencialmente agentivo. Assim, ele não é um nominalizador que denota meramente uma entidade ou um sujeito tema ou afetado. Isso pode ser fundamentado pelo fato de que esse nominalizador pode se combinar produtivamente com o mesmo conjunto de verbos com que a morfologia reflexiva também pode se combinar. Por isso, veja que o nominalizador {-har} pode se juntar, em (231), a verbos transitivos agentivos, mas não pode nominalizar verbos intransitivos, conforme mostram os dados em (232).

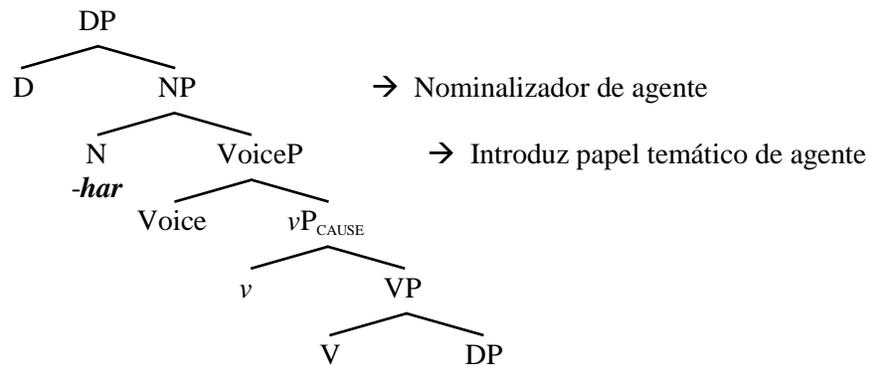
- (231) a. *i-zuka-har* “o matador”  
 b. *h-eru-wewe-har* “o piloto (de avião)”  
 c. *i-mu-kixi-har* “aquele que corta”
- (232) a. \**i-zozok-har* “aquele que soluça”  
 b. \**i-kàzim-har* “aquele que desaparece (fica perdido)”  
 c. \**i-màno-har* “aquele que morre”

Nesta linha de raciocínio, o morfema nominalizador {-har} se difere substancialmente do nominalizador {-ma'e}. Veja que este último pode ocorrer tanto com verbos intransitivos inativos quanto com verbos intransitivos ativos, conforme os exemplos apresentados a seguir.

- |       |    |                     |  |
|-------|----|---------------------|--|
| (233) | a. | <i>i-zozok-ma'e</i> | “aquele que soluça”                    |
|       | b. | <i>i-kàzim-ma'e</i> | “aquele que desaparece (fica perdido)” |
|       | c. | <i>i-màno-ma'e</i>  | “aquele que morre”                     |
| (234) | a. | <i>u-zàn-ma'e</i>   | “o corredor”                           |
|       | b. | <i>u-‘ytaw-ma'e</i> | “o nadador”                            |
|       | c. | <i>u-zahak-ma'e</i> | “aquele que toma banho”                |

Em suma, o que os dados acima nos revelam é que o morfema {-har} de fato é um nominalizador que contém uma propriedade inerentemente agentiva, assim como o VoiceP ativo (cf. KRATZER, 1996) e o VoiceP reflexivo. Dessa forma, esse morfema não é um nominalizador que denota meramente uma entidade ou um sujeito, como faz o morfema {-ma'e}. Veja que o caráter agentivo do nominalizador {-har} pode ser um dos fatores que impossibilita a nominalização de uma estrutura verbal que contenha VoiceP. Isto porque uma estrutura que contenha simultaneamente VoiceP e o morfema nominalizador {-har} resulta em uma construção sintática que projeta dois domínios responsáveis pela leitura agentiva, conforme a configuração sintática em (235), a qual não é atestada em Tenetehára-Guajajara.

(235) Não atestado em Tenetehára-Guajajára



Tendo em vista que o nominalizador de agente em Tenetehára-Guajajára é incapaz de selecionar VoiceP como seu complemento, espera-se que advérbios orientados para agente, tão pouco, possam ocorrer no interior dessas nominalizações. A próxima seção mostrará exatamente essa impossibilidade.

### 6.2.5 Advérbios de agente

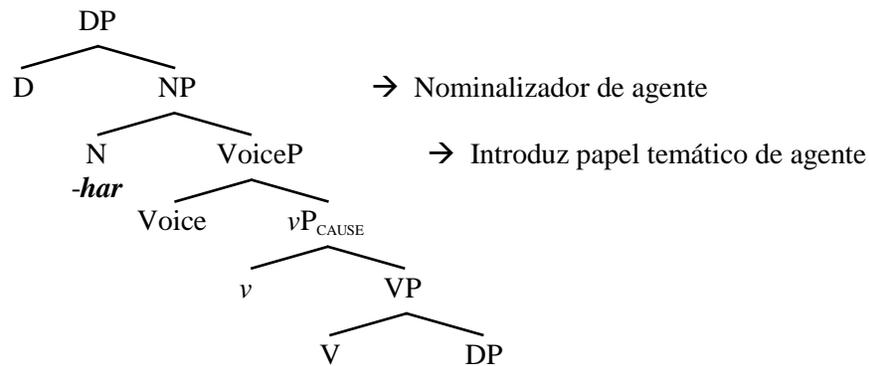
Nesta subseção, será aplicado o quinto teste, que corresponde ao escopo de advérbios, ou locuções adverbiais, orientados para agente. Tais advérbios, por serem de natureza agentiva, só podem ocorrer em estruturas que projetem VoiceP, cujo núcleo é responsável pelo licenciamento do argumento externo com a propriedade semântica de agente, como propõe Kratzer (1996). Dessa forma, espera-se que esses tipos de advérbios não possam ocorrer em nominalizações de agente em Tenetehára-Guajajára, uma vez que o morfema {-har} não é capaz de selecionar como complemento VoiceP, como foi mostrado na seção anterior. De fato, é isso o que ocorre nas sentenças abaixo.

- (236) a. katu'ymaw r-upi *u-petek awa zàwàruhu a'e*  
 maldade c-por 3-bater homem onça 3  
 “O homem bateu na onça por maldade”
- b. \**o-ho zàwàruhu* katu'ymaw r-upi *i-petek-har ka'a ø-pe a'e*  
 3-ir onça maldade c-por 3-bater-NOML mata C-para 3  
 “Aquele que bate por maldade na onça foi para a mata”
- (237) a. w-emi-mutar r-upi *u-petek awa zàwàruhu a'e*  
 3CORR-NOML-desejar C-por 3-bater homem onça 3  
 “O homem bateu na onça por vontade”
- b. \**o-ho zàwàruhu* w-emi-mutar r-upi *i-petek-har*  
 3-ir onça 3CORR-NOML-desejar C-por 3-bater-NOML  
*ka'a ø-pe a'e*  
 mata C-para 3  
 “O homem que bate por vontade na onça foi para a mata”

Veja que, nos exemplos acima, os adjuntos adverbiais de agente não podem ocorrer entre o nome deverbal e o seu complemento. Este tipo de construção não é possível na língua, porque o morfema {-har} é incapaz de selecionar como complemento a projeção VoiceP, a qual receberia o escopo desses elementos adverbiais.

Em síntese, o que os dois últimos testes mostram é que a impossibilidade de os advérbios de agente e a morfologia de VoiceP ocorrerem em contexto de nominalização de agente demonstra que o morfema {-har}, de fato, não seleciona como complemento a projeção VoiceP. Assim, a nominalização de agente nessa língua não exibe a configuração sintática apresentada em (235), repetida abaixo.

(235) Não atestado em Tenetehára-Guajajára



Nas próximas duas subseções, mostrarei que o morfema nominalizador agentivo {-har}, além de ser incapaz de selecionar VoiceP como seu complemento, também não pode se juntar a projeções funcionais mais altas, tais como NegP e TP.

### 6.2.6 Negação verbal

O sexto teste tem o objetivo de verificar se a projeção NegP pode intervir entre o nominalizador de agente e o VP. Conforme os exemplos abaixo, a negação verbal em Tenetehára-Guajajára se manifesta por meio da morfologia circunfixal {n-...-kwaw}. Em uma perspectiva formal, a negação tem sido tratada como a instanciação da projeção NegP, a qual se realiza acima de VoiceP. Veja que um verbo com morfologia verbal de negação não pode ser nominalizado.

(238) a. *n-u-zuka-kwaw*    *awa*    *zàwàruhu*    *a'e*  
 NEG-3-matar-NEG    homem    onça    3  
 “O homem não matou a onça”

- b.     \**zàwàruhu n-u-zuka-kwaw-har*  
           onça           NEG-3-matar-NEG-NOML  
           “Aquele que não mata onça”
- c.     \**zawaruhu na-i-zuka-kwaw-har*  
           onça           NEG-3-matar-NEG-NOML  
           “Aquele que não mata onça”

Dados como (238) servem para mostrar que o nominalizador {-*har*}, apesar de se combinar com estruturas mais complexas do que um VP, não pode selecionar como complemento a projeção NegP. Na próxima seção, será mostrado que o morfema nominalizador {-*har*} também não pode se juntar a TP.

### 6.2.7 Morfologia de tempo

O último diagnóstico tem a finalidade de verificar se o nominalizador {-*har*} pode se juntar a configurações que projetem TP. Antes de aplicarmos o teste, contudo, é necessário ressaltar que a marcação temporal em Tenetehára-Guajajára normalmente se manifesta por meio de partículas separadas do verbo, que correspondem a noções temporais de passado, como em (239). Além do mais, essas partículas estão quase sempre intimamente associadas à modalidade, ao indicar, por exemplo, fonte da informação proposicional e comprometimento do falante. Para assinalar a noção temporal de futuro, contudo, a língua Tenetehára-Guajajára utiliza o sufixo verbal

{-(*pu*)tar}, o qual, na verdade, codifica aspecto projetivo<sup>57</sup>, conforme os exemplos em (240).

- Tempo passado
- (239) a. *u-pyhyk rakwez awa pira a'e ri'i*  
 3-pegar PAST.REC.AT homem peixe 3 CERT  
 “O homem pegou o peixe faz pouco tempo (o falante viu)”
- b. *u-pyhyk kakwez awa pira a'e*  
 3-pegar PAST.DIST.AT homem peixe 3  
 “O homem pegou o peixe faz muito tempo (o falante viu)”
- c. *u-pyhyk ze-kwehe awa pira a'e*  
 3-pegar NAT-PAST.DIST homem peixe 3  
 “O homem pegou o peixe faz muito tempo (o falante não viu)”
- d. *u-pyhyk ze-k-aipo awa pira a'e*  
 3-pegar NAT-PAST.DIST-DUV homem peixe 3  
 “O homem pegou o peixe faz muito tempo (o falante não viu)”
- Aspecto projetivo
- (240) a. *u-pyhyk-putar awa pira a'e nehe*  
 3-pegar-PROJ homem peixe 3 INT  
 “O homem pegará o peixe”
- b. *u-hem-putar kwarer a'e nehe kury*  
 3-chegar-PROJ menino 3 INT agora  
 “Agora o menino chegará”

<sup>57</sup> É interessante ressaltar que, embora tenha função de aspecto projetivo ao afixar-se a predicados verbais, a partícula *putar* também se realiza no núcleo de sintagmas verbais, a fim de denotar o significado de “desejar” e “querer”, como em (i) e (ii).

(i) *u-putar he=r-emetarer a'e kury* (ii) *n-a-putar-kwaw ne=ø-ho-(h)àw-(r)àm*  
 3-querer 1SG=C-dinheiro 3 agora NEG-1SG-querer-NEG 2SG=C-ir-NOML-FUT  
 “Ele quer meu dinheiro agora” “Não quero tua ida”

Com base nos exemplos abaixo, note que um verbo com morfologia temporal de passado ou com morfologia de aspecto projetivo não pode ser nominalizado pelo morfema {-har}. Estas agramaticalidades evidenciam que o nominalizador {-har}, de fato, não pode se juntar a configurações que projetem TP.

- (241) a.    \**pira i-pyhyk rakwez har (ri'i)*  
           peixe 3-pegar PAST.REC.AT NOML CERT  
           “O homem pegou o peixe faz pouco tempo (o falante viu)”
- b.    \**pira i-pyhyk kakwez har*  
           peixe 3-pegar PAST.DIST.AT NOML  
           “O homem pegou o peixe faz muito tempo (o falante viu)”
- c.    \**pira i-pyhyk ze-kwehe har*  
           peixe 3-pegar NATT-PAST.DISTNOML  
           “O homem pegou o peixe faz muito tempo (o falante não viu)”
- d.    \**pira i-pyhyk ze-k-aipo har*  
           peixe 3-pegar NATT-PAST.DIST-DUV NOML  
           “O homem pegou o peixe faz muito tempo (o falante não viu)”
- e.    \**pira i-pyhyk-putar-har (nehe)*  
           peixe 3-pegar-PROJ-NOML INT  
           “Aquele que vai pegar o peixe”

Alternativamente, para as sentenças em (241), as nominalizações em Tenetehára-Guajajára podem receber os sufixos {-ram} e {-kwer}, a fim de denotar, respectivamente, o tempo futuro e passado. Para ser mais preciso, como foi discutido na Seção 3.3.2, esses sufixos tem a função de codificar mudança de estado, os quais podem ser orientados para mudança de estado não realizado {-ram} e mudança de estado

realizado {-*kwer*}. Portanto, uma alternativa gramatical para o exemplo acima pode ser vista no exemplo abaixo.

- (242) a. *pira i-pyhyk-ha(r)-rà̃m*  
 peixe 3-pegar-NOML-FUT  
 “Aquele que vai pegar o peixe”
- b. *pira i-pyhyk-har-kwer*  
 peixe 3-pegar-NOML-PAST  
 “Aquele que pegou o peixe”

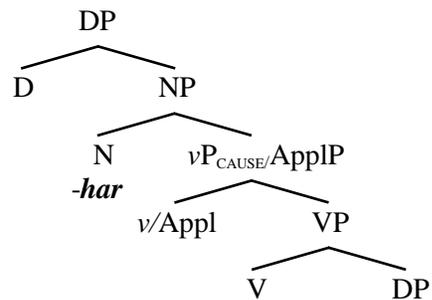
Na próxima seção, o objetivo é desenvolver a análise de que a nominalização de agente em Tenetehára-Guajajára exhibe uma estrutura verbal mais complexa do que um simples VP.

### 6.3 Proposta teórica

Como foi discutido nas seções anteriores, os nominalizadores de agente, de acordo com Baker & Vinokurova (2009), devem se combinar diretamente com VP, da mesma forma com que o núcleo de VoiceP se combina. Para esses autores, as nominalizações agentivas apresentam, como únicos elementos verbais, a própria raiz verbal e o argumento interno do verbo, que é selecionado pelo VP.

A língua Tenetehára-Guajajára, por sua vez, fornece evidências de que as nominalizações de agente podem apresentar uma estrutura verbal mais complexa do que um simples VP. A proposta teórica advogada neste capítulo é a de que a nominalização de agente nessa língua deve apresentar a seguinte estrutura sintática abstrata:

## (243) Nominalização de agente em Tenetehára-Guajajára



Os principais argumentos a favor dessa proposta se baseiam principalmente no fato de que pode haver morfologia causativa e applicativa entre o morfema nominalizador e o verbo. A consequência disso é que não há restrição com relação à realização de advérbios de modo no interior da nominalização. Apesar de apresentar essa estrutura verbal mais complexa, o nominalizador  $\{-har\}$ , no entanto, não é capaz de se juntar a projeções mais altas na configuração sintática, tais como: VoiceP, NegP e TP, por exemplo. Vale ressaltar ainda que a impossibilidade do nominalizador  $\{-har\}$  se juntar a VoiceP, NegP e TP evidencia que estas construções em Tenetehára-Guajajára também não podem ser comparadas a orações relativas. Se fossem orações relativas, as projeções VoiceP, NegP e TP seriam permitidas, conforme aponta Johansson (2012).

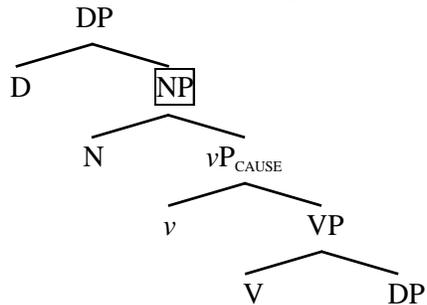
Em suma, a nominalização com o morfema  $\{-har\}$  apresenta um comportamento distinto das nominalizações com o sufixo  $\{-er\}$  em inglês, conforme Baker & Vinokurova (2009), e também das orações relativas, consoante Johansson (2012). Veja o Quadro 14, que resume os testes e diagnósticos aplicados neste capítulo e mostra a distinção que há entre as orações relativas, a nominalização agentiva em inglês e a nominalização agentiva em Tenetehára-Guajajára.

Quadro 14 – Propriedades de nominalizações e orações relativas

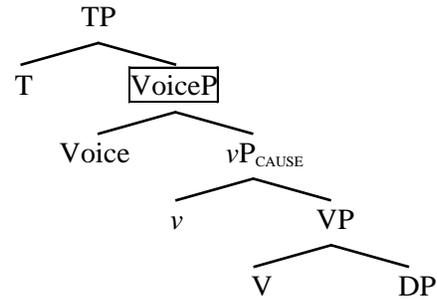
<b>Propriedades/ Testes</b>	<b>Nominalização de agente em inglês</b>	<b>Nominalização de agente em Tenetehára- Guajajára</b>	<b>Oração relativa que denota agente</b>
Morfologia causativa	-	Sim	Sim
Morfologia aplicativa	-	Sim	Sim
Advérbios de modo	Não	Sim	Sim
Morfologia de VoiceP (Refl)	-	Não	Sim
Advérbios de agente	Não	Não	Sim
Morfologia de negação	-	Não	Sim
Morfologia de tempo	-	Não	Sim

Apesar de a nominalização de agente em Tenetehára-Guajajára ser internamente mais estruturada do que a nominalização de agente em inglês, essas construções nas duas línguas apresentam como característica comum o fato de não projetarem VoiceP. A este respeito, Baker & Vinokurova (2009) consideram que o argumento externo agente, por não ser um argumento verdadeiro do verbo, é projetado por um núcleo distinto acima de VP. Assim, os autores propõem que a nominalização de agente deve ser formada exatamente neste ponto, conforme as estruturas sintáticas paralelas a seguir:

(244) Nominalização de agente



(245) Projeção de VoiceP



Note, mais precisamente, que o núcleo da projeção nominal em (244) está em distribuição complementar com o núcleo de VoiceP em (245). Dessa forma, essa nominalização é o resultado do uso de um núcleo nominal na posição ocupada pelo núcleo de VoiceP. Na próxima seção, finalizo este capítulo com o resumo do capítulo.

## 6.4 Resumo do capítulo

Este capítulo teve por objetivo demonstrar que as nominalizações de agente em Tenetehára-Guajajára exibem uma estrutura verbal mais complexa do que um simples VP. Para sustentar essa análise, foram apresentadas as seguintes evidências: (i) pode haver morfologia causativa e aplicativa entre o morfema nominalizador e o verbo e (ii) pode haver advérbios de modo no interior da nominalização.

Vale ressaltar ainda que os exemplos da língua Tenetehára-Guajajára discutidos neste capítulo contrariam a assunção de Baker & Vinokurova (2009, p. 33), segundo a

qual “núcleos funcionais verbais não são possíveis dentro das nominalizações agentivas porque o núcleo nominalizador deve se combinar semântica e diretamente com VP.”<sup>58</sup>

No próximo capítulo, o objetivo é analisar as nominalizações de resultado e de evento em Tenetehára-Guajajara, que se manifestam por meio do morfema {-*haw*}. Mostrarei que esse tipo de nominalização exibe uma configuração que, embora admita morfologia causativa, não permite a introdução de argumento externo. Será mostrado que esse fenômeno se coloca como evidência a favor da projeção cindida de VoiceP e  $vP_{\text{CAUSE}}$ .

---

<sup>58</sup> “Verbal functional heads are not possible inside agentive nominalizations because the nominalizing head must combine semantically directly with VP.” (BAKER; VINOKUROVA, 2009, p. 33).

# Capítulo 7

## *Nominalização resultativa e eventiva*

De acordo com Grimshaw (1990), Marantz (1997) e Borer (2003), a nominalização de resultado denota o efeito de um evento, ou simplesmente nomeia uma entidade no mundo relacionada a esse evento, ao passo que a nominalização de evento se refere ao processo, propriamente dito, desse evento. Diante dessas considerações iniciais, este capítulo tem por objetivo examinar a configuração morfossintática<sup>59</sup> das nominalizações de evento e de resultado em Tenetehára-Guajajára, as quais ocorrem por meio do sufixo {-haw}, conforme os exemplos a seguir.

---

<sup>59</sup> Em termos descritivos, o sufixo {-haw} em Tenetehára-Guajajára gera nominalizações de resultado ou de evento ao se juntar a verbos intransitivos e transitivos. O curioso é que não há aparentemente nenhuma restrição na raiz que determina se a nominalização vai gerar estruturas de resultado ou de evento. Por essa razão, essas nominalizações, quando retiradas de seu contexto, geralmente são ambíguas entre esses dois significados. Veja os exemplos abaixo em que o primeiro sentido é de resultado (ao denotar instrumento, produto ou lugar) e o segundo é de evento:

- |       |  |      |   |
|-------|--|------|---|
| (i)   | <i>i-zuka-haw</i><br>3-matar-NOML<br>i. “O instrumento ou lugar de matar”<br>ii. “O evento de matar” | (ii) | <i>i-tym-(h)aw</i><br>3-plnatar-NOML<br>i. “A plantação ou o lugar de plantar”<br>ii. “O evento de plantar” |
| (iii) | <i>i-zàn-(h)aw</i><br>3-correr-NOML<br>i. “O lugar de correr”<br>ii. “O evento de correr”            | (iv) | <i>i-ker-haw</i><br>3-dormir-NOML<br>i. “A cama ou o lugar de dormir”<br>ii. “O evento de dormir”           |

Trabalhos posteriores deverão investigar mais cuidadosamente a nominalização de verbos descritivos.

## (246) Nominalização de resultado

- a. *w-exak kwarer yryk-aw a'e*  
 3-ver menino fluir-NOML 3  
 “O menino viu o riacho”
- b. *zàwàruhu i-zuka-haw w-in tenaw r-ehe a'e*  
 onça 3-matar-NOML 3-estar cadeira C-em 3  
 “O instrumento de matar onça está na cadeira”

## (247) Nominalização de evento

- a. *i-akatuaw-ahy karaiw men-haw r-ehe a'e wà*  
 3-gostar-ENF não.indígena ter.marido-NOML C-de 3 PL  
 “Os não indígenas gostam muito de casamento”
- b. *u-zapo awa u-kypy'yr i-men-haw a'e no*  
 3-fazer homem 3CORR-filha 3-ter.marido-NOML 3 também  
 “O homem fez o casamento da sua filha mais nova também”

Note que, em (246), são mostrados dois exemplos de nominalizações de resultado. Em (246a), há uma nominalização simples e, em (246b), uma nominalização complexa. Somente esse segundo exemplo introduz um argumento na função sintática de complemento nominal, o qual engatilha no nome deverbal o prefixo relacional de terceira pessoa {*i-*}. Nos exemplos em (247), por sua vez, as nominalizações denotam eventos descritos pelo verbo. Em (247a), a nominalização é simples, ao passo que, em (247b), é complexa. Note que no último exemplo, o nome derivado possui um argumento complemento nominal que engatilha o prefixo relacional {*i-*}.

Marantz (1997), Alexiadou (2001) e Borer (2003, 2005) afirmam que as nominalizações de evento são formadas a partir de estruturas verbais. No entanto, nomes deverbais não eventivos (aqui se incluem as nominalizações de resultado) são construídas a partir de raiz. Defendo a hipótese de que em Tenetehára-Guajajára tanto as

nominalizações de evento quanto as de resultado apresentam internamente propriedades verbais. Dessa forma, essa língua figura como um contraexemplo para Grimshaw (1990), Marantz (1997) e Borer (2003), uma vez que a nominalização de resultado não é formada a partir de raiz, mas sim a partir de verbos.

Este capítulo está dividido em quatro seções. Na seção 7.1, investigo o processo de nominalização de resultado em Tenetehára-Guajajára. Na seção 7.2, examino a nominalização de evento nessa língua. Na seção 7.3, exponho a proposta teórica delineada no presente capítulo. Na seção 7.4, encerro com o resumo do capítulo.

## **7.1 Nomes deverbais que denotam resultado**

Nesta seção, são discutidos nomes deverbais simples e complexos em Tenetehára-Guajajára, essencialmente aqueles que denotam instrumentos, produtos e lugares. Apresento argumentos contrários à hipótese de Grimshaw (1990), Marantz (1997) e Borer (2003), conforme os quais a nominalização de resultado pode, sim, ser formada a partir de estruturas mais complexas do que uma simples raiz. Minha principal evidência é que pode haver nessa língua morfologia causativa, por exemplo, entre o nominalizador {-*haw*} e o verbo.

### 7.1.1 Estrutura interna do nomes deverbais

Começo apresentando os exemplos abaixo, os quais se comportam aparentemente como nomes simples em Tenetehára-Guajajára. Note que, em (248), há uma série de nomes que denotam instrumentos. Em (249), ocorrem nomes de vários tipos de produtos. Em (250), por fim, estão presentes nomes de lugares.

#### (248) Instrumento

a.	<i>pyhykaw</i>	“armadilha”
b.	<i>ikixihaw</i>	“serrote”
c.	<i>myràmyràgaw</i>	“escada”
d.	<i>muku'ihaw</i>	“moedor”
e.	<i>imuatahaw</i>	“motor”
f.	<i>muwewehaw</i>	“paineira”

#### (249) Produtos

a.	<i>zegarhaw</i>	“canção”
b.	<i>kyhaw</i>	“rede”
d.	<i>i'awpupehaw</i>	“trança (de cabelo)”
e.	<i>'y'uhaw</i>	“caneco”
f.	<i>mai'uhaw</i>	“prato”
g.	<i>mynykaw</i>	“festa (de dança)”
h.	<i>wyra'uhaw</i>	“festa (de moqueado)”
i.	<i>izemaraztaw</i>	“brinquedo, jogos”

## (250) Lugares

a.	<i>henaw</i>	“cadeira”
b.	<i>ikerhaw</i>	“cama”
b.	<i>zegarhaw</i>	“lugar de cantar”
d.	<i>hekohaw</i>	“a morada”
e.	<i>imai'uhaw</i>	“lugar de comer”
f.	<i>zahakaw</i>	“lugar de banhar, banheiro, fonte”

Com base na tradução para o português, todos esses nomes deverbais se apresentam como nomes simples, com nenhuma estrutura interna aparente. Uma evidência a favor dessa hipótese vem do fato de que todos esses nomes se comportam como nomes simples, uma vez que podem receber um argumento possuidor e podem ainda ser quantificados, conforme os respectivos exemplos abaixo.

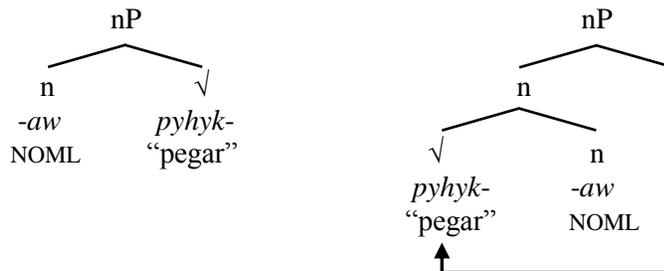
(251) *u-zapo awa he=ø-zemaráz-taw a'e*  
 3-fazer homem 1SG=C-brincar-NOML 3  
 “O homem fez meu brinquedo”

(252) *w-exak 'àg kuzà mokoz i-ker-haw a'e*  
 3-ver esta mulher dois 3-dormir-NOML 3  
 “Esta mulher viu duas camas”

Observe que os nomes de (248) a (250), os quais indicam resultado, introduzem nomes de instrumentos, produtos e lugares. De fato, alguns desses nomes acima são definitivamente nominalizações simples em Tenetehára-Guajajára. Por exemplo, em (248) *pyhykaw* “armadilha”, (249) *zegarhaw* “canção” e (250) *henaw* “cadeira”, não há nenhuma evidência de morfologia verbal. É possível que esses três exemplos sejam

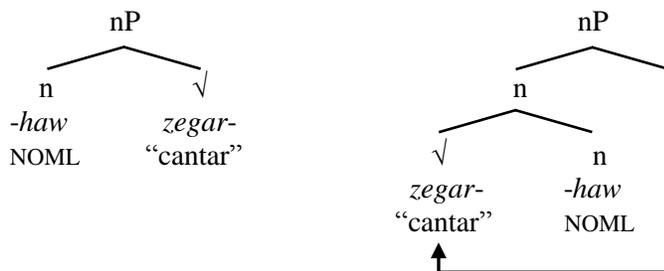
formados por meio da concatenação de uma raiz com o nominalizador {-haw}. Em (253), apresento a estrutura para *pyhykaw* “armadilha”. Veja que a raiz alça para o nominalizador.

(253)



Em (254), proponho a estrutura para o exemplo de (249), a saber: o nome *zegarhaw* “canção”. Note que a raiz move-se para o nominalizador.

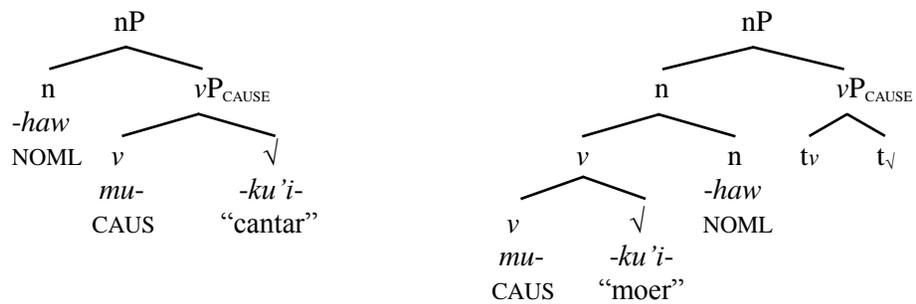
(254)



No entanto, se analisarmos os nomes tais como *muku'ihaw* “moedor”, o qual está em (248), veremos que essa estrutura nominalizada é um pouco mais complexa. Em termos descritivos, esse nome deverbal deriva da raiz verbal intransitiva *ku'i* “moer”, a qual recebe o morfema {*mu-*}, cuja função é realizar o núcleo da projeção causativa. O resultado é um verbo transitivo causativo que, posteriormente, é nominalizado por meio

do sufixo {-haw}. A interpretação mais literal do nome deverbal *muku'ihaw* seria “instrumento que mói” e sua configuração está apresentada abaixo.

(255)



Baseando-se principalmente na ideia de que a morfologia, conforme Harley (2008), é transparente e de que o morfema é um nó terminal na estrutura de uma palavra ou na estrutura de uma sentença, nota-se que os nós verbais, nas nominalizações com o sufixo {-haw}, são capazes de introduzir argumento interno. Veja nos exemplos abaixo que os nomes deverbais apresentam um argumento interno, o qual recebe a interpretação semântica do verbo.

- (256) a. *wyràmiri i-pyhyk-aw*  
 passarinho 3-pegar-NOML  
 “Armadilha de pegar passarinho”
- b. *awaxi i-mu-ku'i-haw*  
 milho 3-CAUS-moer-NOML  
 “Moedor de milho”

Pode-se afirmar que, nos dois exemplos acima, os DPs *wyràmiri* “passarinho” e *awaxi* “milho”, que exercem a função sintática de complemento nominal, recebem o papel temático de afetado do VP. Isto ocorre porque esses dois elementos são argumentos internos de seus respectivos verbos. Os exemplos em (256) se distinguem substancialmente dos dados em (257). Observe que, nestes últimos exemplos, os DPs na função sintática de complemento nominal são na verdade argumentos internos. Na verdade, são elementos licenciados por um sintagma possessivo, o qual lhes atribui a função semântica de possuidor. A principal evidência é que o argumento interno destes verbos em (257) se incorporou, nos termos de Baker (1988), em um momento anterior à nominalização.

- (257) a. *kwarer h-ame-pyk-(h)aw*  
 menino 3-virilha-cobrir-NOML  
 “A tanga do menino”
- b. *tàmuz i-po-kok-(h)aw*  
 ancião 3-mão-encostar-NOML  
 “A bengala do ancião”

Enfim, o que os exemplos em (256) e (257) nos revelam é que o nominalizador resultativo em Tenetehára-Guajajara se junta a estruturas mais complexas do que uma simples raiz. Mais precisamente, a estrutura interna dessas nominalizações explicitam, pelo menos, a existência de um núcleo licenciador de argumento interno e um núcleo causativo. Portanto, essa proposta é particularmente contrária ao que Grimshaw (1990), Marantz (1997) e Borer (2003) têm proposto.

Antes de encerrarmos esta seção, contudo, é imprescindível demonstrar que as construções envolvendo o morfema {-*haw*} em Tenetehára-Guajajára não se constituem como orações relativas. Isto é essencial para fortalecermos a proposta de que tais estruturas de fato são nominalizações de resultado.

### 7.1.2 Orações relativas

De acordo com Johansson (2012), as orações relativas não são orações nominalizadas. A autora se fundamenta no fato de que tais orações são incapazes de introduzir um argumento possuidor ou serem modificadas por um adjetivo, por exemplo. Para a autora, os nomes, inclusive as nominalizações, são capazes de serem quantificados; todavia, essa propriedade está ausente nas orações relativas. O que os dados abaixo nos mostram é que estamos realmente lidando com nominalizações em Tenetehára-Guajajára, uma vez que tais estruturas podem introduzir um argumento possuidor e ser pluralizadas. Observe que, nos exemplos a seguir, os nomes deverbais estão acompanhados do numeral *mokoz* “dois”.

(258) *mokoz i-kair-haw w-in tenaw r-ehe a'e wà*  
 dois 3-escrever-NOML 3-estar cadeira c-em 3 PL  
 “Duas canetas estão sobre a cadeira”

(259) *u-zapo kuzà mokoz i-zemaráz-taw a'e*  
 3-fazer mulher dois 3-brincar-NOML 3  
 “A mulher fez dois brinquedos”

- (260) *w-exak 'àg kuzà mokoz i-ker-haw a'e*  
 3-ver esta mulher dois 3-dormir-NOML 3  
 “Esta mulher viu duas camas”

Além de poderem ser modificadas pelo numeral *mokoz* “dois”, conforme os exemplos acima, as nominalizações deverbais que denotam resultado podem também introduzir um complemento nominal com a função semântica de possuidor. Veja os exemplos abaixo.

- (261) *a-monopyai he=ø-mu-wewe-haw ihe*  
 1SG-emprestar 1SG=C-CAUS-voar-NOML 1SG  
 “Eu emprestei minha paineira”

- (262) *u-zapo awa he=ø-zemaráz-taw a'e*  
 3-fazer homem 1SG=C-brincar-NOML 3SG  
 “O homem fez meu brinquedo”

- (263) *w-ityk karaiw he=r-eko-haw a'e*  
 3-destruir não.indígena 1SG=C-estar-NOML 3  
 “O não indígena destruiu minha morada”

Em síntese, nesta seção, mostrei que as nominalizações de resultado em Tenetehára-Guajajára denotam instrumentos, produtos e lugares. O objetivo foi apresentar evidências de que essas nominalizações não são formadas a partir de uma raiz simples, como propõem Grimshaw (1990), Marantz (1997) e Borer (2003). Demonstrei que há no interior dessas nominalizações elementos de natureza verbal, os quais são responsáveis pela introdução e incorporação de argumento interno. Outra evidência é que verbos transitivos morfologicamente causativizados também podem receber esse

tipo de morfologia nominalizadora. Na próxima seção, examinarei a estrutura dos nomes deverbais que denotam evento.

## 7.2 Nomes deverbais que denotam evento

Como foi discutido na seção 7.1, os nomes deverbais que denotam resultado são criados por meio do nominalizador {-*haw*}. Nesta seção, mostrarei que a nominalização de evento, além de utilizar essa mesma morfologia, exibe uma configuração sintática idêntica ao mapeamento das nominalizações de resultado. Diante disso, esta seção tem por objetivo examinar as estruturas configuracionais internas à nominalização eventiva. Minha hipótese é que o nominalizador {-*haw*} seleciona como complemento uma estrutura verbal mais complexa do que uma simples raiz verbal. Início com o exemplo abaixo que apresenta a nominalização de um verbo transitivo de ação.

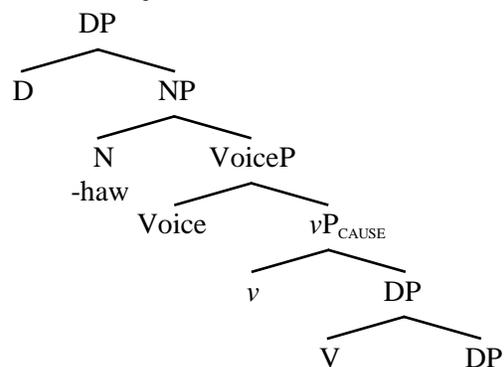
- (264) a. *u-zuka awa zàwàruhu a'e*  
 3-matar homem onça 3  
 “O homem matou a onça”
- b. *u-paw zàwàruhu i-zuka-haw na'aritykahy a'e*  
 3-cessar onça 3-matar-NOML rapidamente 3  
 “A matança da onça acabou rapidamente”

Note que o nominalizador {-*haw*} se junta ao verbo transitivo *zuka* “matar”, a fim de denotar o evento de matar. O DP *zàwàruhu* “onça”, por sua vez, ocupa a posição de complemento do nome deverbal, o qual engatilha no nome o prefixo relacional de

terceira pessoa *{i-}*. Vale ressaltar que esse argumento recebe o papel temático de afetado, o qual é atribuído pelo verbo em um instante da derivação anterior à nominalização.

Nas próximas subseções, investigo quais projeções podem estar presentes em nominalizações de evento, as quais envolvem o sufixo *{-haw}*. Para isso, aplicarei sete testes morfosintáticos que sustentam a hipótese de que esse nominalizador é capaz de selecionar como complemento VoiceP, conforme a estrutura em (265).

(265) Nominalização de evento em Tenetehára-Guajajára



### 7.2.1 Morfologia causativa

Vimos no exemplo (264), da seção anterior, que o morfema *{-haw}* se junta a verbos a fim de gerar nomes que denotam um evento. Evidência a favor dessa hipótese advém de poder haver morfologia causativa intervindo entre o nominalizador de evento e o verbo. Neste sentido, comparem-se os exemplos (266) e (267), os quais mostram que

verbos transitivos morfologicamente causativizados podem ser nominalizados pelo sufixo {-haw}.

(266) *u-paw kwarer i-mu-zahak-haw na'aritykahy a'e*  
 3-cessar menino 3-CAUS-banhar-NOML rapidamente 3  
 “O evento de banhar a criança acabou rapidamente”

(267) *u-paw kwarer i-mu-aku-haw na'aritykahy a'e*  
 3-cessar menino 3-CAUS-quente-NOML rapidamente 3  
 “o evento de aquecer a criança acabou rapidamente”

Pode-se afirmar que exemplos como esses servem como evidência de que o nominalizador {-haw} é capaz de se afixar a uma estrutura verbal que contenha  $vP_{\text{CAUSE}}$ , cujo núcleo é instanciado pelo morfema causativo {mu-}. Na próxima seção, serão apresentadas outras evidências de que as nominalizações de evento permitem que o morfema {-haw} selecione como complemento uma estrutura verbal mais articulada.

### 7.2.2 Morfologia de aplicativo alto

O segundo diagnóstico a favor da hipótese de que o nominalizador de evento em Tenetehára-Guajajára realmente se junta à estrutura verbal mais complexa se fundamenta nos dados abaixo. Veja que os verbos acompanhados de morfologia aplicativa podem receber o nominalizador {-haw}. Além disso, são os argumentos introduzidos pela morfologia aplicada, com a interpretação semântica de comitativo, que passam a exercer a função de complemento nominal.

(268) *u-paw àwiàw h-eru-wewe-haw na'aritykahy a'e*  
 3-cessar avião 3-APPL-voar-NOML rapidamente 3  
 “O voo com o avião terminou rapidamente”

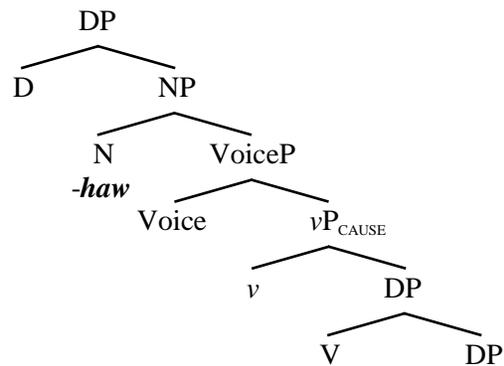
(269) *u-paw kàmiàw h-eru-zàn-haw na'aritykahy a'e*  
 3-cessar carro 3-APPL-correr-NOML rapidamente 3  
 “A corrida/viagem/passeio com o carro acabou rapidamente”

Nos exemplos acima, observe que o nominalizador {-haw} se afixa a uma estrutura verbal que projeta ApplP, cujo núcleo é instanciado pelo aplicativo alto {eru-}. Exemplos como esses corroboram a proposta de que a estrutura interna das nominalizações que denotam evento em Tenetehára-Guajajara é mais complexa do que uma simples raiz verbal. Na próxima seção, aplicarei um terceiro teste, que tem como objetivo confirmar a presença de um domínio verbal complexo no interior da nominalização.

### 7.2.3 Advérbios de modo

O terceiro teste consiste no escopo dos advérbios de modo. Pode-se afirmar, com base em Cinque (1999), que os advérbios de modo, tais como *rapidamente* e *lentamente*, são projetados acima de VP, conforme demonstra a estrutura sintática abstrata em (265), repetida abaixo como (270).

## (270) Nominalização de evento em Tenetehára-Guajajára



Espera-se que esses tipos de advérbios possam ocorrer em nominalizações de evento em Tenetehára-Guajajára, uma vez que o sufixo nominalizador {-haw} pode selecionar como complemento  $vP_{\text{CAUSE}}$ . De fato, é isso o que ocorre nas sentenças em (271b) e (272b).

- (271) a. *meweharupi u-kixi awa zàwàruhu a'e*  
 lentamente 3-cortar homem onça 3  
 “O homem cortou lentamente a onça”
- b. *u-paw zàwàruhu meweharupi i-kixi-haw a'e*  
 3-cessar onça lentamente 3-cortar-NOML 3  
 “O evento de cortar lentamente a onça acabou”
- (272) a. *na'aritykahy u-kixi awa zàwàruhu a'e*  
 rapidamente 3-cortar homem onça 3  
 “O homem cortou a onça rapidamente”
- b. *u-paw zàwàruhu na'aritykahy i-kixi-haw a'e*  
 3-cessar onça rapidamente 3-cortar-NOML 3  
 “O evento de cortar rapidamente a onça acabou”

Nos exemplos acima, note que os advérbios de modo têm escopo sintático sobre o evento descrito pelo verbo que foi nominalizado. Isso só é possível porque o nominalizador {-haw} seleciona como complemento uma estrutura verbal que inclui vP.

Em resumo, os três diagnósticos analisados até aqui mostram que o nominalizador de evento {-haw} de fato pode selecionar como complemento uma projeção verbal que contenha vP, o que corrobora a configuração sintática acima. O objetivo das próximas subseções é mostrar que projeções verbais mais altas, tais como VoiceP, figuram no interior das nominalizações de evento nessa língua.

#### 7.2.4 Morfologia de VoiceP

Para o quarto teste, verificarei a possibilidade de haver morfologia de VoiceP entre o nominalizador {-haw} e o verbo. Observe que o morfema {-haw} pode se juntar a estruturas que tenham projetado VoiceP. Isso é particularmente comprovado em contexto de voz reflexiva, por exemplo, em que o núcleo de VoiceP é realizado pelo prefixo verbal {ze-}, conforme as sentenças abaixo:

- (273) a. *u-ze-(e)xak awa a'e*  
 3-REFL-ver homem 3  
 “O homem se viu”
- b. *u-paw i-ze-(e)xak-haw a'e*  
 3-cessar 3-REFL-ver-NOML 3  
 “O evento de se olhar terminou”

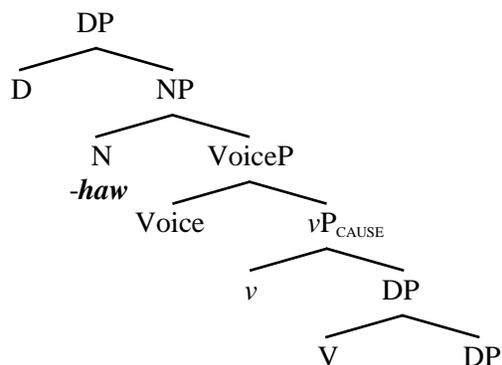
- (274) a. *u-ze-mim kwarer a'e*  
 3-REFL-esconder menino 3  
 “O menino se escondeu”
- b. *u-paw i-ze-mim-haw a'e*  
 3-cessar 3-REFL-esconder-NOML 3  
 “O evento de (brincar de) se esconder acabou”

Veja que, neste teste, em particular, a nominalização de evento se diferencia substancialmente da nominalização de agente em Tenetehára-Guajajára. Enquanto pode haver morfologia de VoiceP nas nominalizações de evento, conforme (273) e (274), a mesma situação não é possível nas nominalizações de agente, conforme mostram os exemplos em (230), repetidos a seguir como (275).

- (275) a. *\*i-ze-xak-har* “aquele que se vê”  
 b. *\*i-ze-mim-har* “aquele que se esconde”  
 c. *\*i-ze-àkyràg-har* “aquele que se balança”  
 d. *\*i-ze-kixi-har* “aquele que se corta”  
 e. *\*i-ze-hyw-har* “aquele que se enxuga”

Em síntese, o que se pode dizer sobre os exemplos acima é que as nominalizações de agente e de evento em Tenetehára-Guajajára exibem configurações sintáticas distintas. O nominalizador de agente {-har} só pode selecionar como complemento o  $vP_{\text{CAUSE}}$ , enquanto o nominalizador de evento {-haw} pode selecionar a projeção VoiceP. Tal evidência confirma a estrutura configuracional proposta em (265), repetida abaixo como (276).

## (276) Nominalização de evento em Tenetehára-Guajajára



Tendo em vista que o morfema  $\{-haw\}$  pode nominalizar projeções que contenham VoiceP, advérbios orientados para agente devem ser possíveis no interior dessa estrutura. A próxima seção terá por objetivo, portanto, verificar se tal suposição procede nesses contextos.

### 7.2.5 Advérbios de agente

A fim de confirmar que a nominalização de evento contém em sua estrutura interna a projeção VoiceP, aplico o quinto teste, que consiste no uso de locuções adverbiais orientadas para agente. Acompanhando a intuição de Kratzer (1996), os advérbios de agente têm escopo sobre VoiceP, cujo núcleo é responsável pelo licenciamento do argumento externo com a propriedade semântica de agente. É por essa razão que esses tipos de advérbios<sup>60</sup> podem ocorrer em nominalizações de evento, conforme mostram os exemplos a seguir.

<sup>60</sup> Ressalto que a língua Tenetehára-Guajajára não dispõe de uma classe nominal de advérbios que sejam orientados para agente. Por esta razão, decidi utilizar sintagmas posposicionais com valor semântico de advérbio agentivo.

- (277) a. *katu'ymaw r-upi u-petek awa zàwàruhu a'e*  
 maldade C-por 3-bater homem onça 3  
 “O homem bateu na onça por maldade”
- b. *u-paw zàwàruhu katu'ymaw r-upi i-petek-haw a'e*  
 3-cessar onça maldade C-por 3-bater-NOML 3  
 “O evento de bater na onça por maldade terminou”
- (278) a. *w-emi-mutar r-upi u-petek awa zàwàruhu a'e*  
 3-NOML-desejar C-por 3-bater homem onça 3  
 “Por desejo, o homem bateu na onça”
- b. *u-paw zàwàruhu i-petek-haw w-emi-mutar r-upi a'e*  
 3-cessar onça 3-bater-NOML 3-NOML-desejar C-por 3  
 “O evento de bater na onça por desejo terminou”

Veja que, nos exemplos acima, os adjuntos adverbiais orientados para uma interpretação agentiva podem ocorrer no domínio do nome deverbal. Este tipo de construção é possível na língua porque o morfema {-haw} é capaz de selecionar como complemento a projeção VoiceP, a qual recebe o escopo desses elementos adverbiais.

Em síntese, a possibilidade de os advérbios de agente e a morfologia de VoiceP ocorrerem em contexto de nominalização de evento demonstra que o morfema {-haw}, de fato, seleciona como complemento a projeção VoiceP. Nas próximas seções, mostrarei que o morfema {-haw}, apesar de ser capaz de selecionar VoiceP, não pode se juntar a projeções funcionais mais altas, tais como NegP e TP.

### 7.2.6 Negação verbal

O sexto teste consiste na tentativa de se nominalizar estruturas verbais que exibem morfologia de negação. É necessário ressaltar que a negação verbal em Tenetehára-Guajajára se manifesta por meio da morfologia circunfixal {*n-...-kwaw*}. Assumo que essa morfologia é a instanciação do núcleo da projeção NegP, a qual se realiza acima de VoiceP. Veja nos exemplos abaixo que um verbo com morfologia de negação não pode ser nominalizado.

- (279) a. *n-u-zuka-kwaw awa zàwàruhu a'e*  
 NEG-3-matar-NEG homem onça 3  
 “O homem não matou a onça”
- b. \**zàwàruhu n-u-zuka-kwaw-haw*  
 onça NEG-3-matar-NEG-NOML  
 “A não matança da onça”
- c. \**zawaruhu na-i-zuka-kwaw-haw*  
 onça NEG-3-matar-NEG-NOML  
 “A não matança da onça”

Exemplos como (279) servem para mostrar que o nominalizador {-*haw*}, apesar de se combinar com estruturas mais complexas do que um VP, não pode selecionar como complemento a projeção NegP. Na próxima seção, será mostrado ainda que esse nominalizador não pode se juntar a TP.

### 7.2.7 Morfologia de tempo

O último diagnóstico tem o intuito de verificar se as construções que envolvem a projeção de tempo em Tenetehára-Guajajára são passíveis de nominalização de evento. Ressalto que as marcas de tempo em Tenetehára-Guajajára, como vimos na seção 6.2.7, normalmente se manifesta por meio de partículas separadas do verbo, que correspondem a noções temporais de passado. Para assinalar a noção temporal de futuro, por sua vez, a língua Tenetehára-Guajajára utiliza o sufixo verbal {-*putar*}, o qual tem a função de codificar o aspecto projetivo. Com base nos exemplos agramaticais abaixo, pode-se afirmar que esse tipo de construção não é possível em Tenetehára-Guajajára. Assim, o morfema {-*haw*} não pode nominalizar a projeção TP.

- (280) a.    \**pira i-pyhyk rakwez       haw   (ri'i)*  
           peixe 3-pegar PAST.REC.AT  NOML CERT  
           “O evento passado recente de pegar o peixe (o falante viu)”
- b.    \**pira i-pyhyk kakwez       haw*  
           peixe 3-pegar PAST.DIST.AT  NOML  
           “O evento passado distante de pegar o peixe (o falante viu)”
- c.    \**pira i-pyhyk ze-kwehe       haw*  
           peixe 3-pegar NATT-PAST.DISTNOML  
           “O evento passado distante de pegar o peixe (o falante não viu)”
- d.    \**pira i-pyhyk ze-k-aipo       haw*  
           peixe 3-pegar NATT-PAST.DIST-DUV  NOML  
           “O evento passado distante de pegar o peixe (o falante não viu)”

- e.     \**pira i-pyhyk-putar-haw (nehe)*  
           peixe 3-pegar-PROJ-NOML INT  
           “O evento futuro de pegar o peixe”

Alternativamente, para as sentenças em (280), as nominalizações em Tenetehára-Guajajára podem receber os sufixos {-ram} e {-kwer}, a fim de denotar, respectivamente, o tempo futuro e passado. Como foi discutido na seção 3.3.2, esses sufixos tem a função de codificar mudança de estado, os quais podem ser orientados para mudança de estado não realizado {-ram} e mudança de estado realizado {-kwer}. Portanto, uma alternativa gramatical para os exemplos acima pode ser vista nos exemplos abaixo.

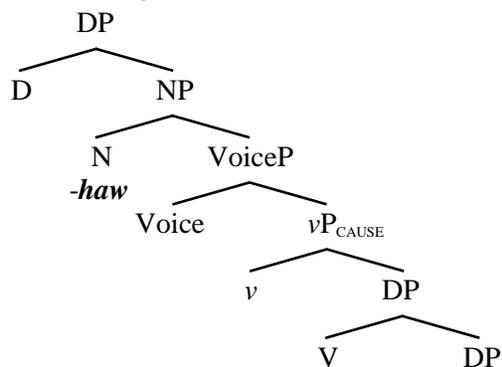
- (281) a.     *pira i-pyhyk-haw-ràm*  
           peixe 3-pegar-NOML-FUT  
           “O evento futuro de pegar o peixe”
- b.     *pira i-pyhyk-haw-kwer*  
           peixe 3-pegar-NOML-PAST  
           “O evento passado de pegar o peixe”

Em suma, nesta seção, vimos que as nominalizações de evento em Tenetehára-Guajajára de fato não são formadas a partir de uma raiz simples, uma vez que há no interior dessas nominalizações elementos de natureza verbal, os quais instanciam os núcleos de  $vP_{\text{CAUSE}}$ , ApplP e VoiceP, por exemplo. Outra evidência é que essas nominalizações eventivas permitem advérbios de modo e estruturas adverbiais orientadas para agente.

### 7.3 Proposta teórica

A partir dos exemplos que foram discutidos nas seções anteriores, a hipótese defendida neste capítulo é que as nominalizações de resultado e de evento em Tenetehára-Guajajára exibem uma estrutura verbal complexa no interior dessas nominalizações. Apresento uma série de evidências que sustentam a hipótese de que as projeções  $vP_{\text{CAUSE}}$ , ApplP e VoiceP estão presentes no interior das construções encabeçadas pelo nominalizador  $\{-haw\}$ , conforme a estrutura arbórea proposta em (265), repetida abaixo como (282).

(282) Nominalização de evento em Tenetehára-Guajajára



Os principais argumentos a favor dessa proposta se baseiam essencialmente no fato de que pode haver morfologia causativa, applicativa e reflexiva entre o morfema nominalizador e o verbo. A consequência disso é que não há restrição com relação à realização de advérbios de modo e de agente no interior da nominalização. Apesar de apresentar essa estrutura verbal mais complexa, o nominalizador, no entanto, não é capaz de se juntar a projeções mais altas na configuração sintática, tais como: NegP e TP, por exemplo. Vale ressaltar ainda que a impossibilidade de o nominalizador  $\{-haw\}$  se juntar a

NegP e TP evidencia que essas construções em Tenetehára-Guajajára também não podem ser comparadas a orações relativas. Se fossem orações relativas, as projeções NegP e TP seriam permitidas, conforme Johansson (2012).

Em suma, a nominalização com o morfema {-haw} apresenta um comportamento semelhante às nominalizações de evento e distinto das nominalizações de resultado (BAKER; VINOKUROVA, 2009). Além do mais, esta proposta é contrária a Marantz (1997), Alexiadou (2001) e Borer (2003, 2005), uma vez que esses autores sustentam que as nominalizações de resultado são construídas a partir de uma raiz. Veja o Quadro 15 que resume os testes e diagnósticos aplicados neste capítulo e mostra a distinção que há entre as orações relativas, a nominalização de evento e a nominalização de resultado.

Quadro 15 – Propriedades de nominalizações de resultado e evento

<b>Propriedades/ Testes</b>	<b>Nominalização de resultado em inglês</b>	<b>Nominalização de resultado em Tenetehára- Guajajára</b>	<b>Nominalização de evento em inglês</b>	<b>Nominalização de evento em Tenetehára- Guajajára</b>
Morfologia causativa	-	Sim	-	Sim
Morfologia aplicativa	-	Sim	-	Sim
Advérbios de modo	Não	-	Sim	Sim
Morfologia de VoiceP (Refl)	-	Sim	-	Sim
Advérbios de agente	Não	-	Sim	Sim
Morfologia de negação	Não	Não	-	Não
Morfologia de tempo	-	Não	-	Não

Em suma, a nominalização de evento com o morfema {-haw} apresenta um comportamento muito semelhante às nominalizações de evento com o sufixo {-ing} em inglês (BAKER; VINOKUROVA, 2009). Além disso, tal complexidade estrutural também se encontra nos contextos de nominalização de resultado em Tenetehára-Guajajára. Isso revela que o nominalizador pode selecionar como complemento uma estrutura verbal complexa e não uma raiz, como afirmam Marantz (1997), Alexiadou (2001) e Borer (2003, 2005).

#### **7.4 Resumo do capítulo**

Neste capítulo, tive o objetivo de corroborar a hipótese de que as nominalizações de resultado e de evento em Tenetehára-Guajajára exibem uma estrutura verbal mais complexa do que um simples VP. Para sustentar essa análise, foram apresentadas as seguintes evidências: (i) pode haver morfologia causativa e aplicativa entre o verbo e o morfema nominalizador {-haw}; (ii) pode haver morfologia de VoiceP (morfema reflexivo) abaixo do nominalizador {-haw}; e, por fim, (iii) pode haver advérbios de agente e de modo no interior da nominalização.

Vale ressaltar ainda que as nominalizações de evento apresentam um comportamento morfossintático previsto por Baker & Vinokurova (2009). No entanto, as nominalizações de resultado contrariam Marantz (1997), Alexiadou (2001) e Borer (2003, 2005), uma vez que esses autores sustentam que as nominalizações de resultado são construídas a partir de uma raiz.

## *Considerações finais*

O objetivo desta tese de doutorado foi investigar as propriedades sintáticas das projeções VoiceP e  $vP_{\text{CAUSE}}$  a partir do estudo sistemático da língua Tenetehára-Guajajara. Iniciei a investigação dessas projeções, considerando as línguas Kuikuro (Karib), Wari' (Txapakura), Paresi-Haliti (Arawak) e Ticuna (isolada). Fundamentado principalmente nos trabalhos de Pylkkänen (2002, 2008), apresentei argumentos empíricos a favor de se separar a projeção responsável pela introdução de argumento externo da projeção que codifica a semântica causativa. Um dos argumentos empíricos foi retirado da língua Paresi-Haliti, que exibe duas morfologias distintas que ocorrem concomitantemente. A coocorrência desses dois morfemas só é possível porque os núcleos Voice<sup>o</sup> e  $v_{\text{CAUSE}}^{\text{o}}$  são projetados separadamente.

Investiguei principalmente as construções causativas na língua Tenetehára-Guajajara, a qual apresenta dois morfemas causativos. Em termos descritivos, o prefixo {*mu-*} afixa-se a verbos intransitivos, enquanto o sufixo {-*kar*} se junta a verbos transitivos. Além dessa diferença, esses dois morfemas se distinguem ainda em várias

outras propriedades, tais como: (i) o causativo {*mu-*} resulta em sentenças mono-oracionais, ao passo que o causativo {-*kar*} gera sentenças que apresentam algumas propriedades de orações bioracionais, embora também seja mono-orações; (ii) o causativo {*mu-*} pode produzir predicados com interpretação idiomática, enquanto isso é impossível com o causativo {-*kar*}; e, por fim, (iii) o causativo {*mu-*} introduz uma semântica bieventiva de causação direta, ao passo que o causativo {-*kar*} exibe uma semântica bieventiva de causação indireta. Diante de todas essas propriedades, demonstrei que o morfema {-*kar*} apresenta características de causativo produtivo, já o morfema {*mu-*} exibe um comportamento híbrido. Por fim, considerando que os causativos lexicais e produtivos realizam o núcleo *v* (MIYAGAWA, 1998; HARLEY, 1995, 2008, 2013ab), examinei os contextos em que a língua Tenetehára-Guajajára permite dupla causativização. Pode-se afirmar que isso só é possível porque um núcleo *v* pode selecionar como complemento outro *v* causativo.

Analisei ainda as contribuições que as construções aplicativas em Tenetehára-Guajajára trazem para um estudo da projeção *v*P. Foi mostrado que, em uma construção aplicada, o predicado verbal passa a selecionar um argumento adicional na sua estrutura argumental. Esse núcleo aplicativo denota uma relação de um objeto aplicado com o evento descrito pelo verbo, na medida em que esse argumento apresenta uma função semântica de comitativo (VIEIRA, 2001, 2010a; CASTRO, 2013). Curiosamente, quando o prefixo {*eru-*} se junta a verbos transitivos, aparentemente nenhum argumento adicional é licenciado na estrutura argumental. Assim, o verbo transitivo inicial mantém a mesma quantidade de argumentos nucleares. No entanto, a adição dessa morfologia faz

com que o sujeito inicialmente agentivo passa a exercer a função semântica de comitativo.

O que de fato acontece é que os verbos transitivos, quando recebem morfologia aplicativa, deixam de licenciar um argumento externo agente. Em termos de configuração sintática, VoiceP não é projetado. Propus que isso só é possível devido aos parâmetros selecionados pela língua Tenetehára-Guajajára, de forma que o núcleo de  $vP_{\text{CAUSE}}$  pode ser projetado sem que se introduza um argumento externo agente. Essa construção se configura como um forte argumento a favor da cisão do núcleo de  $vP$  em  $\text{Voice}^0$  e  $v^0_{\text{CAUSE}}$ .

Examinei ainda as nominalizações de agente em Tenetehára-Guajajára, argumentei que esse tipo de nominalização exibe uma configuração que não permite a introdução de argumento externo, apesar de haver, por exemplo, morfologia causativa. Por conseguinte, o núcleo de  $vP_{\text{CAUSE}}$  pode estar fonologicamente preenchido, apesar de não haver nenhum VoiceP configuracionalmente projetado. Esse processo reforça a análise de que as projeções VoiceP e  $vP_{\text{CAUSE}}$  estão dissociadas nessa língua.

Mostrei também que as nominalizações de agente em Tenetehára-Guajajára figuram como contraexemplo para a proposta de Baker & Vinokurova (2009), segundo a qual as nominalizações de agente envolvem apenas uma raiz verbal. Como foi possível mostrar, as nominalizações de agente em Tenetehára-Guajajára exibem uma estrutura nominalizada mais complexa. Para sustentar essa análise, foram apresentadas as seguintes evidências: (i) pode haver morfologia causativa e aplicativa entre o morfema nominalizador e o verbo e (ii) pode haver advérbios de modo no

interior da nominalização. O curioso é que, embora  $vP_{CAUSE}$  esteja presente, VoiceP não pode ser projetado, o que serve com argumento adicional para a projeção cindida de  $vP$ .

De acordo com Grimshaw (1990), as nominalizações de resultado nas línguas naturais são formadas a partir de raízes verbais. Por esse motivo, esse autor afirma que não poderia haver, por exemplo, morfologias verbais que intervenham entre o nominalizador e a raiz verbal. Mostrei, no entanto, que a língua Tenetehára-Guajajára figura como um contraexemplo, uma vez que há morfologia causativa e reflexiva que pode ocorrer abaixo do nominalizador. A consequência imediata é que tais nominalizações, por serem morfologicamente complexas, podem sofrer decomposição.

Por fim, ressalto que esta tese de doutorado teve por objetivo examinar uma série de construções no intuito de analisar as propriedades inerentes às projeções VoiceP e  $vP_{CAUSE}$  na língua Tenetehára-Guajajára. Espero que essa investigação tenha fornecido boas contribuições para o estudo tipológico e sintático do  $v$ -zinho.

## Referências

ABNEY, Steven. *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. 1987. 234 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1987.

ALEXIADOU, Artemis. *Functional structure in nominals: nominalization and ergativity*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2001.

ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena; SCHÄFER, Florian. The properties of anticausatives crosslinguistically. In: FRASCARELLI, Mara (Org.). *Phases of Interpretation*. Berlin: Mouton, 2006. p. 187-212.

APONTES, Selmo Azevedo. *Descrição gramatical do Oro Waram, variante Wari' norte (Pakaa Nova, Chapakura): fonologia, morfologia e sintaxe*. 2015. 303 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

APONTES, Selmo Azevedo; CAMARGOS, Quesler Fagundes. *Processo de causativização em Oro Waram e suas consequências para a codificação dos argumentos nucleares*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS NA AMAZÔNIA, 4., 2013, Belém. *Anais...* Belém: UFPA, 2013. p. 1-10.

ARAD, Maya. Locality constraints on the interpretation of roots: the case of Hebrew denominal verbs. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 21, p. 737-778, 2003.

ARAD, Maya. *Roots and Patterns: Hebrew Morpho-Syntax*. Dordrecht: Springer, 2005.

- ARONOFF, Mark. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: MIT Press, 1976.
- BAKER, Mark C. *Incorporation: a theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- BAKER, Mark C.; VINOKUROVA, Nadya. On agent nominalizations and why they are not like event nominalizations. *Language*, v. 85, p. 517-556, 2009.
- BARBOSA, Antônio Lemos. *Curso de Tupi Antigo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.
- BENDOR-SAMUEL, David. *A Phonemic Analysis of Guajajara*. Anápolis: Associação Internacional de Linguística, 1963.
- BENDOR-SAMUEL, David. *Gramática Pedagógica da Língua Guajajara*. Anápolis: Associação Internacional de Linguística, 1969.
- BLANCO, Mercedes Tubino. *Causatives in Minimalism*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2011.
- BORER, Hagit. *Structuring Sense II: The Normal Course of Events*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- BORER, Hagit. The grammar machine. In: ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena; EVERAERT, Martin (Org.). *The Unaccusativity Pyzzle*. Oxford: Oxford University Press, 2003. p. 288-331.
- BOUDIN, Max Henri. *Dicionário de Tupi Moderno: dialeto tembé-ténêthar do alto rio Gurupi*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humana, 1978.
- BRANDÃO, Ana Paula Barros. *A reference grammar of Paresi-Haliti (Arawak)*. 2014. 457 f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Texas, Austin, 2014.
- BRANDÃO, Ana Paula Barros. *Verb morphology in Paresi-Haliti (Arawak)*. 2010. 66 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – University of Texas, Austin, 2010.
- CAMARGOS, Quesler Fagundes. A sintaxe e a morfologia das nominalizações na língua Tenetehára (Tupí-Guaraní). *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 12, p. 110-134, 2016.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. Causativização morfológica na Língua Tenetehára: análise à luz da estrutura bipartida do VP. *Revista Virtual dos Estudantes de Letras*, Belo Horizonte, v. 6, p. 1-28, 2013b.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. Estatuto gramatical do morfema causativo {-kar} na língua Tenetehára (Tupí-guaraní). *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 199-217, 2014.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. *Estruturas causativas na língua Tenetehára: uma abordagem minimalista*. 2013. 187 f. Dissertação (Mestre em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013a.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. Exploring agreement displacement from the Internal to the External Argument in the Tenetehára language (Tupí-Guaraní Family). *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, 2017. No prelo.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. O parâmetro “Agregação de Voice” e as funções de *v-zinho* em quatro línguas indígenas brasileiras. *Linguística*, Madrid, v. 31, p. 111-129, 2015.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. *Para onde foram os adjetivos em Tenetehára?* 2010. 60 f. Monografia (Bacharel em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; CASTRO, Ricardo Campos. Morfemas causativos nas línguas indígenas brasileiras. *Web-Revista SOCIODIALETO*, v. 5, p. 198-218, 2015.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; CASTRO, Ricardo Campos. Paralelismo entre DP e CP a partir das nominalizações na língua Tenetehára. *Revista da ANPOLL*, v. 34, p. 393-434, 2013.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; DUARTE, Fábio Bonfim. Hacia dónde fueron los adjetivos en Tenetehára? In: GARAY, Ana Fernández; CENSABELLA, Marisa; MALVESTITTI, Marisa (Org.). *Linguística amerindia: contribuciones y perspectivas*. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2013. p. 43-58.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; MANUEL, Indra Marrime; MACHAVELE, Domingas. Causação direta e indireta na língua Citshwa (Grupo Bantu). In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE DINÂMICAS SOCIAIS EM ÁFRICA: RUPTURAS E CONTINUIDADES, 3., 2014, Maputo. *Conferências...* Maputo: CEA/UEM, 2014.

CAMARGOS, Quesler Fagundes; SILVA, Cintia Maria Santana. Sistema de concordância cíclica na língua Tenetehára (família linguística Tupí-Guaraní). In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, 9., 2016, Ji-Paraná. *Anais ...* Porto Velho: EDUFRO, 2016. v. 1. p. 683-693.

CAMPBELL, Gwyn. Revisitando as origens malgaxes. *Tempo*, v. 10, n. 20, p. 7-22, jan. 2006.

CARREIRA, Genne Eunice da Silva. *Parâmetros e macroparâmetros: um olhar sobre as línguas indígenas Tembé e Guajajára (Tupi)*. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CARVALHO, Marcia Goretti Pereira de. Mudanças Estruturais na Língua Tembé. In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall’Igna (Org.). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2007. v. 1, p. 341-348.

CARVALHO, Márcia Goretti Pereira. *Sinais de morte ou vitalidade? Mudanças estruturais na língua Tembé*. 2001. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

CASTRO, Ricardo Campos. *Interface morfologia e sintaxe em Tenetehára*. 2007. 81 f. Dissertação (Mestre em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

CASTRO, Ricardo Campos. *Morfossintaxe Tenetehára (Tupí-Guaraní)*. 2017. 205 f. Tese (Doutor em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CASTRO, Ricardo Campos. O epifenômeno da alternância de valência na língua Tenetehára (Tupí-Guaraní). *Revista da ANPOLL*, n. 34, p. 347-391, jan./jun. 2013.

CASTRO, Ricardo Campos; CAMARGOS, Quesler Fagundes. Propriedades verbais em estruturas nominais e nominalizadas na língua Tenetehára (Família Tupí-Guaraní). *LIAMES*, Campinas, v. 15, p. 47-67, 2015.

ÇETINOĞLU, Özlem; BUTT, Miriam; OFLAZER, Kemal. Mono/bi-causality of Turkish Causatives. In: AY, Sila; AYDIN, Ozgur; ERGENC, Iclal; GOKMEN, Seda. *Essays on Turkish Linguistics*. Antalya: David Brown Book Co, 2010. p. 43-52.

CHOMSKY, Noam. 1970. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, Roderick A.; ROSENBAUM, Peter S. (Org.). *Readings in English Transformational Grammar*. Boston: Ginn, 1970. p. 184-221.

CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, Michael (Org.). *Ken Hale: a life in language*. Cambridge: MIT Press, 2001. p. 1-52.

CHOMSKY, Noam. Minimalist Inquiries: The Framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. (Org.). *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge: MIT Press, 2000.

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge: MIT Press, 1995.

CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford, 1999.

COSTA VAL, Maria das Graças. *Redação e Textualidade*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CUERVO, Maria Christina. *Datives at large*. 2003. 211 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2003.

DIETRICH, Wolf. O tronco tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico. In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (Org.). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2010. p. 9-25.

DIXON, R. M. W. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DIXON, R. M. W. Ergativity. *Language*, v. 55, n. 1, p. 59-138, 1979.

DOWTY, David. On the semantic content of the notion ‘Thematic Role’. In: CHIERCHIA, G.; PARTEE, B.; TURNER, R. (Org.). *Properties, Types and Meaning II*. Dordrecht: Kluwer, 1989. p. 69-129.

DUARTE, Fábio Bonfim. *Análise gramatical das orações da Língua Tembé*. 85 f. 1997. Dissertação (Mestre em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

DUARTE, Fábio Bonfim. Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehára. *LIAMES*, Campinas, v. 4, n. 4, p. 113-145, 2006.

- DUARTE, Fábio Bonfim. *Coletâneas de narrativas Tenetehára*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008.
- DUARTE, Fábio Bonfim. Construções de gerúndio na língua Tembé. *LIAMES*, Campinas, v. 1, p. 77-99, 2002.
- DUARTE, Fábio Bonfim. *Estudos de morfossintaxe Tenetehára*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007a.
- DUARTE, Fábio Bonfim. Expressão da quantificação em Tenetehára. In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall’Igna (Org.). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2007b, p. 333-340.
- DUARTE, Fábio Bonfim. Movimento de Constituintes na Língua Tembé. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, v. 5, p. 1-11, 2000.
- DUARTE, Fábio Bonfim. Negação Frásica na Língua Tembé. *Caminhos Lingüísticos*, v. 1, n.1, p. 374-381, 2004.
- DUARTE, Fábio Bonfim. On the semantics of affectedness and its implication for the argument structure in the Ka'apor language. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 99-122, 2014.
- DUARTE, Fábio Bonfim. *Ordem dos constituintes e movimento em Tembé: minimalismo e anti-simetria*. 2003. 192 f. Tese (Doutor em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- DUARTE, Fábio Bonfim. Ordem dos constituintes na língua Tembé. *Revista da Universidade Católica de Brasília*, Brasília, v. 6, n. 1, p. 71-80, 1998.
- DUARTE, Fábio Bonfim. Propriedades Denotacionais do prefixo relacional {i- e h-} em Tenetehára. *Revista Estudos Lingüísticos XXXIV*, Campinas, v. 1, n.1, p. 1194-1199, 2005.
- DUARTE, Fábio Bonfim. Tenetehára: A predicate-fronting language. *The Canadian Journal of Linguistics / La revue canadienne de linguistique*, v. 57, p. 359-386, 2012.
- DUARTE, Fábio Bonfim; CAMARGOS, Quesler Fagundes. Núcleos causativos na língua Tenetehára: natureza dos complementos selecionados por CAUSE. In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall’Igna; LOPES, Jorge Domingues; JULIÃO, Maria Risolêta Silva (Org.). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2011. v. 3, p. 147-162.

DUARTE, Fábio Bonfim; CAMARGOS, Quesler Fagundes; CASTRO, R. C. Estruturas antipassivas em Tenetehára. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, v. 18, p. 318-341, 2014.

DUARTE, Fábio Bonfim; CAMARGOS, Quesler Fagundes; CASTRO, Ricardo Campos. Antipassive structure in Tenetehára (Tupi-Guarani family). *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 8, p. 61-82, 2016.

DUARTE, Fábio Bonfim; CASTRO, Ricardo Campos. Inergatividade, Estrutura Casuativa e Incorporação Nominal em Tenetehára. In: CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall’Igna; DUARTE, Fábio Bonfim (Org.). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2010. v. 2, p. 43-62.

DUARTE, Fábio Bonfim; CASTRO, Ricardo Campos; CAMARGOS, Quesler Fagundes. A quantificação na língua Tenetehára (Tupí-Guaraní). In: MALVESTITTI, Marisa; DREIDEMIE, Patricia (Org.). *Libro de Actas del III Encuentro de Lenguas Indígenas Americanas (ELIA)*. Viedma: Universidad Nacional de Río Negro, 2014. p. 237-250.

EMBICK, David. Unaccusative Syntax and Verbal Alternation. In: ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena; EVERAERT, Martin. *The Unaccusativity Puzzle*. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 137-158.

EMBICK, David. *Voice and the interfaces of Syntax*. 1997. 320 f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania, Pennsylvania, 1997.

EMBICK, David. Voice Systems and the Syntax/Morphology Interface. In: HARLEY, Heidi (Org.). *Papers from the UPenn/MIT Roundtable on Argument Structure and Aspect*. Cambridge: MIT Press, 1998. p. 41-72.

EMBICK, David; NOYER, Rolf. Distributed Morphology and the syntax-morphology interface. In: RAMCHAND, Gillian; REISS, Charles (Org.) *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 289-324.

EVERETT, Daniel L.; KERN, Barbara. *Wari’*: the Pacaas Novos Language of Western Brazil. London: Routledge, 1997.

FRANCHETTO, Bruna. *Falar Kuikuro*: estudo etnolinguístico de um grupo karíbe do Alto Xingu. 1986. 577 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1986.

FRANCHETTO, Bruna. Kuikuro: uma língua ergativa no ramo meridional da família karib (Alto Xingu). QUEIXALÓS, Francisco (Org.). *Ergatividade na Amazônia I*. Paris: Centre d'études des langues indigènes d'Amérique, 2002. p. 15-44.

FRANCHETTO, Bruna; SANTOS, Gélsama Mara Ferreira dos. Estruturas argumentais em Kuikuro (Karib do Alto Xingu). In: CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (Org.). *Estudos sobre Línguas Indígenas I*. Belém: UFPA, 2001. p. 101-115.

FRANCHETTO, Bruna; SANTOS, Gélsama Mara Ferreira dos. Natureza dos argumentos e mudança de valência a partir de uma classificação (semântica) dos 'verbos' Kuikuro. In: QUEIXALÓS, Francisco (Org.). *Ergatividade na Amazônia II*. Paris: Centre d'études des langues indigènes d'Amérique, 2003. p. 101-154.

FREITAS, Maria Luisa de Andrade. Estudo sobre os nomes em Mbya Guarani: a posse. In: DUARTE, Fábio Bonfim. *Cisão de caso, telicidade e posse em línguas indígenas brasileiras*. Belo Horizonte: FALE, 2007. p. 65-75.

FRIEDMANN, Na'ama; GRODZINSKY, Yosef. Split inflection in neurolinguistics. In: FRIEDEMANN, Marc-Ariel; RIZZI, Luigi (Org.) *The acquisition of syntax*. Harlow: Longman, 2000. p. 84-104.

FRIEDMANN, Na'ama; GRODZINSKY, Yosef. Tense and agreement in agrammatic production: Pruning in the syntactic tree. *Brain and Language*, v. 56, p. 397-425, 1997.

GRIMSHAW, Jane B. *Argument Structure*. Cambridge: MIT Press, 1990.

HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay. *The View from Building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 53-109.

HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay. *The View from Building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 111-176.

HARLEY, Heidi. External arguments and the Mirror Principle: on the distinctness of Voice and v. *Lingua*, v. 125, p. 34-57, 2013a.

- HARLEY, Heidi. On the causative construction. In: MIYAGAWA, Shigeru; MAMURO, Saito (Org.). *The Oxford Handbook of Japanese Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 20-53.
- HARLEY, Heidi. *Subjects, events, and licensing*. 1995. 239 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1995.
- HARLEY, Heidi. The ‘bundling’ hypothesis and the disparate functions of little v. In: LITTLE V WORKSHOP, 2013, Leiden. *Proceedings of...* Leiden: University Centre for Linguistics, 2013b. p. 1-18.
- HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. Distributed morphology. *Glott International*, v. 4, n. 4, p. 3-9, 1999.
- HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. Mixed nominalizations, object shift, and short verb movement in English. In: ANNUAL MEETING OF THE NORTH EAST LINGUISTIC SOCIETY (NELS), 28., 1997, Amherst. *Proceedings of...* Amherst: GLSA, 1997. p. 143-159.
- HARRISON, Carl. The interplay of causative and desiderative in Guajajára. *Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras UFPA*, Belém, n. 4, 1995.
- HARRISON, Carl. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. In: DERBYSHIRE, Desmond C.; PULLUM, Geoffrey K. (Org.). *Handbook of Amazonian Languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. p. 407-439.
- HARRISON, Carl; HARRISON, Carole. *Dicionário Guajajára-Português*. Anápolis: Associação Internacional de Linguística, 2013.
- HORVATH, Julia; SILONI, Tal. Causatives across Components. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 29, n. 3, p. 657-704, 2011.
- HUNG, Henrietta J. *The Structure of Derived Nouns and Verbs in Malagasy: a syntactic account*. McGill University, 1988. (Não publicado)
- JEONG, Youngmi. *The landscape of applicatives*. 2006. 214 f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Maryland, Maryland, 2006.
- JOHANSSON, Sara. Relative clauses, or clause-sized nominalizations? A consideration of Blackfoot. *Working Papers of the Linguistics Circle*, v. 21, n. 2, p. 1-15, 2012.

KEY, Gregory. *The morphosyntax of the Turkish causative construction*. 2013. 263 f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Arizona, Arizona, 2013.

KIPARSKY, Paul. Word Formation and the Lexicon. In: THE MID-AMERICA LINGUISTICS CONFERENCE, 1982, Kansas. *Proceedings of...* Kansas: University of Kansas, 1982. p. 3-29.

KRATZER, Angelika. Severing the External Argument from its Verb. In: ROORYCK, Johan; ZARING, Laurie (Org.). *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996.

KRATZER, Angelika. *The Event Argument and the Semantics of Voice*. Amherst: University of Massachusetts, 1994. (Não publicado)

LARSON, Richard. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, v. 19, p. 335-391, 1988.

LEGATE, Julie Anne. *Voice and v: Lessons from Acehnese*. Cambridge: MIT Press, 2014.

LEITE, Yonne. As construções causativas em Tapirapé. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*, v. 8, 1994, p. 73-86.

LEVIN, Beth. *English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, Beth. Objecthood. An Event Structure Perspective. In: BILLINGS, Sabrina J.; BOYLE, John P.; GRIFFITH, Aaron M. (Org.). *Proceedings of Chicago Linguistic Society (CLS)*, 35, Part 1: Papers from the Main Session. Chicago: University of Chicago, 1999. p. 223-247.

LEVIN, Beth; RAPPAPORT-HOVAV, Malka. *Unaccusativity: At the Syntax-Lexical Semantics Interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.

LOPES, Mário Alexandre Garcia. *Aspectos gramaticais da língua Ka'apor*. 2009. 287 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. Tradução de Rosa Virgínia Mattosve Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

MARANTZ, Alec. A Late Note on Late Insertion. In: KIM, Young-Suk; LEE, Byung-Choon; LEE, Kyoung-Jae; YANG, Hyun-Kwon; YOON, Jong-Yurl (Org.). *Explorations in Generative Grammar: A Festschrift for Dong-Whee Yang*. Seoul: Hankuk Publishing, 1993. p. 396-413.

MARANTZ, Alec. *Case and licensing*. In: EASTERN STATES CONFERENCE ON LINGUISTICS, 8., 1991, Baltimore. *Proceedings of...* Baltimore: University of Maryland, 1991. p. 11-29.

MARANTZ, Alec. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS, Alex; SIEGEL, Laura; SUREK-CLARK, Clarissa; WILLIAMS, Alexander (Org.). *Proceedings of the 21 st Penn Linguistics Colloquium*. Philadelphia: Upenn Working Papers in Linguistics, 1997. p. 201-225.

MARANTZ, Alec. *On the nature of grammatical relations*. Cambridge: MIT Press, 1984.

MATHIEU, Eric. Nominalizations in Ojibwe. In: PAUL, Ileana. *Cross-linguistic Investigations of Nominalization Patterns*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2014. p. 3-24.

MATTOS, Ana Cristina Rodrigues. *A cisão intransitiva em línguas da família Tupí-Guaraní*. 2015. 112 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2015.

MCGINNIS, Martha. *UTAH at merge: evidence from multiple applicatives*. Alberta: University of Calgary, 2004.

MCGINNIS, Martha. Variation in the phase structure of applicatives. *Linguistics Variation Yearbook*, v. 1, p. 105-146, 2001.

MCHOMBO, Sam A. A Formal Analysis of the Stative Construction in Bantu. *Journal of African Languages and Linguistics*, v. 14, p. 5-28, 1993.

MIGLIAZZA, Ernesto. Linguistic prehistory and the refuge model in Amazonia. In: PRANCE, Ghilleen T. (Org.). *Biological diversification in the tropics*. New York: Columbia University Press, 1982. p. 497-519.

MIYAGAWA, Shigeru. (S)ase as an elsewhere causative and the syntactic nature of words. *Journal of Japanese Linguistics*, v. 16, p. 67-110, 1998.

NOYER, Rolf. *Features, Positions and Affixes in Autonomous Morphological Structure*. New York: Garland, 1997.

PARSONS, Terence. *Events in the Semantics of English: a study of subatomic semantics*. Cambridge: MIT Press, 1990.

PAYNE, Doris L. The Tupi-Guarani Inverse. In: FOX, Barbara A.; HOPPER, Paul J. (Org.). *Voice: Form and Function*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994.

POLINSKY, Maria. Applicative Constructions. In: DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin (Org.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. cap. 109.

PRAÇA, Walkíria Neiva. *Morfossintaxe da língua Tapirapé (Família Tupí-Guaraní)*. 2007. 282 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PYLKKÄNEN, Liina. *Introducing Arguments*. 2002. 137 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2002.

PYLKKÄNEN, Liina. *Introducing Arguments*. Cambridge: MIT Press, 2008.

RAPPAPORT-HOVAV, Malka; LEVIN, Beth. Building verb meanings. In: BUTT, Miriam; GEUDER, Wilhelm. *The projection of arguments: lexical and syntactic constraints*. Stanford: CSLI, 1998. p. 97-134.

ROCHA, Bárbara Guimarães. *A categoria aplicativo: definição e propriedades*. 2014. Monografia (Bacharelado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. A classificação do tronco linguístico tupi. *Revista de Antropologia*, v. 12, p. 99-104, 1964.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas brasileiras: para conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Morfologia do verbo Tupi. *Letras*, v. 1, p. 121-152, 1953.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia*, v. 27/28, p. 33-53, 1985.

- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. Tupí. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (Org.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 107-124.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Revendo a classificação da família Tupí-Guaraní. In: RODRIGUES, Aryon Dall’Igna; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara (Org.). *Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática e História*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Belém: Editora UFPA, 2002.
- RUDE, Noel. Objetos dobles y relaciones gramaticales: el caso del yaqui. In: FERNÁNDEZ, Z. E.; FIGUEROA, M.; CRUZ, G. L. (Org.). *Memorias del III Encuentro de Lingüística en el Noroeste*. Hermosillo: Universidad de Sonora, 1996.
- SANTOS, Gélsama Mara Ferreira dos. *Morfologia Kuikuro: as categorias ‘nome’ e ‘verbo’ e os processos de transitivização e intransitivização*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- SANTOS, Gélsama Mara Ferreira dos. *Morfologia Kuikuro: gerando nome e verbos*. 2007. 303 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- SCHÄFER, Florian. *The Syntax of (Anti-)Causatives*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2008.
- SEKI, L. Kamaiurá (Tupí-Guaraní) as an active-stative language. In: PAYNE, Doris. *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press, 1990. p. 367-392.
- SHIBATANI, Masayoshi. The Grammar of Causative Constructions: A Conspectus. In: SHIBATANI, Masayoshi (Org.). *Syntax and Semantics: The Grammar of Causative Constructions*. New York: Academic Press, 1976. p. 1-40.
- SILVA, Gino Ferreira da. *Construindo um dicionário Parakanã-Português*. 2003. 179 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.
- SILVA, Glauber. *Morfossintaxe da língua Paresi-Haliti*. 2013. 602 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- SILVA, Tabita Fernandes da. O modo Indicativo II em Tenetehára: considerações históricas. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 5, n. 2, p. 421-434, 2013.

SILVA, Tabita Fernandes. *História da língua Tenetehára: contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família lingüística Tupi-Guarani do Tronco Tupi*. 2010. 1145 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SILVA, Tabita Fernandes; CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Desvendando a história interna do morfema *pà* da Língua Tenetehára. *Estudos da Língua(gem)*, v. 4, n. 2, p. 77-86, 2006.

SMITH, Carlota S. Jespersen's 'Move and Change' Class and Causative Verbs in English. In: JAZAYERI, Mohammad Ali; POLOME, Edgar C.; WINTER, Werner (Org.). *Linguistic and Literary Studies in Honor of Archibald A. Hill*. The Hague: Mouton, 1970. p. 101-109.

SOARES, Marília Lopes da Costa Facó. Categorias funcionais e conhecimento enciclopédico ou sintaxe e significado no domínio verbal: noções aspectuais e expressão da causatividade em Ticuna. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 18, n. 1, p. 187-234, 2010.

SOLANO, Eliete de Jesus Bararuá. *Descrição gramatical da língua Araweté*. 2009. 519 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2009.

SVENONIUS, Peter. Slavic Prefixes inside and outside VP. *Nordlyd*, v. 32, n. 2, p. 205-253, 2004.

SVENONIUS, Peter. *Two domains of causatives*. In: CASTL, 2005, Tromsø. *Proceedings of...* Tromsø: University of Tromsø, 2005. p. 1-5.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida C. R. Argumentos dativos: um cenário para o núcleo aplicativo no português europeu. *Revista da ABRALIN*, v. 5, p. 239-266, 2006.

VIEIRA, Márcia Maria Damaso. A busca por diagnósticos para identificar verbos inacusativos e inergativos em Guarani. *Revista FSA*, Teresina, v. 10, n. 1, p. 187-210, 2013.

VIEIRA, Márcia Maria Damaso. A natureza das sentenças possessivas em Mbyá-Guarani. In: QUEIXALÓS, Francisco (Org.). *Des noms et de verbs en Tupi-Guarani: état de la question*. Munique: LINCOM EUROPA, 2001.

VIEIRA, Márcia Maria Damaso. Causative constructions in Tupi-Guarani. In: FRANÇA, Aniela Improtá; MAIA, Marcus (Org.). *Papers in Psycholinguistics: Proceedings of the First International Psycholinguistics Congress*. Rio de Janeiro: Imprinta, 2010b. p. 233-243.

VIEIRA, Márcia Maria Damaso. Os núcleos aplicativos e as línguas indígenas brasileiras. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 141-164, 2010a.

VIEIRA, Márcia Maria Damaso. Os núcleos aplicativos em Paumarí (família Arawá). *Estudos da Língua(gem)*, v. 4, n. 2, 2006, p. 117-136.

WALKER, Robert S.; WICHMANN, Soren; MAILUND, Thomas; ATKINSON, Curtis J. Cultural phylogenetics of the tupi language in Lowland South America. *Plos One*, v. 7, n. 4, p. 1-9, 2012.

WHALEY, Lindsay. *Introduction to typology: the unity and diversity of language*. Newbury Park: Sage Publications, 1997.